

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JULIANA DE JESUS CHINELLI



A PRÁTICA DE PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO NA REDE
MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: A QUESTÃO DE RELIGIÕES
DE MATRIZ AFRICANA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2017.

VITÓRIA
2017

JULIANA DE JESUS CHINELLI

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2017.



A PRÁTICA DE PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO NA REDE
MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: A QUESTÃO DE RELIGIÕES
DE MATRIZ AFRICANA

Trabalho Final de Mestrado Profissional para
obtenção do grau de Mestre em Ciências das
Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Religião e Esfera Pública.

ORIENTADOR: Dr. José Adriano Filho

VITÓRIA
2017

Chinelli, Juliana de Jesus

A Prática de professores de Ensino Religioso na Rede Municipal do Rio de Janeiro / A questão de religiões de matriz africana / Juliana de Jesus Chinelli. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

ix, 89 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

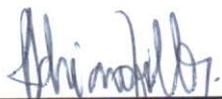
Referências bibliográficas: f. 83-89

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Ensino religioso. 4. Religião de matriz africana. 5. Prática de professores. 6. Ensino religioso no Rio de Janeiro. - Tese. I. Juliana de Jesus Chinelli. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

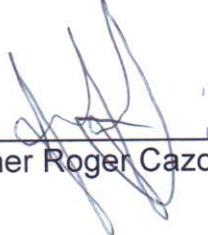
JULIANA DE JESUS CHINELLI

A PRÁTICA DE PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO NA REDE
MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: A QUESTÃO DE RELIGIÕES
DE MATRIZ AFRICANA

Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)


Doutora Claudete Beise Ulrich – UNIDA
Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à Santíssima Trindade.

À falange dos Pretos Velhos por me sensibilizarem à causa das Religiões de Matriz Africana através da querida Umbanda.

Aos líderes sacerdotais Pai Geraldo (Mensageiros da Paz) e Pai Jorge.

A minha mãe Méri de Jesus Chinelli, responsável por minha formação moral, e aos meus colegas de trabalho e alunos.

Aos amigos Elaine Marilac, Rodrigo Fonte, Carolina Germanio e Leidiane Sabino pelo incentivo.

À Faculdade Unida pelo crédito demonstrado durante meu percurso no decorrer deste estudo. Em especial ao meu orientador Dr. José Adriano Filho.

A Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro por fornecimento de dados.



DEDICATÓRIA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 30/06/2017.



Ao meu pai (in memoriam) Anniceto Chinelli, maior incentivador indireto de minha trajetória acadêmica.

Aos amados filhos Enzo e Víctor, pela convivência engrandecedora.

Aos professores de Ensino Religioso

RESUMO

Este estudo delimitou como objetivo geral analisar as temáticas das diretrizes curriculares acerca da formação de professores de Ensino Religioso, e os tipos de influência que exercem em sua prática ao se tratar do significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana. Entre os objetivos específicos destacam-se: realizar uma análise sobre o significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana; promover um estudo empírico sobre as religiões de matriz africana, sobretudo, investigando também se há ação de formação continuada em serviço voltada para a cultura institucional e a formação intelectual do professor que pressupõe crítica e autocrítica sobre a temática étnica; caracterizar Lei regulamentadora do Ensino Religioso no Rio de Janeiro e sua organização; e por fim, identificar as temáticas acerca da formação de professores de Ensino Religioso, e sua influência no significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana. A justificativa do estudo está no fato de mostrar a influência e real aplicabilidade dos conceitos afrodescendentes nas grades curriculares das escolas municipais do Rio de Janeiro e o nível de diálogo entre esses professores e seus alunos, sobre a cultura e religiões de matriz africana. Assim, busca-se levantar dados para saber de que forma os conflitos raciais e religiosos são abordados na escola, pois como instituição responsável pela formação do cidadão, deve enxergar os alunos como sujeitos no processo educacional e, assim sendo, deve buscar produzir relações harmônicas de modo a preservar as diferenças institucionais sem, no entanto, transformá-las em desigualdades. A presente pesquisa científica tem como objeto estudar as diretrizes curriculares do ensino da disciplina Ensino Religioso, a partir da abordagem de religiões de matriz africana. No caso deste estudo, serão entrevistados os professores que lecionam nas Escolas Públicas do Município do Rio de Janeiro, a fim de se compreender as influências no significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana. As conclusões finais do estudo demonstraram que em resposta ao problema levantado, como objeto de estudo, constatou-se que as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, não exercem qualquer tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana. “Os professores de Ensino Religioso ao serem questionados se abordam as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município, disseram que: 80% não e 20% sim”. O ensino religioso confessional ofertado de forma facultativa na rede municipal não é satisfatório quanto à abordagem das religiões de matriz africana. Assim, percebeu-se que o ensino religioso confessional ofertado de forma facultativa na rede municipal não contribui efetivamente com a Lei 10.639/03, uma vez que não tem sido eficiente no combate ao racismo e à intolerância religiosa.

Palavras-chave: Ensino. Religioso. Matriz Africana. Prática de Professores.

ABSTRACT

This study has as a general objective to analyze the themes of the Curricular Guidelines on the formation of teachers of Religious Education, and the types of influence that they exert in their practice when dealing with the meaning of the culture of the black, from the approach of religions of African matrix. Among the specific objectives are: to carry out an analysis on the meaning of the culture of the black, from the approach of religions of African matrix; To promote an empirical study on the religions of African matrix, above all, investigating also if there is action of continuous formation in service directed to the institutional culture and the intellectual formation of the professor that presupposes critic and self-critic on the ethnic theme; Characterize the Regulatory Law of Religious Education in Rio de Janeiro and its organization; And finally, to identify the themes about the formation of teachers of Religious Education, and their influence on the meaning of the culture of the black, from the approach of religions of African matrix. The rationale of this study is to show the influence and real applicability of Afrodescendant concepts in the curricular grades of the municipal schools of Rio de Janeiro and the level of dialogue between these teachers and their students, on the culture and religions of African matrix. Thus, it is sought to raise data to know how racial and religious conflicts are addressed in school, because as an institution responsible for the formation of the citizen, must see the students as subjects in the educational process and, therefore, should seek to produce harmonic relations In order to preserve institutional differences without, however, turning them into inequalities. The present scientific research aims to study the curricular guidelines of the teaching of Religious Education, based on the approach of African religions. In the case of this study, teachers will be interviewed who teach in the Public Schools of the County of Rio de Janeiro, in order to understand the influences on the meaning of the culture of the black, from the approach of religions of African matrix. The final conclusions of the study demonstrated that in response to the problem raised, as object of study, it was verified that the curricular guidelines used by the city of Rio de Janeiro in the formation of teachers of Religious Education, do not exert any influence in their practice to the The approach of religions of African origin. “Teachers of Religious Education when asked if they approach the Afro-Brazilian religions in the classroom, based on the curricular guidelines of the municipality, said that: 80% is not 20% yes.” The confessional religious education offered on a voluntary basis in the municipal network is not satisfactory as regards the approach of religions of African origin. Thus, it was noticed that the religious education offered on a voluntary basis in the municipal network does not effectively contribute to Law 10.639 / 03, since it has not been effective in combating racism and religious intolerance.

Keywords: Teaching Religious. Matrix African. Teacher Practice.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Escolaridade	64
Gráfico 2. Qual sua formação básica na graduação.....	64
Gráfico 3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso	65
Gráfico 4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana.....	65
Gráfico 5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado	66
Gráfico 6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso	66
Gráfico 7. Horas semanais de trabalho	67
Gráfico 8. Qual sua religião.....	67
Gráfico 9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso.....	68
Gráfico 10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município	68
Gráfico 11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:	69
Gráfico 12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro	69
Gráfico 13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana	70
Gráfico 14. Planejou e executou atividades extra-classes, baseadas nas diretrizes Curriculares	70
Gráfico 15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares.....	71
Gráfico 16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17	71
Gráfico 17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro.....	72
Gráfico 18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede	72
Gráfico 19. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz	

africana	73
Gráfico 20. Você leciona ensino de valores na sua escola	73



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ABORDAGENS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO RIO DE JANEIRO.....	14
1.1 Lei regulamentadora do Ensino Religioso e os Parâmetros Curriculares	14
1.2 Reflexões sobre ensino proselitista e não proselitista.	21
1.3 Análise e correlação da Lei 10.639/03 à prática escolar	23
1.4 Análise e correlação da lei regulamentadora do ensino religioso aos parâmetros curriculares propostos pela SME-RJ	25
1.5 Práticas racistas no discurso religioso	27
2 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA	34
2.1 Histórico das Religiões de matriz africanas mais difundidas no Brasil	34
2.2 Aspectos sócios culturais das religiões de matriz africana.....	48
3 RESULTADO E DISCUSSÃO 53	
3.1 Tipo de Pesquisa e Abordagem	53
3.2 Local e população da Pesquisa	55
3.3 Amostra	56
3.4 Instrumentos de Pesquisa	57
3.5 Análise dos dados	57
3.6 Análise das Orientações Curriculares para a Disciplina Ensino Religioso	57
3.7 Pesquisa de Campo e a Prática Pedagógica dos Professores de Ensino Religioso	63
CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....	89
ANEXO 2 - EDITAL CONCURSO PÚBLICO RIO DE JANEIRO.....	93
ANEXO 3 - QUESTIONÁRIOS APLICADOS	96

INTRODUÇÃO

A religião na contemporaneidade possibilita diversidade de direções e linhas de pensamento, mas esse contexto plural converge a uma mesma direção. São várias vertentes ideológicas que culminam na pregação do bem estar e do encontro com o Sagrado. Desta maneira a intenção é verificar como as diretrizes curriculares do Ensino Religioso são aplicadas na prática pelos professores do município do Rio de Janeiro. Assim, entende-se que:

A formação educacional democrática e igualitária implica num conhecimento amplo dos diversos povos e das diversas religiões. Mesmo religiões de povos que não fazem parte da cultura brasileira precisam ser apresentadas para evitar que o desconhecimento possa incorrer em informações deturpadas e depreciativas destas culturas¹.

A disciplina de Ensino Religioso (ER) ofertada em escolas públicas brasileiras pressupõe abordar o tema Religião em salas de aulas e é regulamentada na Rede Municipal do Rio de Janeiro. A disciplina de Ensino Religioso deve ser definida pelas autoridades religiosas; os docentes do ensino serão também indicados e credenciados pelos credos. Deve ser feito um Concurso Público para Docentes de Ensino Religioso².

Deve-se reconstruir o significado cultural dessas práticas religiosas, pois nasceram nas representações de populações não privilegiadas do ponto de vista econômico e cultural. Cabe então a pergunta, “se essa representação ainda é válida para os usuários da escola pública e se não seria essa uma das variáveis que compõem o espectro do fenômeno da violência e da intolerância religiosa”³.

A partir da prática educacional vivenciada em sala de aula do Ensino Fundamental Regular no sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, foi possível observar por parte dos professores, dos alunos, e da instituição escolar uma imagem negativa sobre a cultura do negro, sobretudo, em relação às informações das heranças deixadas pelos nossos ancestrais africanos no tocante às religiões de matriz africanas, cuja sua perspectiva negativa, pode ser objeto de intolerância religiosa, intolerância racial e prática exclusiva na escola.

¹ CUNHA JÚNIOR, Luiz Antônio. *A educação na concordata Brasil-Vaticano*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 106, p. 263-280, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a13.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

² PRESS, Gaudim. *Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprova Lei de Ensino Religioso*. Rio de Janeiro, Quarta-feira, 05-10-2011. Disponível em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/30299-Camara-Municipal-do-Rio-de-Janeiro-aprova-Lei-de-Ensino-Religioso#ixzz4XMdFwmxH>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

³ CUNHA JÚNIOR, 2009, p. 263.

Azenha⁴ esclarece que a formação de sujeitos críticos é fundamental para a compreensão da nossa sociedade. Isto exige o exercício constante de observação e de questionamento sobre os aspectos cotidianos do universo escolar. Sua preocupação converge com os objetivos da Linha de Pesquisa “Religião e esfera pública”, pois o problema central que se procura investigar é o conjunto das práticas escolares no tocante às temáticas étnico-raciais no ensino religioso escolar.

Concebe-se, neste íterim, um estudo teórico sobre a representação pelos professores, em especial os de Ensino Religioso. Para tanto, este estudo pretende analisar de que forma as temáticas do conflito racial e difusão da cultura afrodescendente são abordados por esses profissionais, e sobre suas práticas pedagógicas. Há a preocupação de se investigar como (e se) estes elementos interferem na qualidade de ensino, e que tipos de influências exercem na prática docente⁵.

Ainda é comum alguns professores fazerem a associação das religiões afrodescendentes com “práticas diabólicas”, “bruxaria”, “magia negra”, esses são estereótipos que devem ser dissociados das religiões afro-brasileiras, estas são imagens que os professores e professoras precisam desconstruir em sala de aula. Assim, as propostas inseridas neste trabalho são a discussão, a conceituação e o estudo das práticas pedagógicas dos docentes de Ensino Religioso no tocante ao combate ao racismo em todas as suas formas, através da difusão da cultura e religiões africanas, bem como ajudar a qualificar as ações docentes por meio da compreensão e de seu significado.

Diante deste contexto, delimitou-se no problema de investigação a seguinte questão: As diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

Definiu-se como objetivo geral analisar as temáticas das diretrizes curriculares acerca da formação de professores de Ensino Religioso, e os tipos de influência que exercem em sua prática ao se tratar do significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana.

Entre os objetivos específicos destacam-se: realizar uma análise sobre o significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana; promover um estudo empírico sobre as religiões de matriz africana, sobretudo, investigando também se há

⁴ AZENHA, Maria da Graça Azenha. *Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

⁵ CUNHA JÚNIOR, 2009.

ação de formação continuada em serviço voltada para a cultura institucional e a formação intelectual do professor que pressupõe crítica e autocrítica sobre a temática étnica; caracterizar Lei regulamentadora do Ensino Religioso no Rio de Janeiro e sua organização; e por fim, identificar as temáticas acerca da formação de professores de Ensino Religioso, e sua influência no significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana.

A justificativa do estudo está no fato de mostrar a influência e real aplicabilidade dos conceitos afrodescendentes nas grades curriculares das escolas municipais do Rio de Janeiro e o nível de diálogo entre esses professores e seus alunos, sobre a cultura e religiões de matriz africana. Assim, busca-se levantar dados para saber de que forma os conflitos raciais e religiosos são abordados na escola, pois como instituição responsável pela formação do cidadão, deve enxergar os alunos como sujeitos no processo educacional e, assim sendo, deve buscar produzir relações harmônicas de modo a preservar as diferenças institucionais sem, no entanto, transformá-las em desigualdades.

A relevância do estudo está ainda, no fato de evidenciar que o professor ao dominar o conteúdo de sua disciplina é uma diferença fundamental na relação de ensino e aprendizagem. Da mesma forma esses dados devem revelar se a escola busca construir significado nas relações democráticas tanto na convivência quanto na formação de seus educadores, se questionam quais são suas origens e o que significam.

Cabe aqui refletir sobre a formação recebida por professores de Ensino Religioso e se há oferta ou não de formações continuadas específicas. Como também, analisar o currículo básico de Ensino Religioso e se existe a proposta de contextualização do tema étnico religioso, realizada por esses profissionais. Assim, após muito trabalho, conduzido pelos vereadores católicos, sempre em diálogo com Dom Orani Tempesta e o Departamento de Ensino Religioso da Arquidiocese, o projeto Lei 862, de 1/4/2011 foi aprovado com 27 votos favoráveis e 5 contra⁶. É importante frisar que de acordo com a Lei n.º 862/2011 aprovada no Rio de Janeiro, o Ensino Religioso nas escolas do município é facultativo e só será oferecido para os alunos cujos pais ou responsáveis desejarem. As doutrinas oferecidas são as seguintes: católica, evangélica/protestante, afro-brasileiras, espírita, orientais, judaica e islâmica. Para os alunos que não optarem por este tipo de ensino, a Secretaria municipal de Educação (SME) irá oferecer, nos mesmos horários, o ensino de Educação para Valores.

⁶ AQUINO, Felipe. *Dom Filippo Santoro: o ensino religioso ilumina os alunos na busca do sentido para a vida*. 5 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/dom-filippo-santoro-o-ensino-religioso-ilumina-os-alunos-na-busca-do-sentido-para-a-vida/>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

O Ensino Religioso aprovado pelos vereadores começará a ser aplicado nas escolas de tempo integral do Município para depois estender-se à toda a rede. desta maneira, com estas características, de fato esta forma de ensino religioso permite às famílias de escolher o ensino religioso que desejarem, segundo um credo bem preciso. Desta forma o Ensino Religioso é Plural e Confessional ainda que a fórmula confessional não apareça no título da Lei⁷.

A fim de ser melhor estruturada a dissertação foi dividida em alguns capítulos distintos. O primeiro capítulo trata do ensino religioso no município do Rio de Janeiro, destacam-se: abordar a Lei regulamentadora do ensino religioso e os parâmetros curriculares; apontar as reflexões sobre ensino proselitista e não proselitista; identificar as práticas racistas no discurso religioso; analisar a correlação da lei regulamentadora do ensino religioso aos parâmetros curriculares propostos pela SME-RJ; e por fim, analisar a correlação da Lei 10.639/03 à prática escolar.

Por sua vez, o segundo capítulo aborda as religiões de matriz africana, enfatizando-se: apresentar um histórico das religiões de matriz africanas mais difundidas no Brasil; demonstrar os aspectos sócios culturais das religiões de matriz africana; e caracterizar um breve reflexão sobre o sincretismo religioso.

O resultado e a discussão é o destaque do terceiro capítulo, destacando-se: uma demonstração do tipo de pesquisa e abordagem a serem utilizadas; o local e população da pesquisa; a amostra; os instrumentos de pesquisa; e a análise dos dados. Finalmente, o enfoque deste capítulo direciona-se para a pesquisa de campo e a prática pedagógica dos professores de ensino religioso; e a formação continuada dos professores de ensino religioso.

⁷ PRESS, Gaudim. *Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprova Lei de Ensino Religioso*. Rio de Janeiro, Quarta-feira, 05-10-2011. Disponível em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/30299-Camara-Municipal-do-Rio-de-Janeiro-aprova-Lei-de-Ensino-Religioso#ixzz4XMdFwmxH>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

1 ABORDAGENS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO

O primeiro capítulo do estudo trata-se de uma abordagem sobre o ensino religioso no município do Rio de Janeiro, entre os tópicos centrais de análise do estudo destacam-se: abordar a Lei regulamentadora do ensino religioso e os parâmetros curriculares; apontar as reflexões sobre ensino proselitista e não proselitista; identificar as práticas racistas no discurso religioso; analisar a correlação da lei regulamentadora do ensino religioso aos parâmetros curriculares propostos pela SME-RJ; e por fim, analisar a correlação da Lei 10.639/03 à prática escolar.

1.1 Lei regulamentadora do Ensino Religioso e os Parâmetros Curriculares

Desde os tempos imperiais até hoje as discussões sobre o Ensino Religioso no Brasil perpassam por três pontos principais: a permanência ou não como disciplina regular do currículo; a identidade desta disciplina e dos seus conteúdos e a formação do professor de Ensino Religioso, fato que pode ser mensurado através das normalizações da disciplina ao longo de nossa história⁸.

Todas essas questões envolvem interesses debatidos na esfera política, onde de um lado há os defensores do Estado laico - que apregoam a retirada do Ensino Religioso das escolas -, e do outro, “aqueles que defendem o Ensino Religioso como componente indispensável da formação cidadã e moral dos brasileiros, e ainda, os que buscam uma integração destas duas perspectivas”⁹.

De acordo com o Fórum Nacional Permanente para o Ensino Religioso esta é a lei referencial para as discussões dos diversos aspectos do Ensino Religioso no país desde 1934 até a LDB vigente (9394/96)¹⁰.

No período do Estado Novo (1937-1945) com a efetivação da Reforma Francisco Campos, o artigo 133 da Constituição de 1937 retira a obrigatoriedade do Ensino Religioso das escolas do país. Tal premissa teve forte influência do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova - os escolanovistas eram contra a inclusão do Ensino Religioso por considerarem os

⁸ CASSEB, Samir Araújo. *Cultura de Paz e Não-Violência no Ensino Religioso*: possibilidades através da vida e obra de Mahatma Gandhi. 2009. 98 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará Belém, 2009.

⁹ CASSEB, 2009, p. 28.

¹⁰ FONAPER - FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. 8 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.

princípios da laicidade, obrigatoriedade e gratuidade do ensino público¹¹.

Em 1941 o projeto de Lei Orgânica deste ano propôs uma cisão entre culto religioso e as aulas de Ensino Religioso. Esta medida veio atender as reivindicações da Igreja Católica aproximando-a do Estado, já que no período do governo de Getúlio Vargas as aulas de Região foram canceladas: “O argumento utilizado apoiava-se no papel da religião como ação moderadora na sociedade, pois lhe cabia o ensino de valores e atitudes cristãs que contribuiriam para a paz e para a tranqüilidade social”¹².

No terceiro período republicano (1946-1964), em 1961, to, promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4024/61, que no artigo 97 versava sobre o Ensino Religioso.

Esta disciplina volta a ser inserida nos horários normais da escola, sendo de matrícula facultativa para os alunos e respeitando a confissão já lestes sem a determinação de um número mínimo para a formação de classe. As aulas deveriam ser ministradas por representantes da autoridade religiosa em sem ônus para os cofres públicos:

Art. 97. O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários normais das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os cofres públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável. § 1. A formação de classe para o Ensino Religioso independe de número mínimo de alunos. § 2. O registro dos professores de Ensino Religioso será realizado perante a autoridade religiosa respectiva¹³.

Em 1964, no quarto período republicano, o governo militar através de um golpe armado depôs o presidente constitucional João Goulart, e para implementar o regime autoritário da ditadura foi necessário revogar e alterar dispositivos da legislação sobre a educação¹⁴.

Sendo assim, em 1971 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus, de nº 5.692/71, que em seu artigo 7º, parágrafo único - sem revogar totalmente a LDB de 1961 - repete o dispositivo da Carta Magna de 1968 e Emenda Constitucional nº. 1/69, reinserindo o Ensino Religioso nos horários regulares compondo a área de estudos de Moral e Cívica, Artes e Educação Física, no intuito de formar alunos voltados ao civismo e a

¹¹ FONAPER, 2006.

¹² OLIVEIRA, LÍlian Blanck de [et al.]. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 52.

¹³ SAVIANI, Dermeval. *Política e educação no Brasil*. 66 ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

¹⁴ SAVIANI, 1996.

moral concernentes ao regime militar¹⁵:

‘Art. 7 [...] Parágrafo único - O Ensino Religioso de matrícula facultativa constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de primeiro e segundo graus’ (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei 5.692/71)¹⁶.

Durante as décadas de 80 e 90, o Brasil, já imerso no âmbito da redemocratização, passa por um processo de rupturas com as concepções político-sociais e culturais da época, gerando incertezas e possibilidades quanto aos vários aspectos da sociedade brasileira. Neste cerne, a educação e o Ensino Religioso voltam a ser pontos de novas discussões e polemica¹⁷.

No contexto do início das discussões para a Constituinte, em 1985, à instalação do FONAPER, em 1995, o Ensino Religioso passa por várias discussões entre professores, estudiosos, pesquisadores da área, sistemas de ensino, universidades, representantes de diversas tradições religiosas, políticos, enfim, a sociedade civil como um todo atenta para a natureza, permanência ou não e identidade do Ensino Religioso nas escolas brasileiras¹⁸.

Na Constituição Federal de 1988 - em vigor, através do artigo 210, parágrafo 1º do Capítulo III da Ordem Social, lê-se que: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”:

A inclusão desse dispositivo deu-se com uma significativa mobilização nacional resultando na segunda maior emenda, em número de assinaturas, apresentada ao Congresso Constituinte. Em todo o país há grandes esforços pela renovação do conceito de Ensino Religioso, da sua prática pedagógica, da definição de seus conteúdos, natureza e metodologia adequada ao universo escolar¹⁹.

Precisamos analisar os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e seus temas transversais para dirimir as nossas dúvidas a respeito da capacidade das ciências humanas e suas tecnologias em prover um estudo adequado da religiosidade num contexto multicultural e eficaz²⁰.

No dia 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a LDB 9.394/96, denominada também de “Lei Darcy Ribeiro”. Esta lei inseriu o Ensino Religioso no contexto global da educação, preconizando o respeito à diversidade cultural-religiosa do Brasil. Porém, manteve-

¹⁵ OLIVEIRA, Lilian Blanck de [et al.]. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007.

¹⁶ SAVIANI, Dermeval. *Política e educação no Brasil*. 66 ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

¹⁷ FONAPER, 2006.

¹⁸ FONAPER, 2006.

¹⁹ FONAPER, 2006, p. 18.

²⁰ BRASIL. Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 jul. 1997.

se o Ensino Religioso como disciplina que não se reverteria em ônus para o Estado, fato este que provocou protestos e mudanças posteriores:

Art. 33. O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de educação básica, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter [...] (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO. Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional - Lei 9.394/96)²¹.

Finalmente, no dia 22 de julho de 1997, foi promulgada a Lei 9.475 que alterou o artigo 33 da LDB 9394/96 retirando o termo “sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos” e dando outros dispositivos:

Art. 33 O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Educação Básica, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo. § 1 - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores. § 2º. - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso (REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL Lei 9.475 [22 de julho de 1997, que da nova redação ao art. 3º da Lei (9.394/96) de Diretrizes e Bases da Educação Nacional])²².

Com a Lei 9475/97, o Ensino Religioso no Brasil passa a ter as seguintes características:

A disciplina é considerada como parte integrante da formação do cidadão;
 A não permanência do Ensino Religioso confessional e interconfessional nas escolas públicas;
 A disciplina deve ser oferecida e ministrada nos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental;
 Deve ser assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil;
 São vedadas quaisquer formas de proselitismo;
 Cabe aos sistemas regionais a regulamentação dos procedimentos para a definição dos conteúdos e das normas para habilitação e admissão dos professores²³.

A partir da Lei 9475/97, o Conselho Nacional de Educação, por meio da resolução 02/98, estabelece que a disciplina deve ser integrada no conceito demarca o conhecimento, definindo-se norteadores e estruturas de leitura e interpretação cidade essencial para garantir a

²¹ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso: aspectos legal e curricular*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 37.

²² JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso: aspectos legal e curricular*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 45.

²³ CASSEB, Samir Araújo. *Cultura de Paz e Não-Violência no Ensino Religioso: possibilidades através da vida e obra de Mahatma Gandhi*. 2009. 98 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará Belém, 2009.

possibilidade de participação autônoma do cidadão na construção de seus referenciais religiosos²⁴.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional [...] Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo [...]²⁵.

O conjunto das proposições aqui expressas responde à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. [...]²⁶.

O objetivo principal dos PCNs nada mais é do que nortear a criação dos projetos educacionais em níveis regionais e locais. Ao mesmo tempo em que se mantém a autonomia dos educadores locais em estabelecer seus projetos, eles são orientados por esses princípios gerais, mais centralizados, e podem participar no projeto de criação de uma educação nacional baseada em alguns princípios universais, em harmonia com o espírito democrático, típico da educação humanista²⁷.

As várias propostas para a normalização do Ensino Religioso ainda fazem-se presentes nas salas de aula de nosso país. As perspectivas confessionais interconfessionais e as pautadas no cientificismo encontram espaço nos sistemas educacionais caracterizando modelos de Ensino Religioso, refletindo assim ao mesmo tempo, heranças do período confessional e as novas propostas de respeito pluralidade cultural e religiosa do Brasil²⁸.

De acordo com João Décio Passos, os modelos catequético, teológico e das ciências da religião - apresentam-se como práticas concretas e referenciais para se discutir a fundamentação epistemológica das propensões do Ensino Religioso no Brasil. Sua análise tem como parâmetro os fundamentos teóricos e Metodológicos de onde decorrem conteúdo

²⁴ OLIVEIRA, 2007.

²⁵ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Educação Física*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

²⁶ BRASIL, 1997, p. 13.

²⁷ BRASIL, 1997.

²⁸ CASSEB, 2009.

posturas políticas e didáticas na relação professor-aluno e no ensino-aprendizagem²⁹.

O conhecimento da religião faz parte da educação geral e contribui com a formação completa do cidadão, devendo, assim, estar sob responsabilidade dos sistemas de ensino e submetida às mesmas exigências das demais áreas do saber que compõem os currículos escolares. As Ciências da Religião podem oferecer base teórica e metodológica para a abordagem da dimensão religiosa em seus diversos aspectos e manifestações, articulando-a de forma integrada com a discussão sobre a educação³⁰.

O autor atesta que o modelo das ciências da religião - na tarefa política de retirar o Ensino Religioso do campo de negociação das confissões religiosas e do Estado - terá muitas dificuldades em romper com as estruturas confessionais e interconfessionais ainda hoje remanescentes.

Podemos dizer que os três modelos têm sua concretização numa certa seqüência cronológica. O modelo catequético é o mais antigo; está relacionado, sobretudo, a contextos em que a religião gozava de hegemonia na sociedade, embora ainda sobreviva em muitas práticas atuais que continuam apostando nessa hegemonia, utilizando-se, por sua vez, de métodos modernos. Ele é seguido do modelo teológico que se constrói num esforço de diálogo com a sociedade plural e secularizada e sobre bases antropológicas. O último modelo, ainda em construção, situa-se no âmbito das Ciências da Religião e fornece referências teóricas e metodológicas para o estudo e o ensino da religião como disciplina autônoma e plenamente inserida nos currículos escolares³¹.

O modelo catequético é preconizado entre as Igrejas cristãs (Católica e Protestantes) e tem como prática escolar a catequese dos alunos voltada para a formação das idéias corretas e verdadeiras, em oposição às idéias falsas. Esse modelo busca reconquistar a hegemonia de outrora das confissões religiosas na sociedade moderna³².

Outro exemplo parte da iniciativa da Igreja Católica em São Paulo, como se pode ver na chamada publicada no jornal O São Paulo, de 12 de abril de 2006: “A Pastoral Regional do Ensino Religioso realizará encontro anual de educador e agentes de pastoral Educativos, visando à implantação e à dinamização de ensino religioso confessional católico nas escolas estaduais e municipais...”³³.

O modelo teológico tem por premissa superar a prática catequética indo a uma perspectiva que considera a religião como tendo caráter universal, ou seja, é uma dimensão do ser humano, e sendo assim, é um valor a ser educado. Nesse modelo, considera-se a religião

²⁹ PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. 1 ed. São Paulo: Paulinas. 2007.

³⁰ PASSOS, 2007, p. 65.

³¹ PASSOS, 2007, p. 54.

³² PASSOS, 2007.

³³ PASSOS, 2007.

como fator imponderável para a formação integral do ser humano, oferecendo aos homens referências de valores universais e morais³⁴. A ação pedagógica deste modelo está pautada sobre fundamentos antropológicos e teológicos, no entanto, Décio Passos considera que se a responsabilidade dos conteúdos ainda recai sobre as confissões religiosas este modelo pode fatalmente reproduzir - de forma velada - o modelo catequético nas escolas. Segundo Passos:

Mesmo embasado nessa antropologia e na convicção do respeito às diversidades, o risco desse modelo afigura ser o de uma catequização disfarçada não tanto pelos seus conteúdos mais pela responsabilidade ainda delegada as confissões religiosas³⁵.

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é uma das entidades civis que entende que a formação religiosa deve ser efetivada não só nas comunidades, mas também nas escolas, respeitando as confissões dos alunos³⁶. Portanto, o Ensino Religioso deve ser ofertado pelo Estado como forma de assegurar a formação de valores ao cidadão:

Toda a ação educativa se situa num contexto filosófico e de valores [...]. Toda proposta de educação é também uma proposta de valores, de um tipo de homem e de um tipo de sociedade [...] um processo de humanização, expressão de um projeto utópico, o homem novo e a nova sociedade, que impulsiona para a transformação do mundo de opressão³⁷.

Em nome de uma autonomia epistemológica e pedagógica - no intuito de romper com os dois modelos anteriores - o modelo das ciências da religião advêm das perspectivas da comunidade científica, dos sistemas de ensino e da própria escola. Neste modelo, o ensino da religião não é encarado como uma atividade cientificamente neutra, mas, deve ser interpretado como área de conhecimento, sendo assim, caracterizado na intencionalidade educativa³⁸.

Entretanto, as teses defendidas em nome da laicidade do ensino público, após a modificação do artigo retro mencionado, devem ultrapassar a questão do pagamento do professor de Ensino Religioso e da força política da Igreja Católica Romana junto aos órgãos públicos no Brasil. A questão incide sobre a proposta aprovada, que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (PCN). Este modificou o caráter do Ensino Religioso, que, de religioso passou a ser “científico”³⁹.

³⁴ PASSOS, 2007.

³⁵ PASSOS, 2007.

³⁶ PASSOS, 2007.

³⁷ PASSOS, 2007, p. 62.

³⁸ PASSOS, 2007.

³⁹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Educação Física*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

O que se pretende aqui é discutir o novo modelo proposto para o Ensino Religioso, porque, embora sua concepção tenha sofrido alterações, inicialmente como cristianização e manutenção da religião Católica, com caráter explicitamente catequético e mais tarde como modelo ecumênico, através do diálogo entre as confissões cristãs, nunca antes possuiu o caráter que hoje lhe é imprimido: criou-se uma identidade pedagógica para o Ensino Religioso que tem como pressuposto fundamental a formação básica do cidadão. A construção desse componente curricular se encontra organizada nos PCN, e o configura como área de conhecimento, atribuindo-lhe um caráter pedagógico como o de qualquer outra disciplina do currículo básico da educação nacional⁴⁰.

A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas, a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual com tais valores⁴¹.

Adotando essa perspectiva, as problemáticas sociais são integradas na proposta educacional dos Parâmetros Curriculares Nacionais como Temas Transversais. Não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalizados nas áreas definidas, isto é, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área, no decorrer de toda a escolaridade obrigatória⁴².

1.2 Reflexões sobre ensino proselitista e não proselitista

Proselitismo é a ação ou empenho de tentar converter uma ou várias pessoas em prol de determinada causa, doutrina, ideologia ou religião. O propósito do proselitismo é criar prosélitos (do grego *prosélytos*), ou seja, pessoas que foram convertidas para uma nova religião, doutrina, ideologia, filosofia ou causa, mesmo sem haver interesse inicial para esta conversão⁴³.

O proselitismo religioso é uma das formas mais comuns da ação de criar prosélitos. Como o Brasil é um Estado Laico, e o ensino religioso é totalmente facultativo, qualquer ato de proselitismo religioso nas escolas é vetado pela justiça. O proselitismo religioso em si não é crime, porque existe liberdade religiosa e a liberdade de expressão para fazer proselitismo religioso, convencendo outras pessoas a seguirem as suas práticas religiosas. No entanto, o

⁴⁰ BRASIL, 1997, p. 7.

⁴¹ BRASIL, 1997, p. 45.

⁴² BRASIL, 1997.

⁴³ SIGNIFICADO. *O que é proselitismo*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/proselitismo/>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

proselitismo não pode ser feito com recurso a práticas de discriminação ou outras puníveis por lei. Para muitas pessoas o proselitismo é visto com uma conotação negativa, devido à “agressividade” e falta de ética que muitos representantes de algumas religiões utilizam na tentativa de angariar novos fiéis⁴⁴.

Em se tratando do não proselitismo, entende-se que, é vedado ao professor fazer propaganda ou panfletagem religiosa ativa e intencional, da mesma forma que é negado aos candidatos de dado partido fazer “boca de urna”, o que é justo e correto num país marcado pela laicidade e separação entre Estado e Igreja. É preciso que o professor cristão esteja bem consciente disso, até mesmo nas instituições confessionais, evitando se referir às demais religiões com menosprezo ou assumir atitudes de soberba ou do tipo “chutar a santa” ou declarar publicamente que “os evangélicos não querem diálogo com os católicos”⁴⁵.

Vale destacar que o estado do Rio de Janeiro foi o primeiro da federação a criar uma lei definindo o Ensino Religioso nesse formato, evidenciando que os interesses políticos estão acima dos coletivos⁴⁶.

A discussão sobre a privatização do espaço público deve levar em consideração também que, além de ferir a laicidade do Estado, recursos financeiros – tradicionalmente escassos – são deslocados para concursos, pagamento de salário de professores, realização de fóruns, seminários, encontros para formação continuada desses docentes e financiamento da infraestrutura necessária à oferta da referida disciplina. Mas, a face mais perversa da associação entre agentes públicos e instituições religiosas é a concessão que faz o Estado à Igreja Católica, especialmente, e às Evangélicas para catequizar e evangelizar os discentes das escolas públicas da rede estadual⁴⁷.

Esses dados apontam que o Estado do Rio de Janeiro, por meio da atual regulação do ensino religioso de caráter confessional nas escolas públicas, está favorecendo a intolerância ao possivelmente acirrar conflitos. Uma vez que intolerância advém do desconhecimento, da: [...] ignorância de formas de vida outras que não aquelas que julgamos corretas, que fogem dos padrões do convencionado pelo grupo social ao qual pertencemos. O combate à intolerância passa pela aprendizagem do ‘conviver’, ou viver com o outro, conhecendo e respeitando as suas diferenças. Reconhecendo que essas diferenças não são fonte de discórdia, mas que podem ser pontes de

⁴⁴ SIGNIFICADO, 2017.

⁴⁵ ULTIMATO. *O dilema do proselitismo nas escolas*. Disponível em: <<http://www.ultimo.com.br/conteudo/o-dilema-do-proselitismo-nas-escolas>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

⁴⁶ VARGAS, 2015.

⁴⁷ FERNANDES, Vânia Cláudia. *(As) simetria nos sistemas públicos de ensino fundamental em Duque de Caxias (RJ): a religião no currículo*. 2014. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014, p. 59.

ligação e de enriquecimento, por meio de trocas possíveis⁴⁸.

Acentuando, portanto, a divisão entre grupos sociais e reduzindo o exercício da cidadania e da educação republicana. Acredita-se que, da forma como se configura atualmente, também na esfera municipal, ao manter uma posição que busca legitimar a ordem vigente, utiliza-se da escola como mero aparelho de reprodução, potencializado pelo ER de caráter proselitista.

1.3 Análise e correlação da Lei 10.639/03 à prática escolar

Em janeiro de 2003 foi sancionada a Lei 10.639/031, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDBEN) no seu Artigo 26, acrescentando o Artigo 26 A, que tornou obrigatório o ensino da História da África e cultura afro-brasileira nas disciplinas de História do Brasil, Arte e Literatura Brasileira do Ensino Fundamental e Médio. A implementação pedagógica das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana do Parecer CNE/CP 3/2004⁴⁹ que:

Requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira; mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros⁵⁰.

Conforme a questão proposta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, no que diz respeito à mudança do discurso, sua implicação na prática do professor requer o manejo do programa e da matriz curricular, bem como a compreensão de currículo no sentido atribuído por Sacristán⁵¹:

⁴⁸ DOMINGOS, Marília de Franchesci Neto. *Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância*. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 45-70. set. 2009, p. 58.

⁴⁹ BRASIL. Parecer CNE/CP 3/2004, aprovado em 10/3/2004. *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF, junho, 2005.

⁵⁰ BRASIL, 2005, p. 12.

⁵¹ SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre, Artmed, 2000.

é partir de 2003, com a homologação da Lei 10.639/03, e que através da mesma, no ano de 2004, chegaram à escola as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que me vi diante do desafio de implementar a lei. Naquele momento, me deparei com a falta de recursos pedagógicos, como também com a falta de formação continuada no assunto em questão.

Haja vista que, como política de ação afirmativa, a Lei 10.639/03 almeja reparar de forma positiva e combater todas as formas de racismo através da educação das relações étnico-raciais. Todavia, a lei é voltada para o currículo, dado que sua especificidade é para as disciplinas de História do Brasil, Artes e Literatura Brasileira. Nesse sentido sua implementação perpassa por políticas e programas de âmbito federal, estadual e municipal.

O ensino religioso é considerado uma área de conhecimento e faz parte do currículo oficial da escola. O ensino relido é facultativo e a sua abordagem esta proposta no parecer Nº. 05/97do CNE⁵², na perspectiva de uma “historia da religião, antropologia cultural, ética religiosa”, procurando manter o caráter científico, o princípio da laicidade e a neutralidade do docente em relação às religiões existentes.

Para Figueiredo⁵³ o ensino religioso é problemático, a realidade socioantropológica dos múltiplos credos e a face existencial de cada indivíduo. Representações e manifestações de religiosidade, seja por meio de sinais ou práticas religiosas estão presentes no cotidiano escolar, expressas pelos educandos em suas falas, em seus textos e em seus desenhos e que demarcam a sua história de vida e cultural.

Princípios religiosos influenciam na organização e nas práticas pedagógicas cotidianas da escola, como por exemplo, a não frequência à escola no sábado, que vem de encontro às regras de assiduidade no ensino presencial. Muitas escolas custam seus calendários de provas para atender à demanda dessa população. Quando não há essa preocupação com o respeito à opção religiosa são instaurados conflitos e problemas de discriminação e de exclusão no âmbito da escola⁵⁴.

Como é que os educadores trabalham as representações e manifestações de religiosidade dos (as) alunos (as)? Essa questão vai além do debate sobre o ensino religioso como disciplina de conhecimento, porque envolve as relações intersubjetivas nas práticas

⁵² FISCHER, 2004, p. 179

⁵³ FIGUEIREDO, Anísia de Paulo - *O Ensino Religioso - Perspectivas. Tendências e Desafios*. Petrópolis. Vozes, 1996.

⁵⁴ JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso; aspectos legal e curricular*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

pedagógicas escolares.

Consideramos como Holkheimer⁵⁵ que:

O laicismo não significa a imposição de uma orientação anti-religiosa ao ensino e à sociedade, mas define-se pela tolerância, pela aceitação, pelo respeito ao outro, diferente e ao mesmo tempo igual e deveres e direitos. O laicismo pauta-se na liberdade de crença.

Por isso, as representações e manifestações de religiosidade presentes nas práticas educativas, apresentando como os educandos expressam a sua religiosidade em seu processo de aprendizagem dos conteúdos escolares e como os docentes trabalham pedagogicamente essas representações e manifestações religiosas dos discentes em classe nos ajudam a pensar a religiosidade nos espaços educativos de forma mais ampla do que a de uma disciplina de conhecimento, trazendo a religiosidade para o debate do pluralismo religioso e da inclusão escolar, que perpassa pela compreensão da diferença religiosa em suas dimensões históricas, culturais e políticas.

O ensino religioso identificado com uma religião não é democrático, pode ser considerado discriminatório, aborda uma doutrina específica pode gerar discriminação dentro das salas de aula. Segundo Von⁵⁶ o ensino voltado para uma determinada religião pode constringer os alunos que não compartilham dessas idéias.

Finalmente, é importante mencionar ainda a possibilidade de que, dependendo da maneira que forem ministradas, as aulas de religião podem incentivar a intolerância entre os estudantes. Assim, convém dizer, que a religião é parte importante no processo educacional. Uma educação integral envolve também o aspecto da dimensão religiosa ao lado das outras dimensões da vida humana.

1.4 Análise e correlação da lei regulamentadora do ensino religioso aos parâmetros Curriculares propostos pela SME-RJ

Na atual configuração legal para a Educação brasileira, regulada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/EN n.º 9.394, de 1996) e suas atualizações e modificações posteriores, o ensino religioso (ER) se configura presente como componente curricular e disciplinar e parte integrante da formação básica do cidadão.

⁵⁵ HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2002, p. 196.

⁵⁶ VON, Cristina. *Cultura de paz: o que os indivíduos, grupos escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo*. São Paulo: peiropolis, 2003.

Por meio da Lei n.º 9.475, de 1997, que deu nova redação ao artigo 33 da LDB de 1996, essa prerrogativa manteve-se. E, dessa forma, determina caber aos sistemas de ensino os procedimentos para a definição dos conteúdos dessa disciplina, bem como as normas para a habilitação e admissão dos professores⁵⁷.

Com essa regulação, os Estados passaram a propor e a aprovar suas próprias leis, trançando perfis específicos para atender às prerrogativas da LDB e da Lei n.º 9.475, que deu à primeira redação complementar, no que diz respeito ao ER. Assim, adotando a análise da legislação sobre o ER no Estado do Rio de Janeiro, propõe-se entender em que sentido há, possivelmente, uma incompatibilidade da lei estadual fluminense n.º 3.459, de 14/9/2000, com a atual legislação sobre o ER no Brasil⁵⁸.

A primeira referência legal para o ER no Rio de Janeiro é um decreto de 1966, que aponta um caráter coativo para a disciplina: O decreto (GB) “N” 742, de 19 de dezembro de 1966, que baixou regulamento para o ensino religioso, no antigo Estado da Guanabara, mais do que recomendar, determinava que o diretor não colocasse também essas aulas no princípio do horário escolar. Assim, desestimulados a “matarem” as aulas de Religião, porque inseridas no meio de outras, a clientela do Ensino religioso tornava-se cativa. “Tratava-se da declaração implícita de que a disciplina deveria tornar-se compulsória, nem que fosse pelo lugar ocupado no horário das aulas”⁵⁹.

A próxima regulação para o ER será dada na década de 1980. Chama-nos atenção que tal formatação será mantida como parâmetro para a atual legislação. Assim, de acordo com a segunda resolução (RJ) 229, de 7 de maio de 1980: [...] a organização das turmas de ensino religioso dependia, no texto da resolução, da ‘declaração de confissão religiosa’ e do ‘credenciamento das autoridades competentes para o ensino religioso’. No ato da matrícula, seria ‘inquirido’ dos pais ou responsáveis qual confissão religiosa a que pertenciam e, caso ela fosse credenciada, se desejavam que seus filhos (ou tutelados) frequentassem aulas de Religião, sendo informado que essas aulas seriam ministradas em ‘linha confessional’⁶⁰.

Em relação ao credenciamento dos credos, este podia ser solicitado ao Secretário de Educação por qualquer autoridade competente de qualquer religião legalmente constituída. No entanto, devia atender duas condições que apenas religiões de tradição judaico-cristã poderiam ter: “(I) Possuir credo definido, pelo qual respondesse uma autoridade definida com

⁵⁷ PINHO, Leandro Garcia; VARGAS, Evandro Francisco Marques. *O processo da escolarização do Ensino Religioso confessional no sistema público estadual do Rio de Janeiro*: contrapontos da Lei 3.459/00 à realidade escolar. Revista Acadêmica de Licenciatura & Acturas. v. 4, nº 1, janeiro/junho de 2016. Disponível em: <<http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/96/92>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

⁵⁸ PINHO; VARGAS, 2016, p. 23.

⁵⁹ CUNHA, Luiz Antônio. *Educação, estado e democracia no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 350.

⁶⁰ CUNHA, 2005, p. 350.

personalidade jurídica; (II) ter um culto dirigido a Deus, de modo que procurassem aproximar da divindade os seus adeptos, não só em caráter pessoal e particular, como também em âmbito social e comunitário”⁶¹.

Com esse credenciamento, as autoridades religiosas estariam aptas para habilitar os professores de ER na rede pública estadual a ministrarem o ER confessional. E ainda “admitia-se que ‘excepcionalmente, e em caráter emergencial’, poderia ser indicado estagiário para o ensino religioso, pelas mesmas instituições”.

Em comum com a legislação atual está o descumprimento em relação às leis federais para o tema. As legislações estaduais supracitadas eram regidas pelo Decreto Federal n.º 19.941, de 30 de abril de 1931, que estabelecia o número mínimo de 20 alunos para que fosse oferecido o ensino de uma religião. Essa orientação foi contrariada pela resolução estadual 229/80, que “estabelecia não depender de número de alunos a constituição das turmas de ensino religioso de cada confissão”⁶².

Isso lembra o descumprimento da Lei 3.459/00 em relação à atual LBD, problemática esta, foco deste artigo. Assim, percebe-se que na atual legislação ainda predomina a “coação indireta”, tal qual enunciado nas duas primeiras regulações para o tema (742/66 e 229/80). Já o caráter confessional será instituído na legislação seguinte, voltada para a disciplina e que se dá pela Resolução 1.568/1990.

Segundo esta última, indicando: [...] como deveriam ser ministradas as aulas, estabelecia como necessário obter uma declaração de confissão religiosa dos pais ou responsáveis e dos alunos, bem como da necessidade dos professores de ensino religioso serem credenciados pelas autoridades religiosas competentes. “Na Resolução também constava recomendação aos diretores para que organizassem o horário das aulas de Religião de modo que as aulas fossem ministradas no último tempo. Para os alunos que optassem por não assistir a aula, a direção da escola deveria oferecer outra atividade”⁶³.

1.5 Práticas racistas no discurso religioso

No que diz respeito à questão racial, essa intolerância se manifesta na demonização

⁶¹ CUNHA, Luiz Antônio. *Educação, estado e democracia no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 351.

⁶² CUNHA, 2005, p. 352.

⁶³ MENDONÇA, Amanda André. *Religião na escola: registros e polêmicas na rede estadual do Rio de Janeiro*. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012, p. 4.

das religiões de matrizes africanas, conforme relata Eduardo Quintana (2013), a partir de entrevistas realizadas com três professoras mães de santo que atuam na rede pública (Municipal e Estadual) do Rio de Janeiro. As falas apontam relações de certa tensão entre o corpo docente e discente. “A pesquisa apontou para uma relação tensionada no que diz respeito à prática religiosa, à pertença religiosa ao candomblé, na qual a escola, à revelia da Lei n.º 10.639/03, revisada pela Lei n.º 11.645/08, apresenta ‘dificuldades’ em se relacionar com essa realidade”⁶⁴.

Nesse caso, independentemente de qualquer tentativa conciliatória da sociedade brasileira com nosso passado escravista, estamos diante de uma situação concreta de preconceito racial, epistemológico, e de intolerância religiosa na escola que colocamos diante de duas realidades: (i) os agentes pedagógicos, por não reconhecerem, ou não trabalharem, o direito à diferença, contribuem para mutilar o patrimônio cultural da população negra brasileira; (ii) a tendência, ainda presente nas escolas brasileiras, de pouco enfatizar a participação da população negra no processo civilizatório brasileiro, tida como pouco importante aos olhos da sociedade tecnológica, racista e neoliberal⁶⁵.

O livro que fundamenta essas posições defendidas pela professora em questão foi sugerido pela Igreja Católica no encontro com seus professores da rede estadual como referência para as aulas com jovens. Ao analisar o conteúdo do livro didático utilizado como fundamentação por uma professora de ER na rede estadual, sob o título ‘Todas as formas de ser’, da Editora Ática, a autora destaca: A estratégia adotada no material foi a de apresentar um quadro argumentativo, onde há apresentação de visões contrárias, pela redução da complexidade do tema a duas perspectivas conflitantes – em geral a tese liberal em contraponto à Católica. O tema da diversidade sexual, e da homossexualidade em particular, foi explorado neste mesmo estilo, onde a descrição das duas teses do quadro exibido é repleto de julgamentos discriminatórios e o vocabulário religioso contém expressões como ‘desvio moral’, ‘doença física ou psicológica’, ‘conflitos profundos’ e ‘homossexualismo não se revela natural’⁶⁶.

Embora a problematização relativa à intolerância religiosa contra denominações diferentes esteja sendo documentada, não se encontram muitas pesquisas referentes à população que manifesta falta de crença religiosa. Outro ponto relevante ao tema, já que laicidade anda lado a lado com a tolerância. Por isso é necessário travar uma “guerra de posição” com a direção ideológica que pauta essa agenda nas políticas educacionais para o

⁶⁴ QUINTANA, Eduardo. *Intolerância religiosa na escola: o que professoras filhas de santo tem a dizer sobre esta forma de violência*. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, v. 14, n. 14, jul./dez. 2013, p. 127-140.

⁶⁵ QUINTANA, 2013, p. 139.

⁶⁶ MENDONÇA, Amanda André. *Religião na escola: registros e polêmicas na rede estadual do Rio de Janeiro*. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012, p. 97.

ER.

Assim que chegaram ao Brasil, os negros vieram como escravizados, logo sua cultura necessitava ser subjulgada pelos que aqui viviam, os brancos. Naturalmente, para legitimar a própria escravidão, esses indivíduos não poderiam ser vistos como humanóides, era máster a construção da animalidade dessa raça.

No campo científico, havia teorias que comprovavam biologicamente, à partir do estudo dos tamanhos dos cérebros, a inferioridade dos negros, o que os impossibilitava de preencher o mesmo lócus do homem branco. O racismo científico na Antropologia criminal no auge do século XIX comprovava que os escravos africanos tinham propensão à bestialidade, à barbárie, ao alcoolismo, ao estupro, à prostituição, dentre outros⁶⁷.

Segundo Poliakov “haveria duas espécies distintas; o negro estaria para o homem como o asno para o cavalo, ou antes, se o branco fosse homem, o negro não seria mais homem, seria um animal à parte como o macaco”⁶⁸.

“Os sinais exteriores do ‘uomo delinquente’ - a ‘stigma’ - abrangeriam traços simiescos como as ‘enormes mandíbulas’, os ‘altos ossos molares’, o ‘tamanho extremo das cavidades oculares’ e as ‘orelhas em forma de alça’”⁶⁹.

Também no campo religioso era necessário a estruturação do racismo, primeiro para legitimar a escravidão e posteriormente para justificar a negação da cidadania aos escravos libertos. Desta forma, teorias sobre a origem da humanidade associando o negro a uma degeneração étnica e o continente africano a um local amaldiçoado fomentaram o discurso racista nas religiões cristãs.

“Um amplo debate entre os primeiros teóricos racistas, no entanto, dizia respeito à origem da humanidade. De um lado, estava o monogenismo, uma visão que agregava grande número de pensadores na Europa, até meados do século XIX, segundo a qual, conforme as escrituras bíblicas, acreditava-se que a humanidade era una. Os monogenistas baseavam-se na crença de um pai universal, no caso Adão, que teria sido a gênese de todos os homens. Deste modo, o homem teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos de homem apenas um produto ‘da maior degeneração ou perfeição do Éden’. Nesse sentido, a humanidade iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a

⁶⁷ MENDONÇA, 2012.

⁶⁸ POLIAKOV, Léon.. *O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 142.

⁶⁹ MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de Sangue: História do Pensamento Racial*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 24-30.

degeneração)»⁷⁰.

“A fantasia dos autores tinha livre curso, e a variação propostas eram inumeráveis, mas a tendência dominante, de acordo aliás com as sugestões etimológicas já contidas na Bíblia, era a de reservar a Europa aos filhos de Jafé, a Ásia aos de Sem e a África aos de Cam”⁷¹

Para Davis, a Bíblia então justificava que por serem “camitas”, os africanos seriam condenados a servir de escravos aos demais. Nas palavras de Davis Brion, a palavra hebraica para escravo, ebed, era usada, em certo sentido, para se referir a uma justa punição sancionada pelo Senhor. “Maldito seja Canaã”, gritou Noé. “Um servo de servos ele será para seus irmãos.” A expressão “um servo de servos”, sabemos, significa “o escravo mais indigno”, e os descendentes de Canaã foram assim condenados à servidão perpétua (Gênesis 9:35)⁷².

O racismo estrutural no campo religioso se deu inicialmente pelo catolicismo, religião dos colonizadores. A construção dessa estrutura além das citadas acima, também associava orixás africanos à figura do diabo cristão. Um exemplo disso foi a associação do orixá Exu a esse personagem. Ora, se tanto no candomblé quanto na umbanda Exu deva ser saudado primeiro nos rituais, é evidente que para o branco de alguma forma essas religiões manteriam um vínculo com o pecado e a transgressão, pois serviriam a duas forças antagônicas: o mal e o bem. Não obstante, até hoje esse discurso de antagonismo prevalece, principalmente difundido pelas religiões neopentecostais.

No candomblé não há ideia de bem e mal como coisa inconciliável. Quem faz essa oposição é o mundo cristão. Para o afro, o bem e o mal são faces da mesma moeda e estão presentes em todas as coisas. O Exu deve ser pago pelo seu trabalho com todo deus mensageiro em qualquer tradição religiosa. Quando qualquer orixá é evocado, antes de evoca Exu. Para o mundo católico, Exu trabalhar por dinheiro é coisa horrível e propícia do mal⁷³.

Parece notório que essa construção ressalta a exclusão à partir da ideia desfigurada do “pecado”. É preciso analisar interesses que existem atrás desse tipo de recorte associativo - assim como associar a quantidade de melanina existente na pele ao quantitativo de bênçãos espirituais a que uma etnia estaria predestinada a receber difundida pelos teóricos racistas -

⁷⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993, p. 47-48.

⁷¹ POLIAKOV, Léon.. *O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 142.

⁷² BION, Davis. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 82-83

⁷³ PRANDI, Reginaldo. *A intolerância contra o Candomblé – A raiz do racismo no Brasil*. Disponível em: <<https://ceticismo.net/2009/02/04/a-intolerancia-contra-o-candomble-a-raiz-do-racismo-no-brasil/>>. Acesso em: 2 maio 2017.

visto que planejar uma sociedade dualista (cristãos x não cristãos) torna a mais fácil de ser controlada.

O aspecto extremamente solidário das religiões de matriz africana é ameaçador, ainda mais sendo a ideologia de uma maioria negra, se levarmos em consideração que o maior número de escravos africanos traficados vieram ao Brasil. É máster ao colonizador/ opressor retirar a força do grupo escravizado/ oprimido, diante disso as religiões de matriz africana, em especial o candomblé, entendem que o indivíduo só será indivíduo quando o bem estar do coletivo for propiciado.

Segundo Santos⁷⁴, o grupo forma o indivíduo, e ele passa a ser considerado um antepassado pela contribuição histórica e social que forneceu aos seus, onde ser resistente à dominação é uma atitude gloriosa, se for em nome do coletivo, assim como fizeram os quilombolas.

Contudo, nos tempos atuais, é preciso refletir sobre a enorme migração de negros para religiões pentecostais e neopentecostais, a ponto de alguns autores apontarem o candomblé como religião de brancos. É preciso fazer diversas análises para justificar o êxodo de negros do candomblé e da umbanda.

Portanto, nas religiões pentecostais e neopentecostais, o negro tem a oportunidade de superar os impedimentos que em outro nicho sua cor traria, pois nesse lócus é possível se camuflar e esquecer o passado escravo, subalterno e inferiorizado. É a promessa de uma virada de jogo, porém vazia, visto que perde-se a capacidade de pensar no grupo e busca se a salvação individual, e as questões raciais nesses lugares são pouco discutidas, e o que é pouco debatido, talvez venha a ser negligenciado.

Por causa do fundamentalismo, a proposta pentecostal é radical e se aproxima do ascetismo que visa a santidade. Ser santo para o pentecostal é distanciar-se do mundo, fazendo o crente viver como se apartado dessa dimensão; ser santo é colocar o corpo em sacrifício, encher-se de culpa e isolar-se ao máximo das coisas abrindo mãos de divertimentos “mundanos” e vestir-se num padrão de obediência, é ser humilde, abnegado e obediente (sendo obediente o que cumpre com as ordens das lideranças sem questionar, mesmo que vá de encontro aos preceitos bíblicos), cordato, serviçal, ativo nos afazeres da igreja e ser consagrado por isso, isto é, reconhecido⁷⁵.

⁷⁴ SANTOS, Guaraci Maximiliano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. Dissertação de Mestrado. PUC-MG, Belo Horizonte, 2015.

⁷⁵ PACHECO, Lwdmila Constant. *Discussão acerca da influência da pertença religiosa na afirmação da negritude*. Mestranda em Psicologia Social pela UFS. Disponível em:

Como se o passaporte de “branco” fosse a aceitação do Cristo e da cultura judaico cristã, em detrimento de sua cultura e saberes empíricos africanos. Esse passaporte só é conferido ao negro, no momento em que nega seus laços religiosos e culturais do seu continente, visto que essas religiões, já anteriormente citado, reproduzem o discurso dos teóricos racistas de demonizar a África. Para o negro fragilizado pela miscigenação, pelo sincretismo, pela influência do catolicismo, pela desassistência do Estado, pela negação de si mesmo na Umbanda e no Espiritismo, pelos altos custos dos rituais de candomblé, pelo boom consumista e de competição de mercado de trabalho, migrar para uma religião evangélica vem a ser a decisão mais acertada.

A Igreja Universal do Reino de Deus junto com a Assembléia de Deus, sendo a primeira a representante neopentecostal mais popular e populosa, angariando grande parte da população de baixa renda, cristaliza entre a massa de seus seguidores o ideal de branqueamento sócio/religioso somado ao mito da democracia racial que impede que se evidencie (e mesmo que esteja evidente é pecado denunciar tal evidência) o racismo institucional que se mantém através de sistemas simbólicos alimentado pelo princípio da divisão maniqueísta do mundo. Porque por mais que seja reconhecido que a instituição faz uso da liturgia religiosa afro-brasileira em seus cultos, se divulga que tal religião é inferior, primitiva e representante do mal⁷⁶.

É importante ressaltar que o catolicismo foi fundamental na construção do discurso racista. Contudo, as religiões africanas se adequaram bem aos santos católicos, o que resultou num sincretismo peculiar em ambas. De mudanças ao calendário africano, comemorações sincréticas como as visualizadas nas festas juninas e lavagem da escadaria do Senhor do Bonfim na Bahia, à folia de Reis no Sudeste, proporcionando uma vivência quase que harmônica. Também fortalecida pelo catolicismo popular. Porém, as demandas sociais e econômicas começaram a influenciar a prática religiosa das pessoas⁷⁷.

Num segundo momento, no espiritismo apesar da não aceitação da incorporação de espíritos pouco escolarizados com uma linguagem popular, também houve contribuições da filosofia de Allan Kardec como arrimo filosófico.

Ainda que num primeiro momento os kardecistas tenham engrossado o discurso de

<https://btdt.ufs.br/bitstream/tede/2412/1/LWDMILA_CONSTANT_PACHECO.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁷⁶ PACHECO, Lwdmila Constant. *Discussão acerca da influência da pertença religiosa na afirmação da negritude*. Mestranda em Psicologia Social pela UFS. Disponível em: <https://btdt.ufs.br/bitstream/tede/2412/1/LWDMILA_CONSTANT_PACHECO.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁷⁷ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971.

que tanto o candomblé quanto a umbanda praticassem charlatanismo nos processos de cura física e espiritual, com seus conhecimentos empíricos acerca da fitologia, o que resultou em prisões de muitos líderes sacerdotais de matriz africana.

No fim, também o contexto hostil não era tão presente quanto o que é verificado após a ascensão de religiões neopentecostais. O embate ferrenho contra as religiões de matriz africana propiciadas pelos “evangélicos” deu abertura a uma nova discussão sobre o termo intolerância religiosa.

Essas religiões evangélicas se apropriam do velho discurso na teologia racista sobre a maldição africana, se apropria da demonização de Exu e utiliza todas as ferramentas de marketing contra essas religiões com o intuito de converter essa fatia da população brasileira, mais simplória, mais humilde, negra ou parda, porém consumidora de artigos religiosos, muito mais voltada as soluções propiciadas pelo campo religioso que pelo científico, e consequentemente um mercado rentável no pagamento de dízimos.

Nas igrejas mais novas, como a Universal do Reino de Deus e Igreja da Graça, os ‘exus’ e ‘pombajiras’ (entidades da umbanda) têm um papel essencial na composição desses cultos. São ‘entidades’ que aparecem durante o culto de exorcismo e que são essenciais para a realização dos cultos pentecostais. Sem os umbandistas esses novos pentecostais não existiriam, não se concretizaria a ‘verdade’ do grupo. São eles que dialogam com os pentecostais, mais que os outros pentecostais ou que as igrejas protestantes históricas. É através desta oposição entre ‘exus’ e ‘pombajiras’ e o ‘Espírito Santo’ que esses cultos se realizam⁷⁸.

Tirando a força do grupo que as religiões de matriz africana possuem com o fato de o indivíduo só é indivíduo quando o bem estar do coletivo foi propiciado. No cristianismo, o indivíduo busca sua salvação individual e depois se posiciona perante o grupo. É uma busca e visão de mundo egoísta, enquanto que nas africanas o grupo forma o indivíduo, e ele passa a ser considerado um antepassado pela contribuição histórica e social que forneceu aos seus. Para os cristãos, o aspecto extremamente solidário das religiões de matriz africana é ameaçador.

As abordagens das religiões afro brasileiras podem se mostrar úteis no combate ao racismo que ainda assola a população negra e sua cultura, buscando a igualdade de direitos e a liberdade de crença religiosa.⁷⁹

⁷⁸ CONTINS, Márcia. *Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos*. LOGOS 21: Comunicação e religiosidades - Ano 11, nº 21, 2º semestre de 2004.

⁷⁹ CURY, 2004, p. 188.

Pode proporcionar também um entendimento mais aprimorado “[...] dos fenômenos religiosos afrodescendentes e suas conexões com as lutas políticas da população descendentes de africanos no Brasil”⁸⁰, promovendo a quebra de discursos racistas, preconceituosos e discriminatórios na esfera pública.



⁸⁰ XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. Limites Conceituais no estudo das religiões Afrodescendentes. 2005, p. 117.

2 RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

O segundo capítulo da pesquisa aborda as religiões de matriz africana, tendo um destaque maior alguns itens que irão compor o capítulo como: apresentar um histórico das religiões de matriz africanas mais difundidas no Brasil; demonstrar os aspectos sócio culturais das religiões de matriz africana; e caracterizar um breve reflexão sobre o sincretismo religioso.

2.1 Histórico das Religiões de matriz africanas mais difundidas no Brasil

Ainda que o Censo isoladamente não demonstre a realidade dos fatos, por ser feito à partir da autodeclaração e para uma análise precisa, seria necessário considerar diversas variáveis que fazem com que a confissão de ser umbandista ou candomblecista não represente o contexto real, com números pouco expressivos. Esse levantamento pode ser norteador no que tange a justificativa de maiores esclarecimentos sobre o Candomblé e sobre a Umbanda unicamente.

“Mas assim como ocorre no aferimento da declaração dos espíritas, também com respeito às religiões afro-brasileiras há dificuldades precisas de detectar a real presença da umbanda e do candomblé no Brasil. Como indica Prandi, o Censo ‘sempre ofereceu números subestimados dos seguidores das religiões afro-brasileiras, o que se deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil e a seu caráter sincrético daí decorrente’. Continua vigente a tendência de adeptos das religiões afro-brasileiras camuflarem sua identidade registrando uma declaração de crença distinta, seja na rubrica católica ou espírita⁸¹”.

O principal aspecto do sincretismo nas religiões de matriz africana é, além de ter sido uma tática de disfarce para o candomblé e uma forma de sobrevivência para a umbanda, ser o possibilitador da mobilidade da pátria mãe. Permitir se sincretizar é e foi para essas religiões a única forma de beber das águas africanas, de ainda ter contato com experiências dos antepassados e assim construir sua identidade. O sincretismo permite a perpetuação cultural,

⁸¹ REGINALDO PRANDI. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. Ver também: José Ivo Folmann. Trânsito religioso e o ‘permanente peregrinar’. Cadernos IHU em formação, Ano VIII, n. 43, 2012, p. 14. Trecho extraído de <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2013/12/o-censo-de-2010-e-as-religioes-no.html> - O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação, Faustino Teixeira PPCIR-UFJ.

além de preencher lacunas da memória coletiva⁸².

As práticas religiosas expressam cultura à partir de seus rituais e fundamentos, e à partir dessa esfera vai-se moldando ou reconstituindo a identidade cultural do indivíduo, visto que identidade religiosa e identidade cultural estão atreladas, no tocante que a Religião consiste em um dos alicerces da Cultura.

No entanto essa influência não é de mão única. Não só as práticas religiosas interferem na formatação da identidade cultural do indivíduo, como a bagagem cultural desse ser ou do grupo, modifica as práticas religiosas para atender as demandas dos fieis, para preencher o vazio que muitas vezes é um vazio social, reflexivo e filosófico, mas que pelo imediatismo e apelos midiáticos levam as pessoas a associarem o seu preenchimento ao sobrenatural, a ícones, a amuletos e/ou a ritos.

Os contextos social, econômico e político, interferem intrinsecamente nas mudanças religiosas, pois servem de base para ditar as necessidades sociais. Sendo assim, investigar elementos religiosos é investigar elementos sociais. Religião, Cultura e Sociologia tornam-se Ciências indissociáveis.

“O processo sincrético, observado do ponto de vista do negro escravizado, se aproxima muito daquilo que L. Maldonado chama, positivamente, de sincretização: a releitura dos significantes originários enriquecendo-os de outros novos, para que o significado não seja perdido”⁸³.

Para R. Bastide, o assim chamado sincretismo resulta de três modalidades de relação: estrutural, cultural e sociológica⁸⁴. O africano lerá o panteão católico, transbordante de santos e virgens-marias, a partir da relação entre os orixás intercessores e Olorum, deixando de lado, no entanto, a ideologia católica do “sofre aqui para gozar no além”. Portanto, ao menos no início, será a religião africana a purificar o catolicismo quando aceita o culto aos santos.

Bastide não vê o cristianismo como compensação para a desgraça dos escravos, ou sublimação de seus sofrimentos. Explicar dessa forma o complexo fenômeno do sincretismo afro-brasileiro “só tem cabimento para a mentalidade dos brancos e somente é possível aos negros alienados”. A leitura (cultural) dos santos como aqueles que presidem diversas atividades humanas facilita a aproximação com os orixás, também esses dirigentes de um determinado setor da natureza (Xangô, os relâmpagos e trovões; Oiá-Iansã, os ventos e

⁸² MAGALHÃES A. C. de M. "Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica", em *Estudos de Religião*. UMESP, n. 14 (1998), p. 49-70.

⁸³ F. C. ROLIM. "Religiões Africanas no Brasil e Catolicismo. Um Questionamento", em *África*. USP-FFLCH, Rev. do CEA, 1978(1), p. 41-62.

⁸⁴ BASTIDE, 1971.

tempestades; Oxum, a água doce) ou protetores das profissões (como Ogum, que protege todos aqueles que trabalham o ferro)⁸⁵.

Enfim, a já mencionada prática católica das irmandades, com as suas disputas e rivalidades, propiciará um espaço adequado a fim de que se mantenha certa emulação dentre as diversas etnias africanas, contribuindo indiretamente com sua sobrevivência. Assim, conforme P. Verger, um angolano ou um congolês se inscreve na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário dos Homens de cor do Pelourinho; um daomeano jeje, na Irmandade de Bom Jesus dos Necessitados e da Redenção dos Homens Negros; um nagô-iorubá, na Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, e assim por diante⁸⁶.

Portanto, não haverá tão-somente uma aproximação entre orixás e santos, mas antes a participação dos membros do candomblé na vida da igreja católica. E isso a tal ponto que, se alguém não for católico, não poderá tomar parte num terreiro. Assim, e com um leve toque de imaginação, os escravos encontrarão nos santos católicos algo que os remeta a seu panteão. Por exemplo, para a analogia entre Oxalá e Jesus Cristo basta a aproximação externa entre a bengala de Oxalá velho e a figura do Bom Pastor com seu cajado.

Nesse meio de sincretismo, observa-se que muitos são os poetas, escritores, mestres, religiosos e espirituais “gente do meio do povo” que rasgam as vestimentas da racionalidade para se embebedar no pote da mitologia. Adorando animais, plantas, mares, rios, cachoeiras, num ritual de comunicação direta com o que é divino e maravilhoso Durkheim⁸⁷ relata que,

(...) as superstições populares estão misturadas aos dogmas mais refinados. Nem o pensamento nem atividade religiosa encontram-se igualmente distribuídos entre a massa de fiéis. Conforme os homens, os meios, as circunstâncias, tanto as crenças como os ritos, são percebidos de maneiras diferentes.

A entrada do Candomblé em terras tupiniquins se deu com o advento da escravidão que teve início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. Os portugueses traziam os negros africanos de suas colônias na África para utilizar como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar, especialmente no Nordeste.

Por esta razão, para analisarmos o lugar social em que estão inseridas as religiões de matriz africana, é necessário fazer a análise do percurso prosseguido pelo negro desde a escravidão até os tempos contemporâneos.

⁸⁵ BASTIDE, 1971.

⁸⁶ REHBEIN, F. *Candomblé e Salvação. A religião nagô à luz da teologia cristã*. São Paulo: Loyola, 1985.

⁸⁷ E. DURKHEIM. F.E.V.R., 1968, p. 7.

Os Bantus eram o grupo mais numeroso, dividiam-se em angola-congoleses e moçambiques. Sua origem estava ligada ao que hoje representa Angola, Zaire e Moçambique, os principais destinos deste grupo eram Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo. Eles foram os primeiros a chegarem no Brasil e a fundarem com os indígenas o candomblé de cabloco, primeira manifestação religiosa com origem africana do país.

Já os Iorubas ou Nagôs-Sudaneses eram formados por: iorubas, jejes e fanti-ashantis, trazidos do sudoeste do continente africano, do que hoje é representado pela Nigéria, Daomei e Costa do Ouro, seu destino geralmente era a Bahia. Entre eles tinham os mulçumanos, que de acordo com Carmen, eram os não-escravizados e também muitos guerreiros, que em sua maioria foram para os engenhos de cana-de-açúcar. No final da Diáspora, aqui chegaram os Fon, cuja maior expressão histórica, política e social se expressou no Benin, através do Reino do Dahomey⁸⁸.

O negro entrou em terras brasileiras como escravo, como ser inferiorizado por todo um sistema que justificava a própria escravidão. Para tal, o Império Português lançou mão de diversas ferramentas de controle e convencimento pejorativo social. Dentre elas, o racismo científico que estigmatizava grupos denominando-os etnicamente “inferiores” e também o catolicismo que associava à pele negra a ausência de luz e inexistência de alma.

No processo da escravidão, quando não morriam na viagem, os negros eram colocados à venda ao chegarem no Brasil. Eram então separados em grupos com diferentes origens para dificultar possíveis revoltas e comunicação que favorecesse fugas e rebeliões. Deste modo, associando diferentes africanos e diversas Áfricas num mesmo contexto, as culturas foram sincretizadas⁸⁹.

O candomblé como religião primária africana e sobrevivente no Brasil jamais poderia ser o mesmo candomblé africano, visto que no ato do sincretismo, cria-se uma religião híbrida que, mais que reprodutora de rituais, surge como única identificadora de pertencimento a um grupo social. Assim, o candomblé passa a ser visto como manifestação religiosa do negro, do escravo, do inferior, do ausente de alma, daquele que precisa ser salvo porque é diabólico na visão do branco. Enquanto para o negro era o laço com sua pátria mãe.

⁸⁸ MÃE CARMEM PRISCO Religiosidade: As religiões de matriz africana e a escola. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/18102013/religiosidade-as-religioes-de-matriz-africana-e-a-escola>>. Acesso em: 2 maio 2017.

⁸⁹ SANTOS, Guaraci Maximiano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. 2015. Dissertação (Mestrado), Programa de Pósgraduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A sobrevivência das religiões de matriz africana, ainda que no meio de povos vindos de países diferentes e com diferentes fundamentos funcionou como a perpetuação da cultura negra, resistência à escravidão e permanência de sua identidade através de suas tradições e praticas religiosas⁹⁰.

Candomblé é uma religião originária da África, trazida ao Brasil por escravos. Oxalá é a divindade da criação. Cultuam os Orixás, de origem totêmica, que representam as forças que controlam a natureza e seus fenômenos, tais como as águas, o vento, as florestas, os raios. Ritos e cerimônias realizam-se em casas ou terreiros, de linhagem matriarcal uns e patriarcal outros quanto à direção. Há um sincretismo entre o candomblé e a religião católica, sincretismo que foi uma forma de defesa a que recorreram os cativos visando a preservação da religião proibida pelos escravocratas no século XIX⁹¹.

O candomblé formou-se na Bahia, em meados do século XIX, a partir de tradições de povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e também por pequenos grupos africanos. Em geral, os orixás conhecidos no Brasil foram trazidos pelos habitantes de Ketu, o dialeto das cerimônias é o iorubá. O candomblé banto, em geral, não vingou, se dissociando na macumba, que depois se dividiu em quimbanda e umbanda.

“A macumba⁹² é a expressão daquilo em que se tornam as religiões africanas no período de perda de valores tradicionais; o espiritismo de Umbanda, ao contrário, reflete o momento da reorganização em novas bases⁹³”.

Segundo Santos, a explicação para esse fenômeno se daria pelos bantos serem constituídos por diversas tribos com diferentes dialetos, com uma diversidade muito grande e culto à ancestralidade, onde a busca religiosa dos adeptos era de uma unidade comunitária, diferente dos yorubás, acostumados com grandes conquistas territoriais. A cultura banta então privilegiaria a experiência do existir, sendo humanizada e não tão conectada à dogmas, mais aberta a resignificações, mais fragilizada e naturalmente mais passível ao sincretismo⁹⁴.

O candomblé brasileiro desde o início, uniu aspectos culturais originários de

⁹⁰ SANTOS, 2015.

⁹¹ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Espiritismo no Brasil*. Cad. CERU, Dez 2008, vol.19, nº2, p.173.

⁹² Macumba é uma variação genérica atribuída aos cultos afro-brasileiros, sincretizados com influências da religião católica, do ocultismo, de cultos ameríndios e do espiritismo. Na "árvore genealógica" das religiões afro-brasileiras, a macumba é uma ramificação do candomblé. Antes de ser associada a um tipo de religião, a palavra "macumba" descrevia um instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao atual reco-reco. Um "macumbeiro" era o indivíduo que tocava este instrumento. A macumba também pode estar relacionada diretamente com os rituais que são praticados em alguns cultos afro-brasileiros, característicos pela manifestação mediúnica.

⁹³ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971, p. 407.

⁹⁴ SANTOS, 2015.

diferentes cidades iorubanas, originando-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé, predominando em cada nação tradições das cidades ou região que acabou lhe emprestando o nome: queto, ijexá, efã⁹⁵.

Prandi assinala que o candomblé baiano, que proliferou por todo o Brasil, tem sua contrapartida em Pernambuco, onde é denominado xangô, sendo a nação egba sua principal manifestação, no Rio Grande do Sul, onde é chamado batuque, com sua nação oió-ijexá, e no Maranhão é extremamente influenciado pela religião dos voduns daomeanos, o tambor-de-mina nagô do Maranhão. Além dos candomblés iorubás, há os de origem banta, especialmente os denominados candomblés angola e congo, e aqueles de origem marcadamente fom, como o jeje-mahim baiano e o jeje-daomeano do tambor-de-mina maranhense⁹⁶.

Ainda Prandi e Bastide reiteram que foram principalmente os candomblés baianos das nações ketu (iorubá) e angola (banto) que mais se propagaram pelo Brasil. O ketu se constituiu como modelo para o conjunto das religiões dos orixás, e seus ritos, panteão e mitologia são hoje praticamente predominantes. O candomblé angola, embora tenha adotado os orixás, que são divindades nagôs, e absorvido muito das concepções e ritos de origem iorubá, desempenhou papel fundamental na constituição da umbanda, no início do século XX, no Rio de Janeiro e em São Paulo⁹⁷.

A priori, as principais características gerais do candomblé brasileiro, descritas por Herskovits são crer no monoteísmo, onde o Deus cristão é aqui denominado de Olorum, porém cada fenômeno natural ou espaço natural tem uma divindade responsável denominada de orixá, o que dá um leve caráter politeísta. Em um terreiro de candomblé há o sacerdote preparado e capacitado para se comunicar com os orixás denominado de babalaô ou babalorixá, quando mulher ialorixá e há toda uma hierarquia (ogans, agibonans, equedis...), onde cada membro possui uma função específica no terreiro com intuito de beneficiar o grupo, manter a ordem e perpassar os ensinamentos aos iniciados conforme vá se elevando na escala de prestígio religioso. Há sacrifícios e oferendas a essas divindades, divisão dos dias da semana segundo os orixás, processos adivinhatórios (normalmente búzios), festas anuais aos orixás, rituais de iniciação, comunicação com os mortos (eguns) e transe extáticos⁹⁸.

O candomblé no Brasil tem algumas singularidades. Uma delas é ser mais urbano

⁹⁵ SILVEIRA, Renato da (2000), "Jeje-nagô, iorubá-tapá, aon efan e ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha, 1764-1851". *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, 94 (6), p. 80-101.

⁹⁶ PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec. 1991.

⁹⁷ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971.

⁹⁸ PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec. 1991.

que rural. Possivelmente isso ocorra pelas áreas urbanas serem as de maiores conflitos sociais, onde o candomblé surge como refrigerio, visto que garante segurança aos indivíduos por seu caráter solidário, permite prestígio á partir do progresso místico dentro do terreiro e por fim assume função recreativa e cultural, através dos rituais que envolvem canto, dança e música. Outro fator é que não era nato dos escravos africanos e seus descendentes diretos o movimento de secularização europeu⁹⁹.

A solidariedade candomblecista, no período industrial e de ocupação dos grandes centros urbanos fazia mais sentido que a solidariedade sindical, até porque após a abolição da escravatura, os negros não foram incluídos no mercado de trabalho e nem lhes foi proporcionado qualquer oportunidade de escolarização. O acesso às políticas sindicais era restrito aos imigrantes brancos e, com otimismo, aos mulatos mais embranquecidos. A ótica de mundo dos negros então estava intimamente ligada a religiosidade, onde o candomblé era a única comunidade organizada ao qual lhes era permitido fazer parte. Nesse contexto, uns ajudavam os outros, se apadrinhando. E conforme o negro se elevava na hierarquia candomblecista ao assumir cargos religiosos, mas lhe era cobrado que ofertasse aos menos favorecidos. 'E, essa solidariedade socioeconômica, por seu turno, tem sua base na comunhão espiritual que une todos os membros numa mesma fé'¹⁰⁰.

Uma outra especificidade é que os ensinamentos no barracão foram tradicionalmente perpassados de forma oral, sendo assim, muitos mitos se perderam por não encontrarem no novo continente a mesma memória coletiva e estrutura social. A oralidade dos ensinamentos primeiramente surgiu como única estratégia, visto que os negros não tinham acesso à escolarização.

De forma posterior, mostra-se como estratégia de proteção do “segredo” contra os brancos e garantia da manutenção da hierarquia sacerdotal, onde as concepções do sagrado vão sendo reveladas a cada filho de santo paulatinamente, conforme a elevação de cargos no terreiro. Quanto maior cargo hierárquico ocupe, maior o conhecimento dos ensinamentos secretos, maior é o prestígio conquistado na comunidade religiosa e maior é o número de responsabilidades.

“Em suma, a lentidão na divulgação dos conhecimentos secretos do candomblé é uma espécie de inoculação progressiva, de vacinação de coisas cada vez mais fortes, para que o dom do segredo não se transforme em perigo”¹⁰¹.

Ainda que se mantenha o rito, as justificativas para tais se perde, junto a isso há a necessidade de pertencimento a nova cultura local, logo a oralidade dos ensinamentos, do

⁹⁹ LIMA, Vivaldo da Costa (1984), "Nações-de-candomblé", in LIMA, Vivaldo da Costa (org.), *Encontro de nações de candomblé*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Asiáticos da UFBA e Ianamá.

¹⁰⁰ MBON, 1991.

¹⁰¹ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971, p. 346.

sagrado, acabou fragilizando a própria manutenção do rito, o que mais tarde proporcionou o sincretismo e o surgimento da Umbanda.

Segundo Bastide,

Pudemos constatar que o que se perde com a passagem de um grupo social a outro são as representações coletivas características das estruturas sociais arcaicas, as partes da narrativa que tratam das formas primitivas de casamento e de trocas, em resumo, tudo o que já não tem mais sentido no mundo ocidental¹⁰².

Naturalmente, se o saber está ligado ao tempo que se permanece ouvindo os mitos e vivenciando os ritos, inevitavelmente o fator idade ganha proporções de prestígio imensas no terreiro. Desta forma, mais uma característica do candomblé é a valorização dos mais velhos.

A valorização dos ancestrais, funcionando também como saudosismo ao continente africano, onde homenagear os mais antigos é homenagear as raízes dos mitos e ritos, é ainda sentir-se conectado ao continente e seus aspectos naturais deixados forçosamente para trás. “O candomblé é mais que uma seita mística, é um verdadeiro pedaço da África transplantado”¹⁰³.

Outro fator cultural a ser apontado é o não enaltecimento do pecado e especialmente da culpa, como acontece no cristianismo. O candomblé sacraliza o ajuntamento, a comunhão entre as pessoas do barracão.

Sendo assim, julgar o outro poderia separar os indivíduos, desagregando-os. Todas as ações que poderiam desorganizar o grupo como o erotismo ou a avareza devem ser controladas e não, necessariamente extintas.

No candomblé os impulsos carnis, por exemplo, não são reprimidos, pois são vistos como humanos, naturais. Porém, os excessos são reprimidos, visto que esses excessos podem trazer insegurança à seita. Logo, desequilibrar o grupo, não priorizar o bem comum, não seguir as normas para manter a agregação dos filhos de santo passa a ser visto como antinatural e, conseqüentemente, como transgressão.

No entanto, para o candomblé, parte das transgressões podem ser desfeitas e pagas em vida, contornadas através de ebós e agrados ao orixá, nos rituais, pelo transgressor após consulta prévia do líder sacerdotal ao jogo de búzios, que seria o canal comunicador do líder com os orixá.

Para os iorubás tudo acontece em três planos: o *Aiê*, que é este nosso mundo, o do tempo presente; o *Orum*, que é o outro mundo, a morada dos deuses orixás e dos antepassados, o mundo mítico do passado remoto; e o mundo intermediário dos que estão

¹⁰² BASTIDE, 1971, p. 335.

¹⁰³ BASTIDE, 1971, p. 312.

aguardando para renascer. “Este mundo dos que vão nascer está próximo do mundo aqui-e-agora, o *Aiê*, e representa o futuro imediato, atado ao presente pelo fato de que aquele que vai nascer de novo continua vivo na memória de seus descendentes, participando de suas vidas e sendo por eles alimentados, até o dia de seu renascimento como um novo membro de sua própria família. Para o homem, o mundo das realizações, da felicidade, da plenitude é o mundo do presente, o *Aiê*”¹⁰⁴.

Não há prêmio nem punição no mundo dos que vão nascer, nada ali acontece. Os homens e mulheres pagam por seus crimes em vida e são punidos pelas instâncias humanas. As punições impostas aos humanos pelos deuses e antepassados por causa de atos maus igualmente não os atingem após a morte, mas se aplicam a toda coletividade à qual o infrator pertence, e isso também acontece no *Aiê*. Trata-se de uma concepção ética focada na coletividade e não no indivíduo, não existindo a noção ocidental cristã de salvação no outro mundo nem a de pecado. O outro mundo habitado pelos mortos é temporário, transitório, voltado para o presente dos humanos. Nem a vida espiritual tem expressão no futuro¹⁰⁵.

Neste viés o continuísmo da poligamia africana, após a abolição da escravatura, também influenciou o comportamento nos barracões. Os fundadores do candomblé não se casavam segundo os ritos cristãos. Era natural um babalorixá ter uma esposa principal e outras esposas, com funções diferenciadas no terreiro e que se auxiliavam mutuamente, vivendo de forma harmônica. Essa maneira de se relacionar com o matrimônio se estendia aos filhos de santo e naturalmente ter várias esposas era prática comum aos ex escravos e descendentes diretos. Não que essa liberdade fosse promiscuidade, apenas que era cultural desde tribos africanas, o marido ter várias famílias e diferentes lares, assim como as divindades, os orixás masculinos se relacionavam com as orixás femininas, como Xangô foi casado com Obá, Oxum e Iansã concomitantemente¹⁰⁶.

Perante essa organização social nas áreas urbanas, num contexto pós escravidão, era difícil para um homem sustentar sozinho tantos lares, o que conseqüentemente trazia autonomia econômica feminina e protagonismo dessas mulheres em seus lares, com novas formações familiares aos olhos de um mundo europeu, a formação das estruturas familiares maternas. Esses dois fatores tem extrema importância também em como as estruturas familiares contemporâneas se apresentam, em especial nas periferias urbanas, onde o contingente de descendentes de escravos é grande. Ainda parece natural não existir a valorização do matrimônio burocrático, sendo comum a união estável, ou um homem ter

¹⁰⁴ BABATUNDE, 1992, p. 33.

¹⁰⁵ MBON, 1991, p. 102

¹⁰⁶ PRANDI, 2001.

várias “esposas”, bem como essas mulheres serem “mães solteiras”, sendo as principais provedoras do lar, como as vendedoras de acarajé de Salvador¹⁰⁷.

“Essa independência econômica se conservou com tanto mais facilidade quanto o homem tendia a desaparecer de sua casa, deixando, assim, sua companheira só com os filhos nascidos dessa união passageira. Daí, o predomínio da família materna na população negra tanto do Brasil, como dos Estados Unidos”¹⁰⁸. Por fim, o candomblé para o negro era o único lugar de inserção, de pertencimento e de proteção. Num universo hostil para sua etnia, os orixás eram seus únicos advogados.

A escravidão fez insurgir a casta explorada e submissa dos negros contra a casta dominadora dos brancos. O regime servil tornou-se uma espécie de batalha sem trégua entre as duas raças, as duas grandes armas que o negro utilizou foram Exu e Ogum, Exu ou a magia, Ogum ou a revolta¹⁰⁹.

Se num primeiro momento o candomblé foi a única instituição que proporcionava a integração entre os negros excluídos pelo mundo branco, secundariamente essa organização se fragilizou. O fenômeno da miscigenação étnica brasileira demonstrava-se ao negro como uma fácil fuga ao racismo latente. Conforme iam se embranquecendo, suas gerações iam sendo aceitas, a inserção social então parecia possível.

Maritain e Skidmore apontam que no século XIX, no declínio da escravidão e após a abolição da escravatura, o mestiço era considerado uma terceira categoria racial, com potencial de tornar-se cada vez menos degenerada. Embora não existisse uma ‘linha de cor’ clara, a elite brasileira aceitou a tese da superioridade branca e tentou conciliar a sociedade multiracial às teorias bioantropológicas, mediante o argumento de que, no Brasil, o branco prevaleceria através da miscigenação, a mistura racial estava embranquecendo o Brasil. Longe de ser uma ameaça, a miscigenação era a salvação¹¹⁰.

A subjetividade da definição das categorias raciais fez com que, no Brasil, diferente da ancestralidade, os indivíduos delimitassem a raça baseada na aparência e na posição social, em busca de traços característicos fenóticos, permitindo definir o indivíduo como negro, mulato ou branco. Em vez de garantir a democracia racial, a ideologia assimilacionista, na realidade, acabou por introduzir o preconceito racial entre os negros e mestiços, que

¹⁰⁷ SKIDMORE, Thomas E. *Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 79, nov., 1991, p. 6-7.

¹⁰⁸ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971, p. 316.

¹⁰⁹ CARNEIRO, Edilson. *Candomblés da bahia*. Editora do Museu do Estado da Bahia, Salvador, 1948, p. 42.

¹¹⁰ ROHDE, Bruno Faria. *Revista de Estudos da Religião*. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista, março / 2009 / p. 77-96.

procuravam parceiros cada vez mais claros para embranquecer a raça¹¹¹.

Esse mesmo fenômeno também aconteceu no campo religioso. O catolicismo atracou no país como religião redentora e dissemadora do catequismo salvador, através dos jesuítas, sobre o povo ameríndio. O intuito era de controle social legitimizador da colonização, assim como posteriormente foi utilizado na escravidão dos negros.

Para Berger, o controle social tem a função de manter a harmonia interna do grupo, impedindo que as resistências individuais e do grupo possam por em risco essa harmonia, de forma a se manter em níveis que o grupo venha a suportar para que certa ordem impere internamente. Dessa forma suaviza e reduz as ameaças com o fim de manter a ordem estabelecida e evitar o caos¹¹².

Entretanto, é necessário refletir que o poder do controle fica à mercê de mãos restritas, visto que se o grupo ou classe dominante pertence a uma determinada religião, a função legitimadora dessa religião dentro da sociedade é forte e consistente. Caso contrário, se a religião e seus adeptos fossem de classe dominada, tal religião poderia ser facilitadora de conflitos ou até mesmo revolta dentro de grupos ou classes sociais. 'Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de práticas e representações religiosas se organiza, em relação à religiosidade dominante, tendentes a justificar a hegemonia das classes dominantes'¹¹³.

A história do Candomblé no Brasil é a história de luta de uma população marginalizada que usou de várias estratégias para superar sua condição deflagrada por instituições “dominantes”, como o Estado e a Igreja Católica, e assim preservar sua cultura e manter o elo com o continente africano. Foi a partir desse momento que se iniciou o processo de sincretismo das religiões afro (entre si) e o catolicismo. Os negros aceitavam a convivência dos santos católicos com as divindades africanas, chegando mesmo a considerarem, em alguns casos, que estes faziam parte do mesmo universo religioso¹¹⁴.

E nesse contexto fragilizado para a manutenção das tradições africanas surgiu a Umbanda. A Umbanda surge como religião de resistência, em prol da matriz africana, adaptada a nova realidade urbana do negro, sincretizando com o espiritismo e com o catolicismo. Nasceu no final do século XIX e início do século XX, com surgimento atrelado aos contextos sociais como a abolição da escravatura e o período industrial. A anunciação da umbanda se deu pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas em dois tempos: “no dia 15 de

¹¹¹ ROHDE, 2009.

¹¹² ROHDE, 2009.

¹¹³ BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5 ed. São Paulo: perspectiva, 1998, p. 53.

¹¹⁴ BABATUNDE, Emmanuel D. *A critical study of bini and yoruba value systems of Nigeria in change: culture, religion and the self*. Lewinston, UK, The Edwin Mellen Press. 1992.

novembro de 1908 houve a primeira manifestação do caboclo mencionado numa mesa espírita à qual o jovem Zélio de Moraes (na época com 17 anos) havia sido levado devido a um problema de saúde que os médicos não conseguiam curar (alguns falam em paralisia, outros numa série de crises semelhantes à epilepsia)¹¹⁵.

Não há consenso sobre se Zélio já chegou curado à reunião espírita ou se sua cura se processou durante os acontecimentos daquela noite. Nessa reunião começaram a se manifestar diversos espíritos de negros escravos e indígenas nos médiuns presentes, e esses espíritos eram convidados a se retirar pelo dirigente da mesa que os julgava (como era e continua sendo comum entre os kardecistas) atrasados espiritual, cultural e moralmente. Foi então que baixou pela primeira vez o Caboclo das Sete Encruzilhadas, proferindo um discurso de defesa das entidades que ali estavam presentes, já que estavam sendo discriminadas pela diferença de cor e classe social¹¹⁶.

Os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas mensagens. Às 20 horas do dia seguinte, 16 de novembro de 1908, em meio a uma pequena multidão de amigos, parentes, curiosos e kardecistas incrédulos que se aglomeravam na casa de Zélio, baixou novamente o caboclo referido e declarou que se iniciava a partir de então uma nova religião na qual pretos velhos e caboclos poderiam trabalhar. Determinou também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria umbanda. Além disso, fundou naquele dia aquela que, nesta narrativa, é descrita como a primeira tenda de umbanda da história, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade¹¹⁷.

Dez anos depois da fundação dessa primeira casa, portanto em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que seguia trabalhando com o médium Zélio de Moraes, teria determinado a fundação de sete novos templos que seriam os responsáveis pela difusão ampla da nova religião, todos com o prefixo Tenda Espírita: São Pedro; Nossa Senhora da Guia;

¹¹⁵ MBON, Friday M. *African traditional socio-religious ethics and national development: the nigerian case*, in OLUPONA, Jacob K. *African traditional religions in contemporary society*, St. Paul, Minnesota, Paragon House. 1991.

¹¹⁶ GIUMBELLI, 2002, p. 38.

¹¹⁷ GIUMBELLI, 2002, p. 39.

Nossa Senhora da Conceição; São Jerônimo; São Jorge; Santa Bárbara; e Oxalá¹¹⁸.

Merece ser destacada uma variação nos dados fornecidos por outros pesquisadores em relação ao período de fundação das primeiras tendas: Brown (1985) acredita que a fundação da umbanda por Zélio de Moraes na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, depois seguida pelas demais, tenha ocorrido em meados da década de 1920; já Ortiz (1999) localiza na década de 1930 tais acontecimentos. Todos esses fatos descritos acima constituem de maneira geral o chamado ‘mito’¹¹⁹.

A Umbanda é uma religião sincrética, trazendo em si resquícios da macumba carioca dos bantos, pela forte ligação à musicalidade e dança africana, com pitadas de influências indígenas do Catimbó e a adoração aos encantados, ligação filosófica e cristã ao espiritismo (kardecismo) e catolicismo, e outras tendências à magia e à astrologia. Essa heterogeneidade existe devido ao individualismo de seus líderes sacerdotais, tornando-se difícil a categorização de qualquer Instituição organizadora, como a Federação¹²⁰.

Há aí um esforço para introduzir um pouco de lógica nessa confusão entre o espiritismo e a macumba. Reação do espírito moderno diante de uma situação de fato, de um sincretismo que nasceu do encontro, nas grandes cidades, de religiões diferentes, mas que possuíam a mesma clientela que respondia aproximadamente às mesmas necessidades e cujos adeptos eram dotados de uma mobilidade religiosa desconcertante¹²¹.

O processo de criação de Umbanda é um processo puramente sociológico, não obedecendo senão a causas sociais, não se explicando senão pelo contato das civilizações. Mas se o vulgo pode aceitar a contradição em si próprio, pois não a sente, aquele que reflete deseja ultrapassar o estágio do homem marginal, dividido contra si mesmo; daí, essas racionalizações. No entanto, elas permanecem frágeis ou contraditórias, pois, sob a harmonia do sistema, nem por isso deixam os mitos de continuar. Uma dentre as duas correntes acabará por vencer, corrente que será ora o espiritismo, ora a macumba africana, mas a macumba elevada à altura de uma requintada teogenia¹²².

Porém, no próprio seio dessa religião, há a negação da africanidade. Primeiramente como resposta à influência do movimento romancista literário ainda no século XIX de valorização do ameríndio como resistente à colonização e herói nacional, fazendo com que o mulato preferisse ser associado à descendência indígena, a ter que assumir-se negro, o que justifica os arremates do catimbó e religiões de matriz

¹¹⁸ BASTIDE, 1971.

¹¹⁹ ROHDE, Bruno Faria. *Revista de Estudos da Religião*. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista, março de 2009, p. 77-96.

¹²⁰ BASTIDE, 1971.

¹²¹ GIUMBELLI, 2002.

¹²² BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Livraria Pioneira, 1971.

indígena influenciando a teologia umbandista, até mesmo influenciando fortemente seus rituais, onde os espíritos dos caboclos sempre chegam primeiro, para que a gira seja aberta aos espíritos dos negros¹²³.

Segundo, porque surgiu com a finalidade de fornecer aos descendentes dos africanos uma religião adaptada às novas necessidades do negro alforriado, de forma que conseguisse disfarçar o aspecto de charlatanismo, bárbaro ou inferior que a mitologia e especialmente os ritos oriundos puramente da África causavam aos olhos da sociedade branca. Em terceiro, a Umbanda também interessava a um novo nicho social, que eram os imigrantes europeus adeptos de crenças que no seu continente, talvez tivessem que negar e que, agora no Brasil poderiam de fato realiza-lo como a astrologia e magia oriental. Em quarto, para associar os orixás africanos aos santos católicos, de forma que a Igreja não se opusesse de forma ferrenha contra os umbandistas, tanto quanto ocorria com os candomblecistas, nesse aspecto, a afirmação da Umbanda como religião cristã, a legitimava para os brancos e reduzia o complexo de culpa dos negros. Por fim, a Umbanda necessitava da aprovação dos eruditos, passando a utilizar como arrimo filosófico, também legitimizador dos transes e incorporações, a literatura de Allan Kardec¹²⁴.

“Assim, essa nova religião consegue não ofender os espíritas ou os católicos inquietos que a procuram, proclamando-se africana, mas consegue, ao contrário, atraí-los, pois que diviniza até o limite os mortos em orixás e sublima o cristianismo em uma magia superior”¹²⁵.

No início, a macumba era chamada de baixo espiritismo, visto que para os espíritas de Kardec, os espíritos dos negros e índios eram moralmente inferiores, pois seu linguajar não se apresentava rebuscado e apropriado á luz do conhecimento que a evolução espiritual permitiria. Ainda nos tempos atuais, essa visão persiste, sendo migrada para aquela que traz os resquícios da macumba, a Umbanda. “O espiritismo de Allan Kardec aceitará muitos mulatos e muitos negros em seu seio, mas sob a condição de que eles recebam espíritos dos brancos”¹²⁶.

No Domínio dos fatos, tal como eles se apresentavam aos fundadores, a religião africana surgia como uma grosseira mistura de elementos, dentre os quais alguns bem podiam ser admitidos pelos espíritos evoluídos: a comunicação com os espíritos, por exemplo; mas em que outros chocavam a mentalidade civilizada, tais como sacrifícios de animais e danças orgásticas. Daí, a cisão da macumba do Rio em

¹²³ BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971, p. 312.

¹²⁴ BASTIDE, 1971.

¹²⁵ BASTIDE, 1971, p. 451.

¹²⁶ BASTIDE, 1971, p. 431.

duas: o espiritismo de Umbanda que conservará apenas os elementos civilizados, e a magia de Quimbanda, que se ligará às forças demoníacas¹²⁷.

Certamente, o principal fator demarcatório entre a Umbanda e quaisquer outras religiões de matriz africana é a aceitação do “pecado cristão” em seu pilar, e conseqüentemente da sua culpa resultante. Esse temor à transgressão foi o preço pago pelo negro, pelo mulato para ser aceito socialmente, sem ter que eliminar toda a mitologia de seus antepassados.

2.2 Aspectos sócios culturais das religiões de matriz africana

Inicialmente, é preciso relembrar que o próprio candomblé brasileiro é sincrético. Os escravos eram proibidos de adorarem seus orixás, com isso sincretizaram os santos católicos ao panteão africano. Modificaram também seu calendário. Porém, o catolicismo foi apenas acrescido ao candomblé, como disfarce (enquanto eram escravos) e como questão cultural, visto que as datas comemorativas e feriados nacionais religiosos são determinados pela Igreja Católica.

Passando de um hemisfério a outro, em que as estações se encontravam invertidas, o antigo calendário de festas foi transformado pelo novo ritmo da vegetação e como, ao mesmo tempo, os escravos eram obrigados a esconder seus deuses negros sob máscaras brancas, adquiriram o hábito de festejar seus orixás no dia do santo católico correspondente¹²⁸.

Apesar de alterarem seus calendários, não houve grandes influências católicas no entendimento de mundo candomblecista. Os mitos, os ritos e os etos foram mantidos, bem como o orgulho de sua etnia. Tanto que é comum em alguns terreiros candomblecistas associarem o arquétipo do ‘preto velho’ – reverenciado na umbanda – ao arquétipo do negro não resistente, maleável e dócil, o que se opõe à personagem de Zumbi dos Palmares. Para os candomblecistas, em geral um ancestral é aquele antepassado que deve sempre ser homenageado pela contribuição social que desempenhou quando encarnado para o grupo, contribuição essa valorizada conforme há a presença de conhecimento, sabedoria e resistência, qualidades essas sempre acompanhadas de atitudes afirmativas para o seu povo, contrárias a qualquer inferiorização imposta por brancos, seja de cunho religioso ou etnicoracial¹²⁹.

Na Umbanda, o sincretismo é muito mais evidente, pelo próprio histórico da religião. Por ser uma religião que busca a aceitação e a inserção de todos os grupos sociais que não

¹²⁷ BASTIDE, 1971, p. 443.

¹²⁸ BASTIDE, 1971, p. 277.

¹²⁹ BASTIDE, 1971.

eram assistidos nem pelo catolicismo e nem pelo espiritismo, ela surge como religião redentora a esses excluídos. Para tal análise, é preciso entender que o catolicismo criou uma visão dualista de mundo. O Brasil estava dividido entre cristãos e não cristãos. Os cristãos eram brancos, os não cristãos os negros. Conforme foi ocorrendo a miscigenação, também ocorreu as misturas culturais e inevitavelmente religiosas.

Quando o período de escravidão cessou e o Iluminismo havia ganhado corpo, grupos de brancos, de negros, de pardos, já não se viam assessorados devidamente pelos dogmas católicos. O espiritismo de Allan Kardec surge então, como prática cristã associada aos avanços científicos do tempo, com ele era possível ser cristão e ainda compreender os progressos acadêmicos e tecnológicos como parte evolutiva da humanidade. Porém, a base do espiritismo sempre foi associar a evolução espiritual a evolução dos conhecimentos e consequentemente à qualificação erudita, contudo o acesso ao conhecimento e aos estudos havia sido negado aos negros, inevitavelmente o espiritismo então também era embranquecido. Além disso, os negros, indígenas, pardos e imigrantes que estavam desassistidos pelo Estado tinham no candomblé, na macumba e no catimbó o acesso a fitoterapia, ainda que de forma empírica, onde as ervas e os curandeiros amenizavam os problemas de saúde dos fieis. Os terreiros então proporcionavam acesso a curas de males espirituais e físicos aos excluídos, além do acesso ao lazer, à músicas, danças e confraternização¹³⁰.

Em fins do século XIX, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, médico e político liberal, figura bastante respeitada, um dos primeiros presidentes da Federação Espírita Brasileira (FEB). considerado no meio espírita como o ‘Allan Kardec brasileiro’, justamente por ter ele ‘codificado’ a doutrina espírita (à sua maneira) no Brasil juntamente ao médico homeopata Dias da Cruz (um dos presidentes da FEB e também do Instituto Hahnemaniano do Brasil, personagem intimamente envolvido com a propagação da homeopatia no país), desenvolveram uma maneira bastante peculiar de encarar o Espiritismo: ‘Serviço de Assistência aos Necessitados’¹³¹.

Diversos espíritas, médicos ou não, adotaram naquela época a prática da homeopatia, visto que a consideravam o método terapêutico mais adequado para o Espiritismo. A prática da caridade terapêutica espírita deveria, ao olhar dos brancos, adentrar nas camadas mais pobres para solucionar aquilo que o Estado não dava conta. A chegada dos espíritas nos terreiros era bem vinda, os afrodescendentes estavam abertos a essa experiência e estabeleceu se um ambiente de troca. Ambos somavam seus saberes médicos ao conhecimento empírico

¹³⁰ BASTIDE, 1971.

¹³¹ ARRIBAS, Célia da Graça. *O caráter religioso do espiritismo*. Revista fragmentos de Cultura. Goiânia. Volume 23, n. 1, 2013.

dos curandeiros e benzedoras de origem indígena e africana, ressignificando esses saberes. Enquanto aquilo que daria origem a Umbanda fornecia esses conhecimentos fitológicos aos brancos espíritas, esses devolviam com o arrimo filosófico de Allan Kardec.

Nos anos 1920 e 30, o kardecismo serviu ainda de matriz sociocultural para a formação da Umbanda, cuja mensagem era mais acolhedora para os segmentos de baixo grau de escolarização, os quais ensaiavam os primeiros passos de integração no mundo urbano-industrial, onde o branqueamento do espiritualismo africano conjugou-se ao empretecimento do espiritismo kardecista¹³².

Na formação da identidade dos umbandistas - como as religiões de matriz africana se perpetuam de forma oralizada, através dos ensinamentos de seus ritos e músicas perpassando de geração em geração - os fieis destas procuram nos livros kardecistas o arrimo filosófico que lhes falta, visto que a escrita, o ser alfabetizado não foi permitido por longo tempo aos escravos negros.

É pela oralidade que se passa todo o conhecimento do axé. Não existem cadernos, livros, apostilas, indicando o caminho para a transmissão dos fundamentos e preceitos. As Tias Velhas dizem que 'é pelo hálito e de joelhos que se aprende os segredos' e 'quem não trabalha não aprende'. Só aprende os fundamentos quem tem uma vivência concreta dentro do terreiro, quem está disposto a esperar o momento, a passar pelo caminho sem queimar etapas. Muito do que se aprende é por cumplicidade, relação, dedicação. O sentido da tradição oral continua intacto e sua transmissão é a pedagogia do orixá: educação de pé de orelha... Não basta ter uma fita gravada com músicas, se não sabe para que serve nem a quem se destina¹³³.

Assim o espiritismo passou, com sua filosofia, a legitimar de forma socialmente aceita, os transes umbandistas e também candomblecistas. Afastando, especialmente dos primeiros, o caráter de barbárie tipicamente associado às religiões de matriz africana.

Por outro lado o fator econômico também foi marcador para que candomblecistas (em especial os bantos) migrassem para a Umbanda. Visto que a prática ritualística do candomblé, nas suas feitura de santo e agrados aos orixás sempre representaram um alto custo. No momento que o negro, proveniente do êxodo rural, chega aos centros urbanos, onde se deixa contaminar pelos interesses capitalistas, o espírito comunitário do candomblé entra em choque com esses novos valores¹³⁴.

A insegurança econômica e social dessa plebe desamparada, a desintegração da

¹³² ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Brasiliense. 1978.

¹³³ BORBA, Denísia Martins. *As memórias que preservam as histórias*. In: VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral (ABHO), 2009, Belo Horizonte. Anais. Disponível em: <<http://www.historial.kit.net/Denisiaborba.pdf>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017, p. 2.

¹³⁴ BORBA, 2009.

família costumeira em pura concubinação, a passagem da mobilidade profissional para a cessação do trabalho ou a vagabundagem, da poligamia africana (reinterpretada e, por conseguinte, institucionalizada) em prostituição livre, ou em parasitismo sexual, tudo isso impele para a metamorfose da religião em magia, do culto comunitário ao individualismo dos macumbeiros.

Não é pois de um marginalismo cultural que é mister falar, mas de um marginalismo social que atinge tanto o branco pobre como o negro, o imigrante fracassado ou que apenas acaba de desembarcar, como o nacional. Entretanto, esse marginalismo social não pode ser senão um momento de transição, devido à exagerada rapidez das transformações do país¹³⁵.

Como afirma Bastide¹³⁶, a proletarização do negro, a assimilação do imigrante, o geral reerguimento do nível de vida das massas, outros fenômenos vão aparecer, de reintegração cultural e social; e nessa reestruturação, o que restou das religiões africanas será por sua vez retomado e reestruturado para dar nascimento ao espiritismo de Umbanda.

Ao longo da história, a construção de interrogações concernente aos fundamentos do sobrenatural, têm levado multidões a viajar pelos caminhos da busca constante ao sagrado, em manifestações de culto aos mais variados e complexos mitos que servem de alento - impulsionando a interiorização desta constante busca. Seja nas Igrejas Católicas, no Templos Evangélicos, nos Terreiros de Umbanda e de Candomblé, a mitologia se faz presente nos mais variados rituais que, através de linguagem simbólica, mantêm acesa a chama da fé e da esperança em milhares de fiéis que caminham pela vida em busca da salvação.

A fé se faz presente através de claras demonstrações de culto ao sagrado. Em rituais que vão desde as danças evocativas à chuva, aos cantos entoados sob o som da percussão de atabaques nos terreiros, louvando os orixás; passando pelas aclamações fervorosas e estridentes, em forma de oração, nos templos evangélicos. Ao silêncio em oração na forma de introspecção para alguns; ao culto às forças da natureza para outros; como também ao propósito da redenção dos pecados e à adoração e reverência aos símbolos sagrados nos altares de templos opulentos que servem de referencial ao sagrado e abrigo aos sedentos de paz de espírito e salvação eterna.

Multidões, em sinal de trégua aos pragmatismos convencionais da vida cotidiana, perfuram as barreiras do que é considerado lógico e racional - paradoxos aos olhos dos “sábios” - para enveredar pelos caminhos da introspecção, na busca da sintonia plena com o

¹³⁵ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971, p. 417.

¹³⁶ BASTIDE, 1971.

divino, o sagrado, o transcendental.

Leonardo Boff lembra em um texto uma reflexão sobre a fábula mito do cuidado, “Mito é algo muito complexo pelas ambigüidades que encerra. Na linguagem comum da comunicação de massa, mito pode veicular uma visão reducionista, ocultadora e interesseira da realidade. Equivale, então, à ideologia”.

Mito designa, clichês ou crenças coletivas acerca de temas relevantes (pessoas, situações, acontecimentos) que circulam na cultura. Assim se fala do “mito do bom selvagem”, do “mito do sexo frágil” ou do “mito do negro preguiçoso”. Os mitos são formas autônomas de pensamento que diferem do protótipo de razão estabelecido; elas convergem para a codificação do mito enquanto expressão da inteligência emocional capaz de responder aos anseios mais profundos que traduzem sentido e valor à essência da vida ao ser humano.

A busca ao sagrado parece ser o caminho mais seguro que garante a transposição do natural para o sobrenatural; alimento para a necessidade humana de construir simbolicamente algo que represente fortaleza, segurança e esperança de soluções e de vida plena. É o desafio de exteriorizar a voz interior, seja para enjaular os intempéries de ordem financeira, emocional ou existencial do cotidiano ou até mesmo para assegurar o equilíbrio oxigenado pela química de sintonia com o “divino”.

Portanto, neste processo de busca fica evidenciado a total ou aparente integração do “eu com o eu”, ancorado em simbolismos que automaticamente alijam qualquer questionamento entre razão e verdade, sonho e realidade. Não se pode sinalizar para o estreitamento de embates de cunho meramente ideológicos mesmo porque interessa-nos ressaltar a existência do mito como ferramenta que desperta pessoas ao exercício pleno da fé através de rituais religiosos em locais que se tornaram atrativos turísticos no decorrer dos tempos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O terceiro capítulo trata dos aspectos metodológicos, onde apresenta uma demonstração do tipo de pesquisa e abordagem a serem utilizadas; o local e população da pesquisa; a amostra; os instrumentos de pesquisa; e a análise dos dados. Foi abordado ainda no capítulo, os resultados e discussão da pesquisa, direcionando-se para a pesquisa de campo e a prática pedagógica dos professores de ensino religioso; e a formação continuada dos professores de ensino religioso.

3.1 Tipo de Pesquisa e Abordagem

A presente pesquisa científica tem como objeto estudar as diretrizes curriculares do ensino da disciplina Ensino Religioso, a partir da abordagem de religiões de matriz africana. Este estudo primol pela pesquisa qualitativa.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações¹³⁷.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa¹³⁸.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos

¹³⁷ GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 34.

¹³⁸ GOLDENBERG, M. 1997, p. 35.

(suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens¹³⁹.

Marconi e Lakatos entendem a pesquisa como um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento”¹⁴⁰.

Entende-se que a pesquisa implica *método*. A palavra método que significa, ‘de acordo com um caminho’, por sua vez, implica em uma atividade racional visando a sua elaboração. Esta é designada pela palavra grega que significa estudo sistemático. Assim, quando falamos de *metodologia da pesquisa*, queremos designar o estudo sistemático dos procedimentos, racionais e lógicos seguido pelo homem na busca de solução, ou soluções, para um problema qualquer que afete o seu conhecimento¹⁴¹.

Uma constatação perceptível é o fato de que praticamente toda pesquisa envolve uma produção bibliográfica prévia. Assim, sendo mesmo a pesquisa da ciência natural, que pela sua própria natureza envolve mais a atividade de experimentação em laboratório, não pode prescindir de uma revisão da literatura existente na área¹⁴².

Essa necessidade de retificação se faz imprescindível não apenas para que o pesquisador tenha uma melhor configuração e compreensão do próprio fenômeno que investiga, todavia, por razões de economia, uma vez o problema que ele procura selecionar já pode ter sido solucionado por outrem¹⁴³. Relacionada a metodologia adotada como instrumento de análise e associação do estudo a ser desenvolvido, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e o estudo de caso.

As pesquisas com este perfil caracterizam-se pela abordagem direta das pessoas do qual se apetece compreender o comportamento. No caso deste estudo, serão entrevistados os professores que lecionam nas Escolas Públicas do Município do Rio de Janeiro, a fim de se compreender as influências no significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana.

Segundo Gil, basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados. Gil afirma que:

¹³⁹ GOLDENBERG, M. 1997, p. 34

¹⁴⁰ LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

¹⁴¹ LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 45.

¹⁴² LAKATOS; MARCONI, 1992.

¹⁴³ LAKATOS; MARCONI, 1992.

Na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada. Antes seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas a partir desta amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos¹⁴⁴.

Neste estudo em questão, será utilizada a pesquisa de campo para verificar qual a percepção dos docentes das escolas públicas do Rio de Janeiro a respeito das influências do professor de Ensino Religioso no significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana.

“O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”.

De acordo com Gil, o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. O método de estudo de caso facilita a compreensão de fenômenos sociais complexos e em geral se aplica com mais frequência às áreas das ciências humanas e eis, destacando-se a psicologia, a sociologia, a ciência política a economia e a administração¹⁴⁵.

Segundo Huberman e Matthew (1999) *apud* Oliveira (2007) o estudo de caso é uma estratégia metodológica do tipo exploratório, descritivo e interpretativo. Por essa razão, ele pode ser trabalhado através das mais variadas técnicas e de métodos que facilitam a compreensão do fenômeno a ser estudado.

O estudo de caso terá como lócus de pesquisa as influências do professor de Ensino Religioso no significado da cultura do negro, a partir da abordagem de religiões de matriz africana, avaliando a percepção dos professores quanto a esta prática.

3.2 Local e População da Pesquisa

Desde 2012, quando foi regulamentada lei sobre o ensino religioso em escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, 171 delas incorporaram a disciplina às suas salas de aula. Uma medida que causa polêmica entre professores, entidades de classe, especialistas e religiosos sobre prioridades da Educação, laicidade do Estado, alocação de recursos públicos para o setor e

¹⁴⁴ GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 55.

¹⁴⁵ GIL, 2008.

respeito à diversidade cultural e religiosa dentro do ambiente escolar no Rio de Janeiro¹⁴⁶.

A lei de outubro de 2011, que implementou o ensino religioso nas escolas da rede municipal de Educação, partiu de uma iniciativa do executivo municipal. O prefeito Eduardo Paes enviou em caráter de urgência o projeto de lei para a Câmara de Vereadores, que aprovou a medida por 28 votos a favor e 23 contra. A lei entrou em vigor em 2012, quando a prefeitura realizou concurso e contratou 118 professores, hoje responsáveis pelo ensino religioso na maioria das 171 escolas de turno integral no Rio de Janeiro. Na esfera estadual da Educação, que contempla o ensino médio, uma lei semelhante foi aprovada no ano 2000, durante a gestão do ex-governador Garotinho¹⁴⁷.

A pesquisa foi realizada com os dez professores de Ensino Religioso do Município do Rio de Janeiro (credo africano). Foram considerados como público total, os professores efetivados a partir do único concurso realizado no Estado em 2012, e de acordo com o edital, as 100 vagas oferecidas estão distribuídas em diversos bairros cariocas, sendo 45 vagas na área de Catolicismo, 35 para Protestante/Evangélico, 10 para Espiritismo e 10 para Religiões Afro, sendo distribuídos nas 11 Regionais Educacionais do Município.

Como a lei diz que o ensino religioso deve ser oferecido no turno integral, a SME optou por oferecer a disciplina nas escolas de turno único de sete horas, por conta da adequação à grade curricular. Nas escolas com turnos pela manhã e à tarde seria preciso reduzir a carga horária das demais disciplinas para a implantação do ensino religioso.

Até 2020, no entanto, todas as escolas da Prefeitura estarão funcionando em horário integral de sete horas, de acordo com a lei que implanta o turno único nas Rede Municipal do Rio, aprovada em novembro do ano passado.

3.3 Amostra

A pesquisa foi realizada nas escolas das Onze Regionais credenciadas pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, sendo que do universo identificado, foram investigados os 10 professores para Religiões Afro da Rede. A seleção foi realizada de acordo com o banco de dados de professores fornecidos pela SME-RJ.

¹⁴⁶ CABRAL, Marcelo Cabral. Debate: Ensino religioso na rede pública de educação. 28 de dezembro de 2014. Disponível em: < <http://www.forumrio.org/ultimas/ensino-religioso-na-rede-publica-de-educacao-do-rio-de-janeiro-divide-opiniones/>>. Acesso em 20 dez. 2016.

¹⁴⁷ CABRAL, 2016.

3.4 Instrumentos de Pesquisa

A pesquisa foi realizada através de entrevistas formais junto ao público alvo, utilizando-se de questionário com questões fechadas, além de análise documental. As etapas da pesquisa ficaram assim distribuídas:

Etapa 1 - Observação Documental: O processo de observação buscou coletar dados documentais, identificando o número de professores que lecionam na Rede Pública e posteriormente identificando os que estariam aptos a participar da entrevista. O período da pesquisa teve duração de um semestre até junho de 2017.

Etapa 2 - Aplicação do Questionário: Foi aplicado um questionário formal estruturado com perguntas objetivas de múltiplas escolha.

3.5 Análise dos dados

Após realização da pesquisa foi procedida a análise e discussão dos dados. Realizada a aplicação dos questionários, utilizou-se da técnica estatística para tabulação e análise dos dados. Assim, aplicar-se-á o cálculo da frequência estatística (fi) e de porcentagem (%) na tabulação dos dados.

3.6 Análise das Orientações Curriculares para a Disciplina Ensino Religioso

As Orientações Curriculares da Disciplina Ensino Religioso do município do Rio de Janeiro foram divididas em 4 eixos centrais, denominados de bimestre. Para cada bimestre existem definidos conteúdos, objetivos, habilidades e sugestões de atividades a serem trabalhadas. A abordagem é voltada para o Credo Evangélico do 1º ao 4º Bimestre.

Em relação a avaliação desta modalidade, é realizada tendo como base a Portaria E/SUBE/CED Nº 9, de 07/08/2012, a avaliação deve se dar de acordo com os seguintes critérios: Conhecimento: correspondência entre teoria e prática – assimilação, expressão de atitudes; Participação: saber conhecer e saber fazer – observação das práticas do aluno, responsabilidade e iniciativa; e Atitude de vida: saber ser e saber viver – espírito acolhedor, comunitário e vivência fraterna.

A seguir seguem as Diretrizes ou Eixo Curricular separado e identificado por bimestre.

Ensino Religioso - 4º e 5º Anos - 1º Bimestre

Quadro 1 - Eixo Curricular: As Religiões e suas Diversidades

Conteúdos	Objetivos	Habilidades	Sugestões
1.1 O que é religião? O conceito de Religião.	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer o significado do que seja religião. - Refletir sobre o motivo pelo qual os diferentes povos, em diferentes épocas, buscam a religião. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o significado da palavra religião a partir das indagações fundamentais acerca da origem e da existência humanas. - (Quem sou? De onde vim? Para onde vou?) 	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa sobre o significado da palavra <i>religião</i>, utilizando diferentes fontes (dicionários, internet, etc.) - Pesquisa de imagem das diferentes manifestações religiosas, desde a formação das primeiras sociedades até os dias de hoje.
1.2 A Religião e seu papel na vida do ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o significado da religião para a humanidade e seus valores éticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer uso dos valores éticos a fim de promover um convívio solidário e fraterno em seu cotidiano. - Reconhecer a crença individual como um direito de todos os cidadãos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vídeo One Day: debate sobre o tema solidariedade. - Produção textual sobre a vivência individual da fé. Coletar, junto aos praticantes de sua religião, exemplos que promovam atitudes sociais positivas.
1.3 A diversidade e o respeito às religiões.	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da diversidade religiosa (a questão da alteridade). - Reforçar a importância do respeito às religiões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer, respeitar e valorizar as diferentes religiões e seu potencial de realizar ações a favor do bem comum. 	<ul style="list-style-type: none"> - A partir da apresentação do vídeo “Diversidade religiosa e direitos humanos”, propor a pesquisa das religiões praticadas na comunidade, com objetivo de detectar a diversidade religiosa na localidade em que cada aluno vive.

Fonte: Orientações Curriculares. Áreas Específicas. Ensino Religioso. Credo Afro-brasileiro. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. 2012.

Conforme visualizado no Quadro 1, no primeiro bimestre a abordagem é voltada para o Ensino Religioso - 4º e 5º Anos, tendo como Eixo Curricular as Religiões e suas Diversidades.

O principal intuito neste trimestre letivo é apresentar o que é a religião e seus conceitos; a Religião e seu papel na vida do ser humano e a diversidade e o respeito às religiões. Dentro de cada um desses eixos são definidos os objetivos, as habilidades e sugestões de trabalhos em sala de aula.

Ensino Religioso - 4º e 5º Anos - 2º Bimestre

Quadro 2 - Eixo Curricular: Identidade Pessoal - Religiosa

Conteúdos	Objetivos	Habilidades	Sugestões
2.1 África, um continente	- Localizar a África a partir do mapa-múndi.	- Reconhecer a África como continente.	- Apresentação do mapa-múndi, identificando o continente africano. Introduzir a ideia de continente.
2.2 Identidade Religiosa	- Conhecer a diversidade étnica das populações africanas. - Apresentar a África como matriz das religiões afro-brasileiras.	-Entender que diferentes grupos humanos originários da África foram responsáveis pelo surgimento das religiões de matriz africana.	- Usar diferentes imagens (fotos, vídeos, gravuras, desenhos) que apresentem a diversidade dos povos africanos e seus diferentes traços culturais (casas, vestuário, utensílios, línguas etc.). - Elaboração de cartazes e/ou murais que reproduzam os traços culturais dos povos africanos estudados. Apresentação de cantiga em Bantu e Iorubá.
2.3 Comércio de pessoas escravizadas e escravidão	- Compreender o impacto da chegada dos africanos como seres humanos escravizados.	- Perceber que a escravidão dos negros, no Brasil, contribuiu para estigmatizar as religiões de matrizes africanas.	- Apresentação dos nomes dos países africanos de onde vieram os milhões de africanos que foram escravizados no Brasil. - Leitura de códigos legais que, em diferentes períodos históricos, proibiam a religiosidade das populações negras, suas expressões musicais, a capoeira e o acesso à escola. - Pesquisa de anúncio de compra e venda de homens e mulheres africanas, no período da escravidão no Brasil. - Análise crítica das iconografias de Rugendas e Debret. - Apresentação do cotidiano dos negros escravizados no Brasil, partir da utilização de trechos selecionados do Livro “ <i>Brasil em preto e branco</i> ” – Denise Rochael – Editora Cortez. - Interpretação da música <i>África</i> do grupo musical Palavra Cantada. - Utilização do samba-enredo “Do berço real à corte brasileira” – samba-enredo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, no ano de 2007. - Apresentação das rotas do tráfico negreiro da África para o Brasil.
2.4 Herança cultural e religiosa	- Conhecer o legado cultural e religioso das populações africanas no Brasil.	- Perceber a herança cultural promovida pela resistência dos africanos escravizados e seus descendentes nas religiões afro-brasileiras.	- Apresentação de diferentes palavras de origem africana incorporadas à língua portuguesa falada no Brasil. Sugestões: Enciclopédia Ilustrada da Diáspora Africana - Nei Lopes, Dicionário Cor da Cultura - site: www.acordacultura.org.br - Criação, em sala de aula, de um dicionário ilustrado ou de um caderno de receitas, mostrando a influência africana a partir dos alimentos oferecidos aos orixás. - Poemas e contos africanos como, por exemplo, <i>Bruna e a Galinha D'Angola</i> , de Gercilga de Almeida, Editora EDC; PRANDI, Reginaldo, Coleção para Crianças, Editora Cosac – Naif. - Poesia Banzo Negro (site: www.pragentemiuda.org/search/label/abolicao%20da%20escravatura). - Utilização dos sambas-enredos:

			<p>“<i>Kizomba, Festa da Raça</i>”, samba-enredo da Escola de Samba Unidos da Vila Isabel de 1988.</p> <p>“<i>O Canto Livre de Angola</i>”, samba-enredo da Escola de Samba Unidos da Vila Isabel, no ano de 2012.</p> <p>“<i>Ilu Ayê Odara</i>”, samba-enredo da Escola de Samba Portela, no ano de 1972.</p> <p>“<i>Viagem da Pintada Encantada</i>”, samba-enredo da Escola de Samba União da Ilha do Governador, no ano de 1996.</p> <p>“<i>Gaia, a vida em nossas mãos</i>”, samba-enredo da Escola de Samba Salgueiro, no ano de 2014.</p>
--	--	--	--

Fonte: Orientações Curriculares. Áreas Específicas. Ensino Religioso. Credo Afro-brasileiro. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. 2012.

O Quadro 2, apresenta a abordagem de conteúdos a serem desenvolvidos no segundo trimestre, onde a abordagem é voltada para o Ensino Religioso - 4º e 5º Anos, tendo como Eixo Curricular a identidade pessoal e religiosa.

O principal intuito neste bimestre letivo é realizar uma caracterização de pontos centrais da identidade africana, descrevendo a África, como um continente; apresentando a Identidade Religiosa; identificando o Comércio de pessoas escravizadas e escravidão; e por fim, demonstrando a Herança cultural e religiosa.

Como se vê, os conteúdos são direcionados ao conhecimento da África, país de origem das religiões umbanda e candomblé e que tem seu programa curricular voltado para o ensino desta linha de religiosidade.

Ensino Religioso - 4º e 5º Anos - 3º Bimestre

Quadro 3 - Eixo Curricular: Candomblé e Umbanda Parte I

Conteúdos	Objetivos	Habilidades	Sugestões
3.1 Mito: A criação do Mundo sob a ótica do Candomblé Nagô	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a dimensão histórica e filosófica presentes nos mitos que explicam a criação do mundo e das formas de vida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer o mito como linguagem simbólica. - Reconhecer a relação de unidade entre homem-natureza. - Interpretar o mito como uma visão de mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do samba-enredo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis - “<i>A Criação do Mundo na Tradição Nagô</i>” - para conhecer, discutir e interpretar o surgimento da vida na tradição nagô. - Apresentar o vídeo “<i>História Completa dos Orixás</i>” (http://www.youtube.com/watch?v=cxQsf8iqMpE) mostrando o arquétipo de cada orixá, de modo a valorizar a ancestralidade nos cultos afro-brasileiros.
3.2 Tradição oral: primeira referência na transmissão dos conhecimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar a ancestralidade, a vida e valorizar a natureza. - Reconhecer a importância da memória na construção do presente. - Perceber a 	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar a experiência os que nos antecederam, na construção de um patrimônio cultural religioso. - Entender a relação tempo-humildade a partir da prática religiosa. - Entender a força e 	<ul style="list-style-type: none"> - Histórias de Ananse. - Autores: Adwa Badoe e Baba Wagné Dia Kité – Editora Cantos do Mundo. - Entrevistar os “mais velhos”, pessoas com muitos anos de iniciação nos credos afro-brasileiros e de grande conhecimento sobre estes credos. - Construção de uma horta com plantas utilizadas na liturgia das Casas de Santo, tendo como referência o “<i>nagô cosi ewe, cosi orisa</i>”, isto é, “<i>sem folhas não há orixá</i>”. - Confeccionar fios de contas com a cor

originários das tradições religiosas de matriz africana	importância e a força da palavra nas tradições dos credos afro-brasileiros.	o uso da palavra, no cotidiano, para os adeptos dos credos afro-brasileiros. -Distinguir o papel do orixá na relação entre o homem e a humanidade.	representativa de cada orixá. - A partir de materiais diversos, utilizando técnicas variadas (tangran, argila, origami, escultura em argila), construir figuras que representem os orixás e seus universos simbólicos. - Selecionar músicas da MPB que tratem do universo afro-brasileiro, interligando as cantigas às rezas tradicionais.
3.3 Orixás	- Apresentar o orixá como força intermediária entre Olorum (DEUS) e a humanidade. - Demonstrar a importância do orixá na liturgia do credo afro-brasileiro. -Respeitar a vida e valorizar a natureza.	- Reconhecer a liturgia do culto afro-brasileiro, a partir da tradição Yorubá.	- SILVA, Flávia Lins e. A Folia de Pilar na Bahia. Editora: Zahar. - ROCHAEL, Denise. Brasil em Preto e Branco. Editora: Cortez (uso para o Professor). - Pesquisa na internet (utilização dos portais: http://www.geledes.org.br/ e http://www.acordacultura.org.br - Apresentação dos principais toques/ritmos das tradições dos credos afro-brasileiros. - Apresentar o vídeo: “História Completa dos Orixás” http://www.youtube.com/watch?v=cxQsf8iqMpE - Montagem de duas tabelas, em cada uma identificando os orixás masculinos e femininos , mencionar os elementos da natureza que os representam. - Dança dos Orixás – (Youtube) Danças brasileiras-Candomblé– parte 1. Danças brasileiras-Candomblé– parte 2. Grupo Rum Alabê (Nação Ketu). Dança de Oya – Jamile Tamandaré (Nação Ketu). Alujá – toque de evocação a Sango (versa só sob o ritmo Alujá-Yorubá). Yansã – por Onatah Kendall (Nação Angola). Olhar estrangeiro sobre o Candomblé (Nação Ketu). Dikinu dia Lemba II (Nação Angola).

Fonte: Orientações Curriculares. Áreas Específicas. Ensino Religioso. Credo Afro-brasileiro. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. 2012.

Por sua vez, o Quadro 3, apresenta uma abordagem mais específica dos conteúdos, sendo direcionado o ensino voltado para o Ensino Religioso - 4º e 5º Anos, tendo como Eixo o Candomblé e a Umbanda.

O principal intuito neste terceiro bimestre letivo foi apresentar o Eixo Curricular Candomblé e Umbanda Parte I, assim, trabalhou-se conteúdos voltados diretamente para essas religiões, tendo como destaque: apresentação do Mito, a criação do Mundo sob a ótica do Candomblé Nagô; identificação da Tradição oral, no qual foi possível identificar a primeira referência na transmissão dos conhecimentos originários das tradições religiosas de matriz africana; e por fim, levar os alunos a conhecerem uma caracterização dos Orixás.

Ensino Religioso - 4º e 5º Anos - 4º Bimestre

Quadro 4 - Eixo Curricular: Candomblé e Umbanda Parte II

Conteúdos	Objetivos	Habilidades	Sugestões
4.1 Sincretismo	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o sincretismo como uma atitude de sobrevivência dos escravizados enquanto sujeitos históricos/políticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a relação entre os santos católicos e os orixás africanos como estratégia de sobrevivência das identidades culturais dos grupos africanos no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do conteúdo de músicas populares brasileiras, tais como: Ogum – Zeca Pagodinho; Salve Jorge – Seu Jorge; Oração de Mãe Menininha – Dorival Caymmi. - A partir do vídeo das diversas manifestações religiosas populares do Rio de Janeiro (Festa de São Jorge, Festa de Santa Bárbara, Festa de São Cosme e de São Damião, entre outros), perceber o sincretismo presente na sociedade.
4.2 Surgimento da Umbanda	<ul style="list-style-type: none"> - Entender a influência dos grupos ameríndios, africanos e europeus e de suas culturas para o surgimento da Umbanda. - Apresentar a figura de Zélio de Moraes como marco histórico da institucionalização da Umbanda. 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a Umbanda como religião de origem nacional, que agrega elementos culturais/religiosos de matrizes européia, africana e ameríndia. - (Re) conhecer o médium Zélio de Moraes como fundador da Umbanda. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar a cultura indígena por meio de contos literários, de autores como Daniel Munduruku, por exemplo. - Trabalhar ditos de pretos-velhos pela sua representação por meio de imagens, utilizando livros específicos, como <i>Causos de Umbanda</i>, vv. I e II. - Pesquisa da doutrina espírita a partir da literatura infantojuvenil (Revista de Maurício de Souza). - Visita ao Museu do Índio. - Vídeo “Índio na Umbanda”- http://www.youtube.com/watch?v=19SfK3ZbuyE - A partir da leitura da biografia de Zélio de Moraes, produzir uma HQ sobre o surgimento da Umbanda. - Pesquisa do significado da palavra “mediunidade” no dicionário.
4.3 Mediunidade e entidades	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a mediunidade como meio de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material. - Apresentar as entidades que se manifestam na Umbanda (exus, caboclos, pretos-velhos, crianças, ciganos entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender a importância da mediunidade no rito religioso da Umbanda. - Identificar os valores da Umbanda como referências éticas na vida do umbandista. - Reconhecer o arquétipo das entidades, valorizando suas habilidades e desconstruindo preconceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar trechos de filmes que mostrem o processo de incorporação como, por exemplo, o filme “<i>O Cumpadre de Ogum</i>”, baseado na obra de Jorge Amado. - Trabalhar com cantigas e pontos de Umbanda. - Trabalhar com os vídeos do show da cantora Rita Benedito, Tecnomacumba. - Apresentar e criar, por desenhos e argila, os elementos utilizados pelas Entidades de Umbanda (pemba, velas, penacho, sino...).
4.4 A Umbanda e seus valores	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar, permanentemente, para desconstrução do preconceito nas palavras utilizadas no cotidiano, de forma pejorativa e prejudicial à cidadania. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer que a Umbanda tem, como prática, a solidariedade, a caridade, a fraternidade entre outros (Valores Universais). 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do Dicionário de Nei Lopes, trabalhando o significado de termos do senso comum interpretados de forma pejorativa, tais como: macumba, Exu, ebó, despacho,...

Fonte: Orientações Curriculares. Áreas Específicas. Ensino Religioso. Credo Afro-brasileiro. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. 2012.

Por sua vez, o Quadro 4, apresenta o quarto bimestre, tendo uma abordagem mais específica dos conteúdos, sendo direcionado o ensino voltado para o Ensino Religioso - 4º e 5º Anos, tendo como Eixo o Candomblé e a Umbanda.

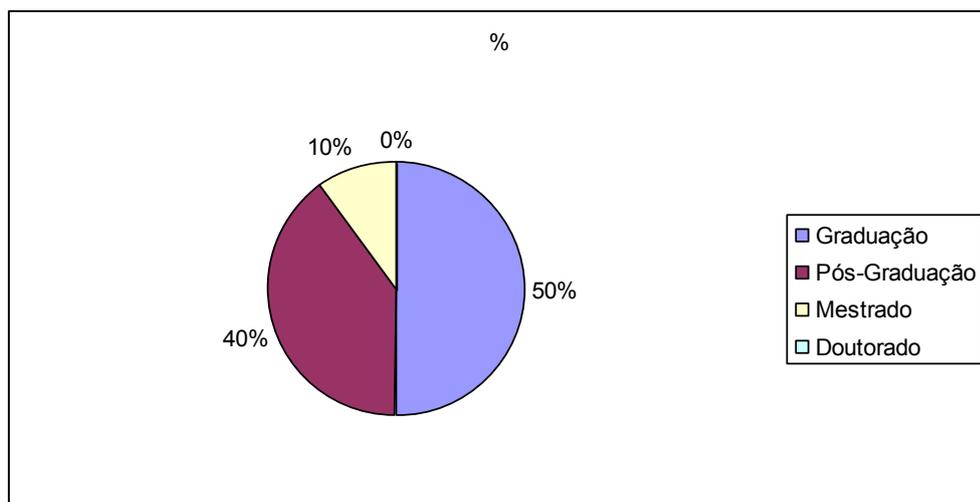
Entre os principais conteúdos da diretriz curricular neste bimestre destacam-se: uma apresentação do Sincretismo religioso; caracterização do surgimento da Umbanda; abordagem de aprofundamento sobre Mediunidade e entidades; e por fim, uma contextualização da Umbanda e seus valores.

3.7 Pesquisa de Campo e a Prática Pedagógica dos Professores de Ensino Religioso

A intenção desta pesquisa é verificar junto a dez professores que ministram aulas de Ensino Religioso na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Os dados a seguir irão traçar um perfil da posição dos professores em relação a esta disciplina.

Gráfico 1. Escolaridade

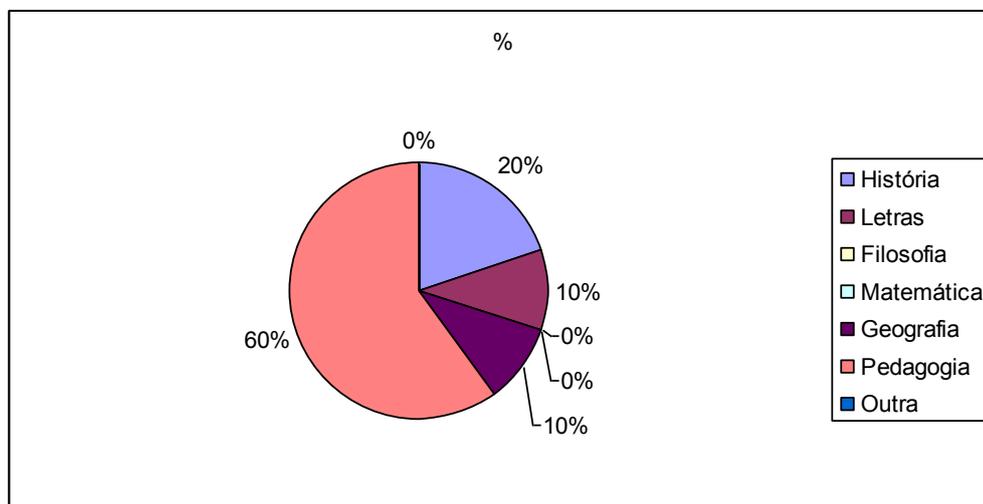


Fonte: Autora. 2017.

O Gráfico 1 mostrou que 50% dos entrevistados possuem o curso de graduação, 40%

por sua vez, possuem Pós-Graduação em determinada área; apenas 10% possuem Mestrado e ninguém possui Doutorado.

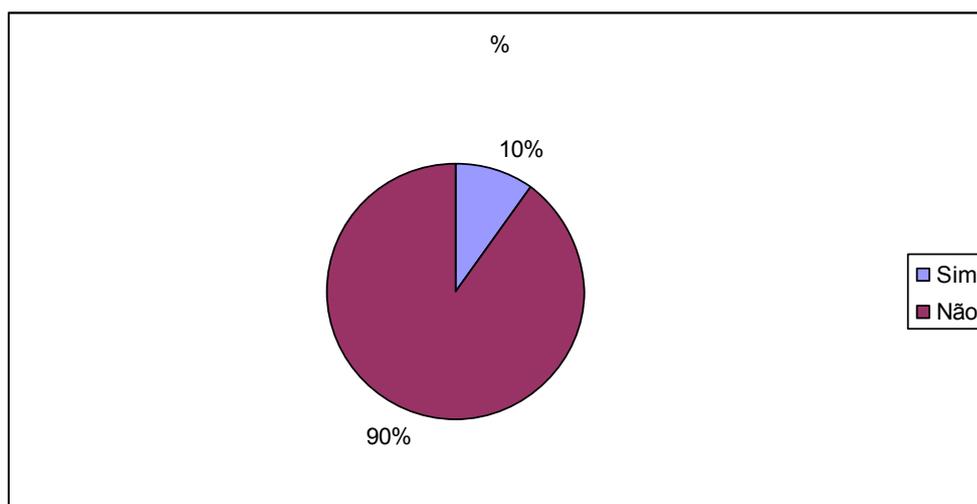
Gráfico 2. Qual sua formação básica na graduação



Fonte: Autora. 2017.

Ao serem questionados sobre a formação básica na graduação, observou-se que 60% dos entrevistados possuem o curso de Pedagogia; 20% história; e 10% respectivamente, Letras, e Geografia.

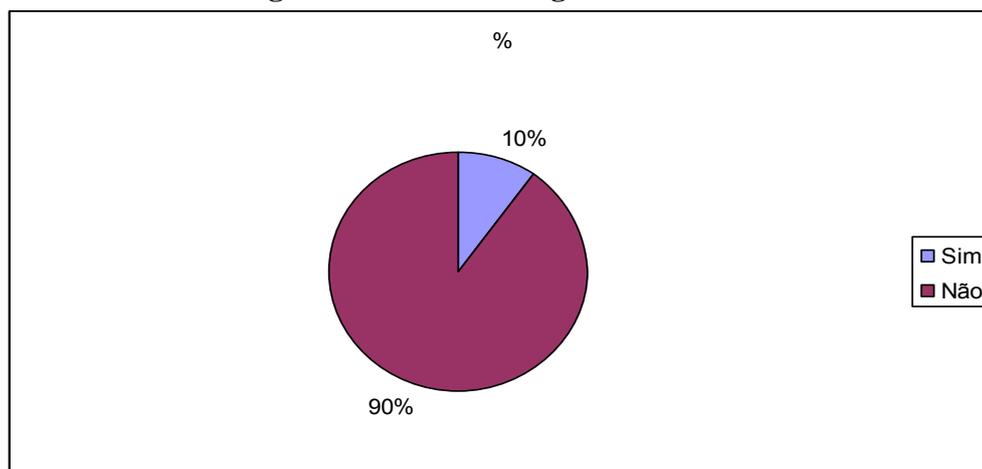
Gráfico 3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso



Fonte: Autora. 2017.

Ao serem perguntados se possuem Pós-Graduação na área de Ensino Religioso, verificou-se que 90% dos entrevistados disseram que não; e outros 10% afirmaram que sim, possuem.

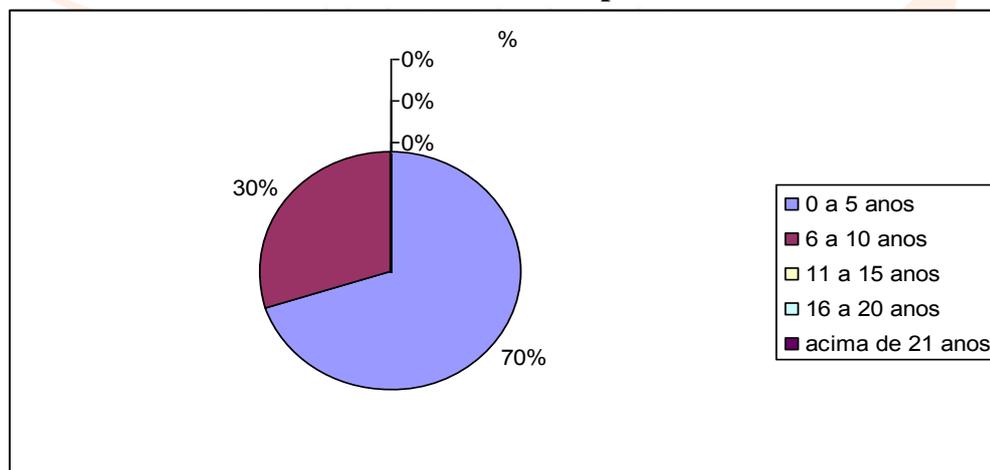
Gráfico 4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana



Fonte: Autora. 2017.

Ao serem questionados se acreditam que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana, constatou-se que 90% dos entrevistados disseram que não; e 10% afirmaram que sim.

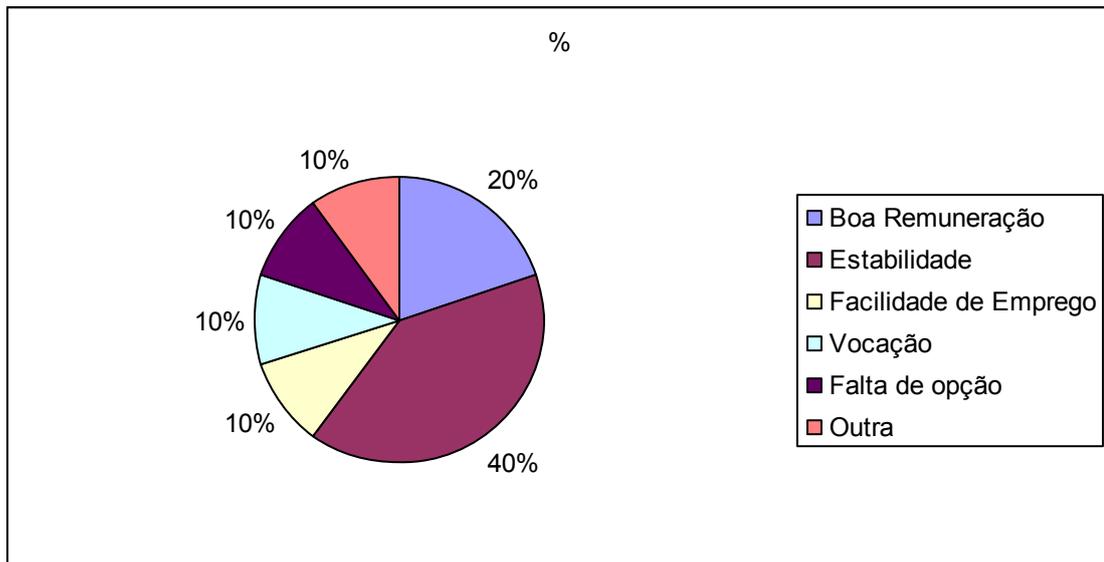
Gráfico 5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado



Fonte: Autora. 2017.

Em relação ao tempo de atuação na função, na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado, ficou claro que 70% está de 0 a 5 anos trabalhando na rede; e 30% possui de 6 a 10 anos de serviços prestados.

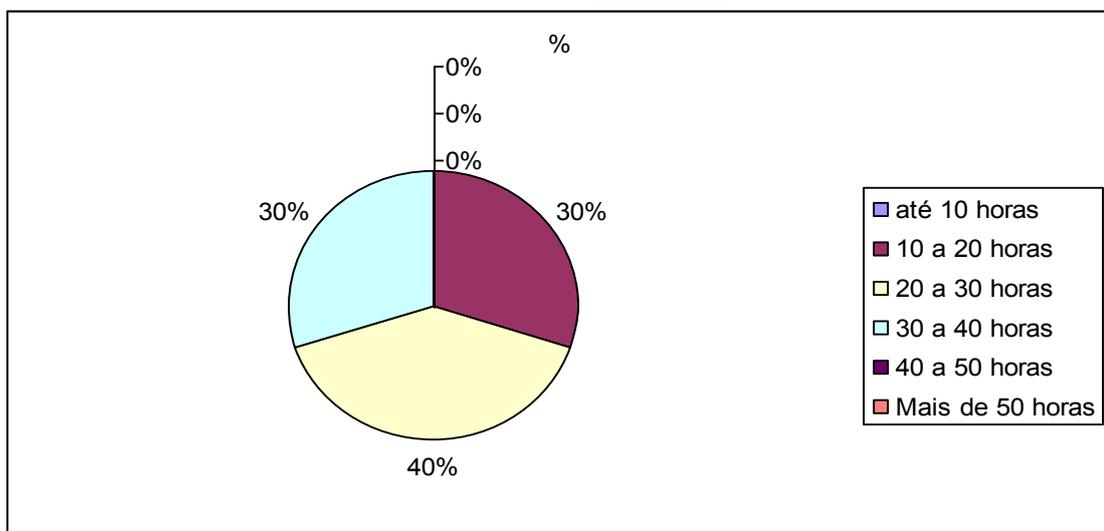
Gráfico 6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso



Fonte: Autora. 2017.

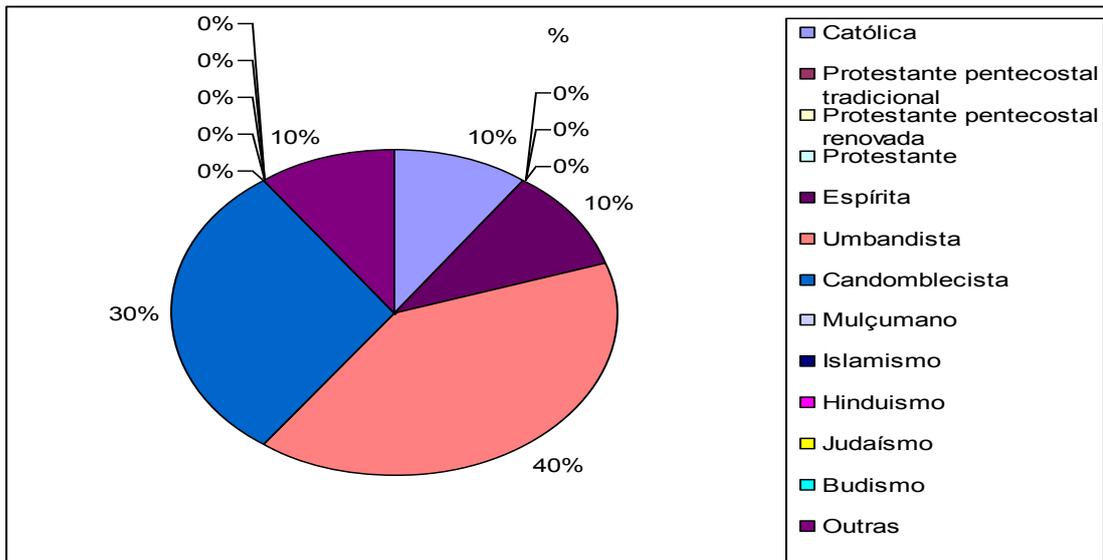
No Gráfico 6, ao serem questionados, porque exercem a atividade de professor de Ensino Religioso, constatou-se que as respostas foram: 40% estabilidade financeira; 20% boa remuneração; e 10% respectivamente, facilidade de emprego, vocação, falta de opção e outras.

Gráfico 7. Horas semanais de trabalho



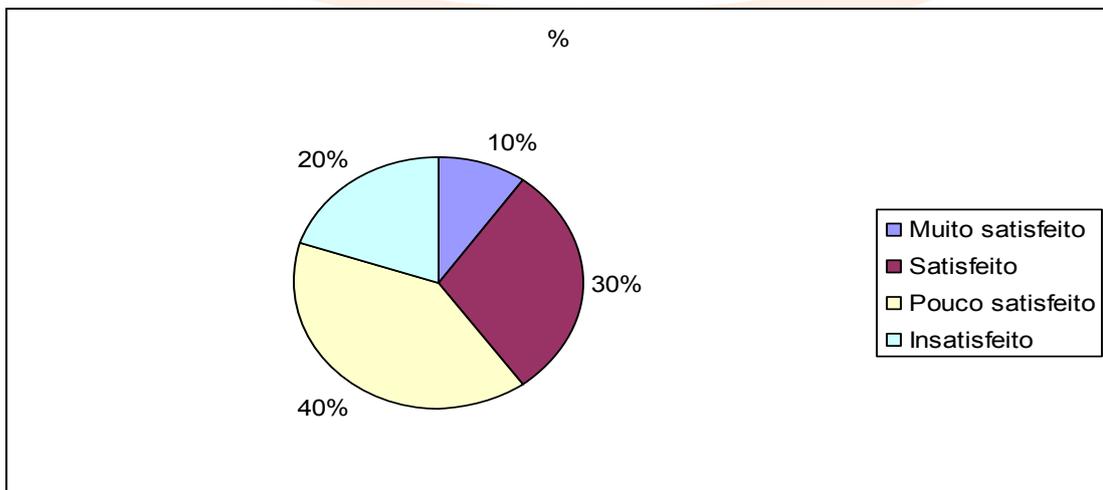
Fonte: Autora. 2017.

Quanto às horas semanais de trabalho, percebeu-se que 40% dos professores entrevistados trabalham de 20 a 30 horas semanais; 30% respectivamente, trabalham de 10 a 20 horas e de 30 a 40 horas semanais.

Gráfico 8. Qual sua religião

Fonte: Autora. 2017.

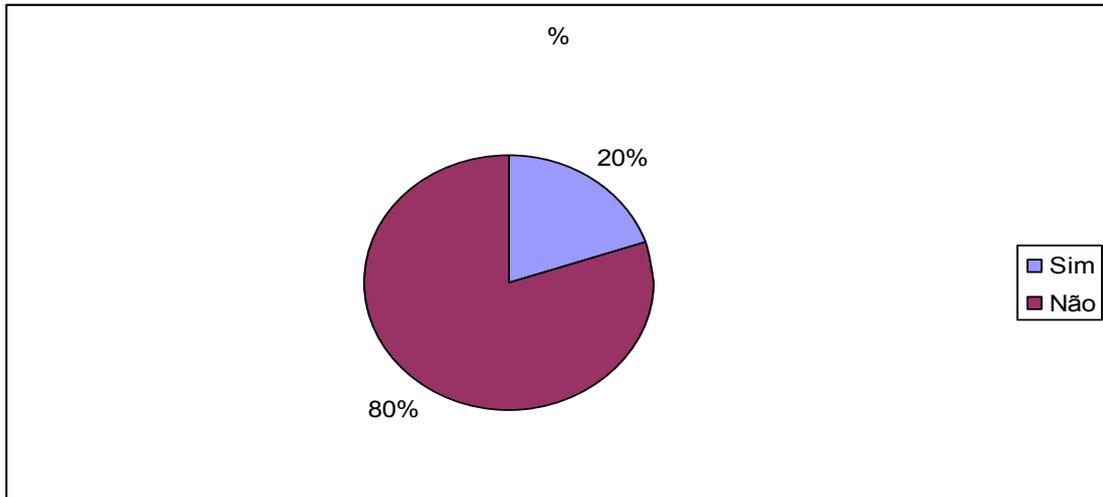
Quando questionados sobre qual sua religião, os professores responderam que 40% são umbandistas; 30% candomblecistas; e 10% respectivamente, espírita, católico e protestante pentecostal.

Gráfico 9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso

Fonte: Autora. 2017.

O Gráfico 9 questiona qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso. Observou-se que 40% estão pouco satisfeitos; 30% satisfeitos; 20% insatisfeitos; e 10% muito satisfeitos.

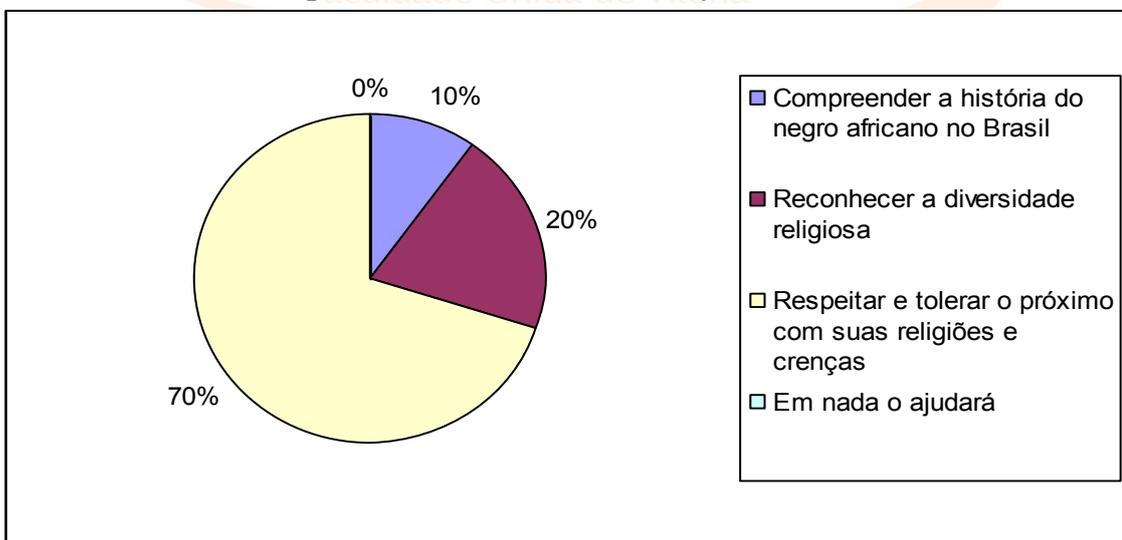
Gráfico 10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município



Fonte: Autora. 2017.

Quando perguntados no Gráfico 10, enquanto professor de Ensino Religioso se aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município, as respostas foram: 80% não e 20% sim.

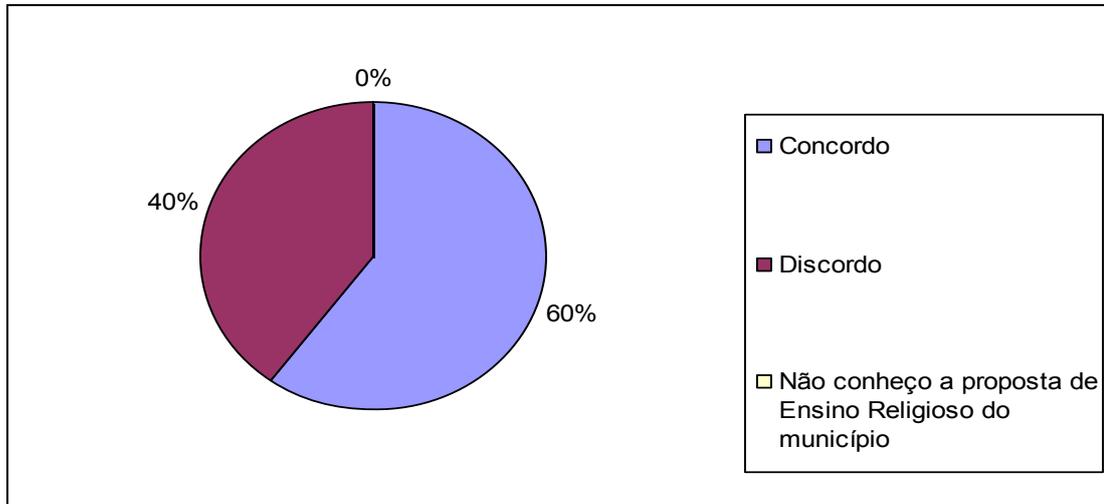
Gráfico 11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:



Fonte: Autora. 2017.

O Gráfico 11 questionou aos professores se abordarem temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula, os ajudará a: 70% respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças; 20% reconhecer a diversidade religiosa; e 10% compreender a história do negro africano no Brasil.

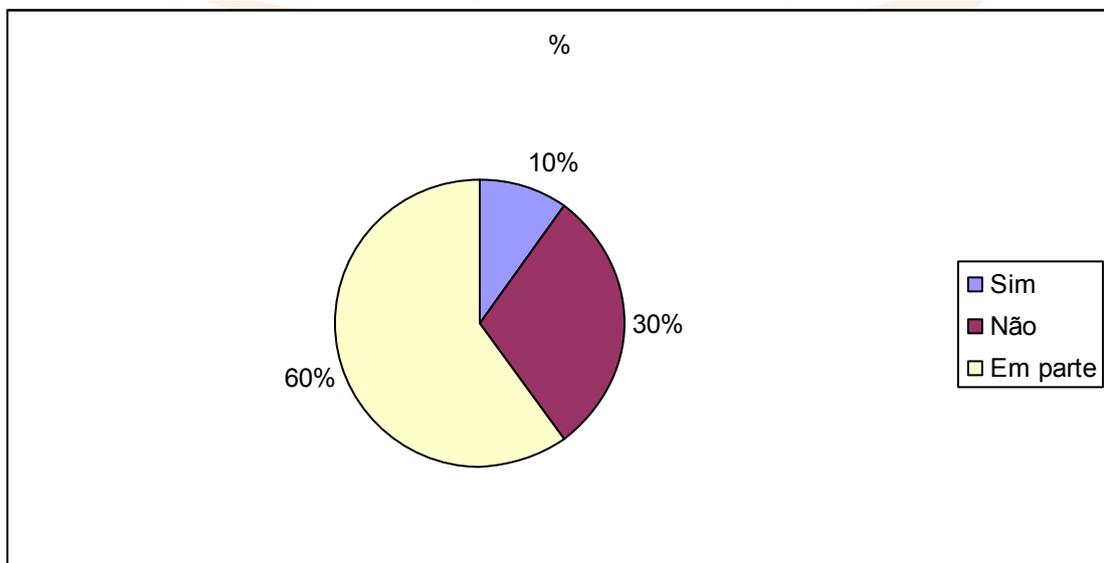
Gráfico 12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro



Fonte: Autora. 2017.

No Gráfico 12, perguntou-se se concordam com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro, percebeu-se que 60% concorda e 40% discorda.

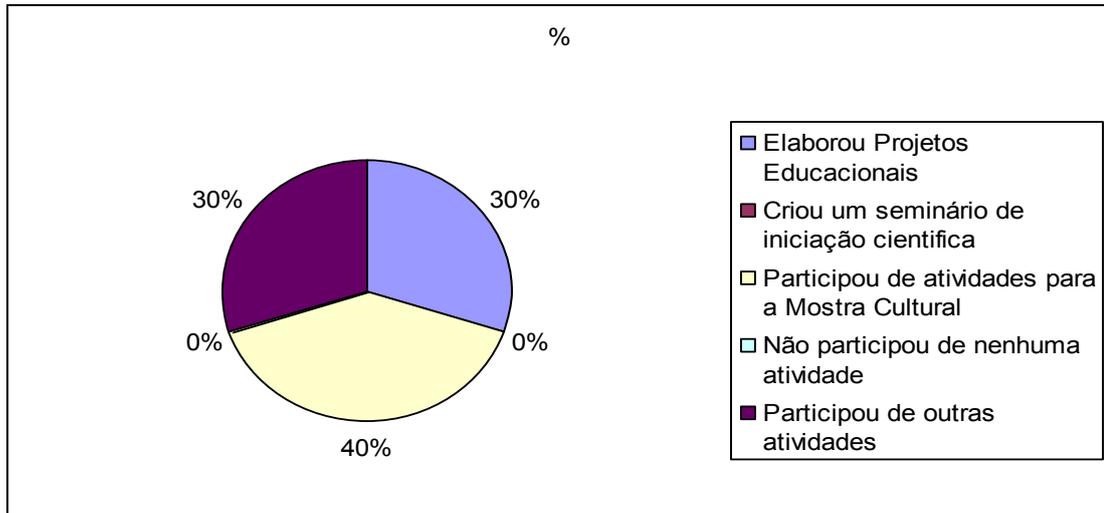
Gráfico 13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana



Fonte: Autora. 2017.

Em relação ao Gráfico 13, perguntou-se se acham que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana, as respostas foram: 60% em parte; 30% não; e 10% sim.

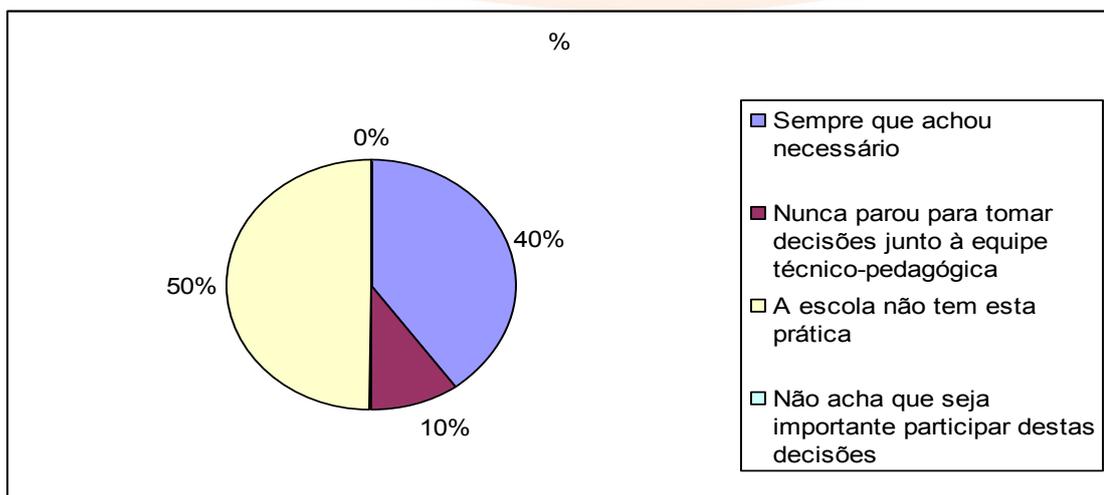
Gráfico 14. Planejou e executou atividades extra-classes, baseadas nas diretrizes curriculares



Fonte: Autora. 2017.

Quando perguntados se planejaram ou executaram atividades extra-classes, baseadas nas diretrizes curriculares, as respostas dos entrevistados demonstrou que 40% participou de atividades para a Mostra Cultural; 30% respectivamente, elaborou projetos educacionais e criou um seminário de iniciação científica.

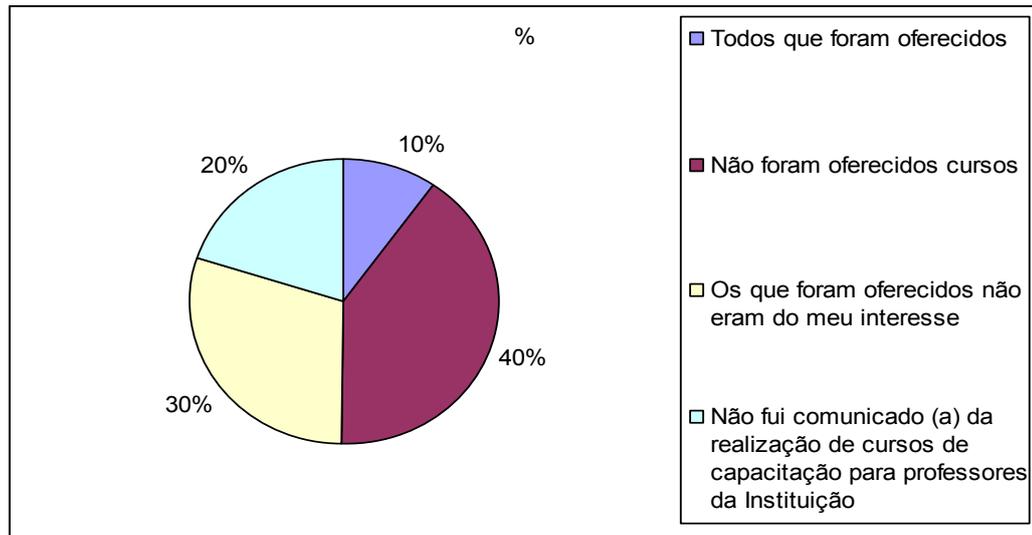
Gráfico 15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares



Fonte: Autora. 2017.

Ao serem questionados se tomaram decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentadas nas diretrizes curriculares, observou-se que as respostas foram as seguintes: 50% relata que a escola não tem esta prática; 40% sempre que achou necessário; 10% nunca parou para tomar decisões junto à equipe técnico-pedagógica.

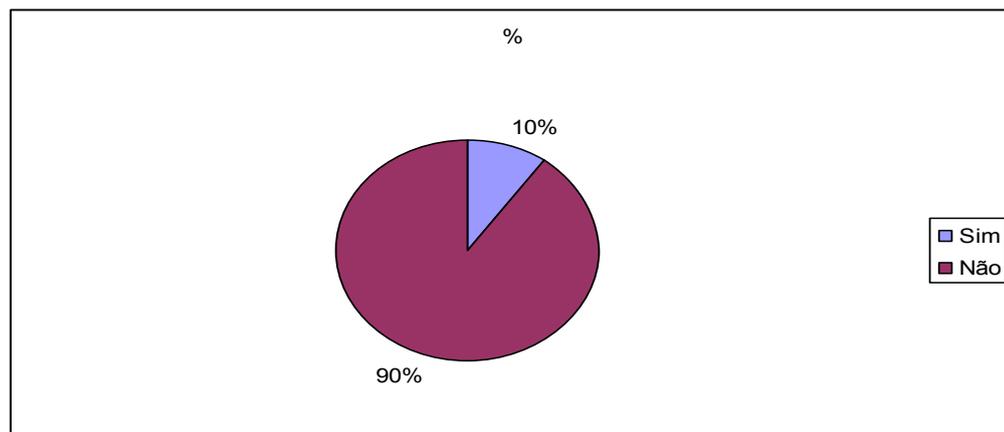
Gráfico 16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17



Fonte: Autora. 2017.

Quando perguntados se participaram de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17, 40% disseram que não foram oferecidos cursos; 30% afirmaram que os que foram oferecidos não eram do interesse; 20% não foi comunicado da realização de cursos de capacitação para professores da instituição; e 10% participou de todos que foram oferecidos.

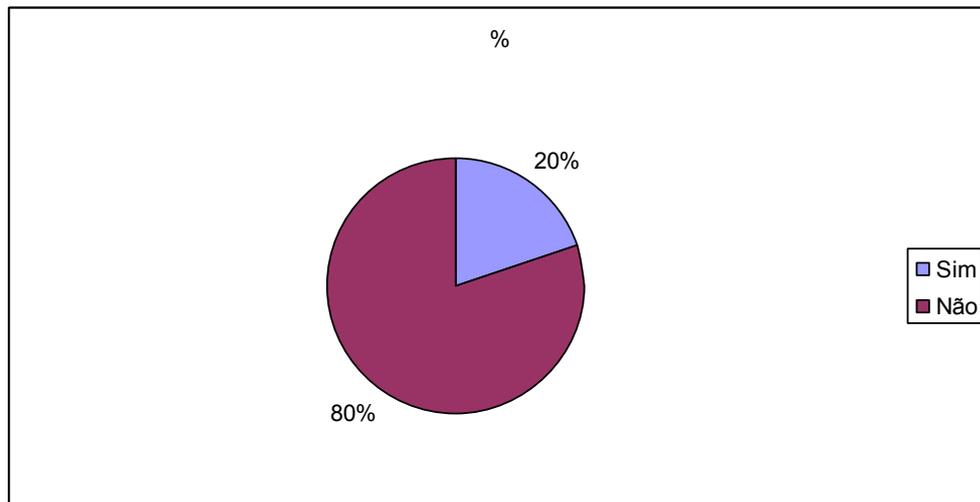
Gráfico 17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro



Fonte: Autora. 2017.

Ao serem perguntados se participaram de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro, as respostas mostraram que 90% não participou e 10% participou.

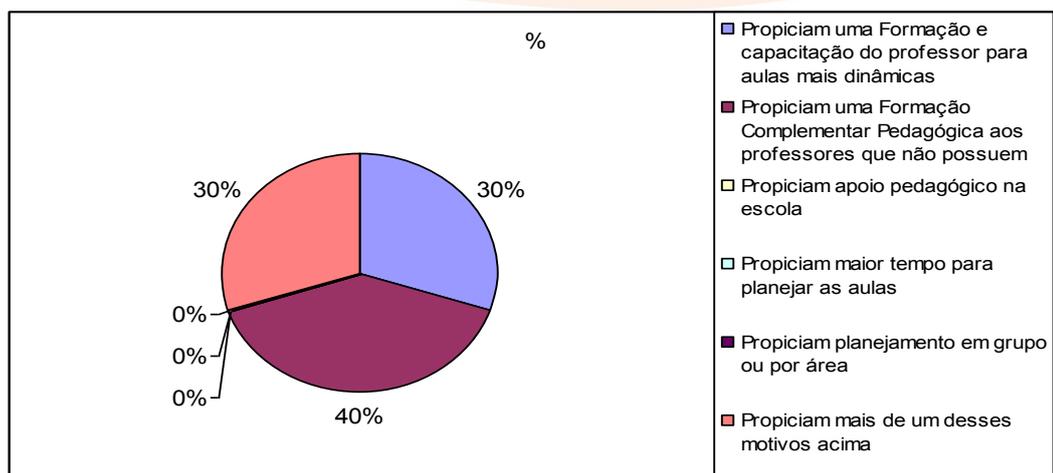
Gráfico 18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede



Fonte: Autora. 2017.

O Gráfico 18 questionou aos entrevistados, se a escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede. As respostas mostraram que 80% disseram que não; e 20% que sim.

Gráfico 19. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana

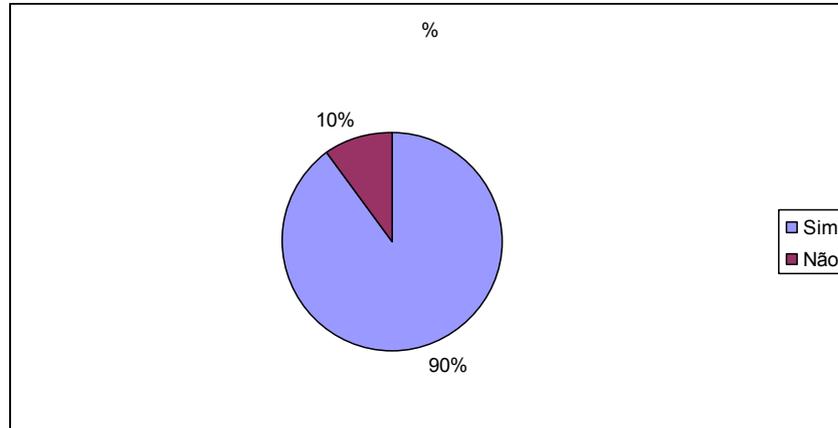


Fonte: Autora. 2017.

No Gráfico 20, perguntou-se aos entrevistados se as formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana. As respostas mostraram que 40% disseram que propiciam uma formação complementar pedagógica aos professores que não possuem; 30%

propiciam uma formação e capacitação do professor mais dinâmica; e por fim, 3 para 30% propiciam mais de um desses motivos acima.

Gráfico 20. Você leciona ensino de valores na sua escola



Fonte: Autora. 2017.

Por fim, o último questionamento quis saber se os professores lecionam ensino de valores na escola. As respostas mostraram que 90% disseram que sim; e outros 10% afirmaram que não.

Em se tratando de uma análise da entrevista dos professores e a análise das Diretrizes Curriculares do Município do Rio de Janeiro, é importante mencionar que após a influência da lei federal 9475 de 1997 e atendendo às pressões das bancadas religiosas, o então prefeito Eduardo Paes, sancionou no dia 19 de outubro de 2011 a lei 862/2011 que institui o Ensino Religioso nas unidades da Prefeitura e cria o cargo de Professor de Ensino Religioso (lei 5303/2011).

A proposta inicial era que a partir de 2012, as escolas de turno único da rede municipal iriam oferecer o ensino de religiões de forma facultativa para os alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O ensino seria plural para que os alunos pudessem ter em suas escolas o ensino que seus pais preconizam. Para tal, a Secretaria Municipal de Educação fez uma pesquisa de amostragem com seis mil pais de alunos para apontar a diversidade de religiões professadas. Foi constatado que 42% eram católicos, 32% optavam pelo ensino de valores, 23% de religiões evangélicas e o restante dos demais credos¹⁴⁸.

¹⁴⁸ SME. Secretaria Municipal de Educação. *Sanção da lei do Ensino Religioso nas escolas da rede*: Escolas de turno único oferecerão a disciplina, que será opcional para alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. 19/10/2011 20:11:00. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=2226122>>. Acesso em: 2 maio 2017.

Diante deste cenário, o concurso público para a contratação dos Professores de Ensino Religioso foi planejado, caracterizando a modalidade confessional desta disciplina. Na ocasião o prefeito declarou: “Não estamos impondo a nenhuma criança e a nenhum jovem que tenha fé, que siga credo nenhum. Ao contrário, queremos que aquele que tenha seu credo, sua crença, possa aprender os valores e os conceitos mais básicos. Além disso, a sanção desta lei consolida a visão de Estado laico, a partir do momento em que a gente respeita a fé dos indivíduos. Quanto mais as pessoas conhecerem a histórias das religiões menos preconceito terá”¹⁴⁹.

No ano seguinte (13 de março de 2012), a Secretaria Municipal de Administração publicou no Diário Oficial do Município, edital que regulamentava o concurso público para o cargo de Professor de Ensino Religioso no Município do Rio, onde seriam oferecidas 100 vagas no total, distribuídas por credo. A avaliação dos candidatos seria feita através de provas objetivas e discursivas, além de prova de títulos.

Após execução do concurso, os aprovados foram convocados até o ano de 2013 totalizando 118 professores, hoje responsáveis pelo ensino religioso na maioria das 171 escolas de turno integral no Rio de Janeiro. as 100 vagas oferecidas estão distribuídas em diversos bairros cariocas, sendo 45 vagas na área de Catolicismo, 35 para Protestante/Evangélico, 10 para Espiritismo e 10 para Religiões Afro, sendo distribuídos nas 11 Regionais Educacionais do Município. Os outros 18 convocados excedentes pertencem à área do Catolicismo, visto que a demanda mostrou-se maior.

Observando o Ensino Religioso (ER) ofertado nas escolas municipais, verifica-se que é da modalidade confessional, onde no ato da matrícula, o responsável do aluno escolhe qual doutrina quer que seu filho estude, o que caracteriza o caráter facultativo. Na negativa de uma doutrina por parte do responsável, é ofertado, no mesmo horário, o ensino de Educação para Valores.

Desta forma, o ER confessional impõe algumas dificuldades: primeiro porque separa uma turma no momento das aulas de ER o que favorece a segregação e a intolerância, além de tornar essa disciplina atípica à rotina escolar e não propiciadora de diálogo inter religioso; e segundo porque expõe o aluno a sofrer preconceito ou ser estereotipado por uma escolha de seus pais no momento da matrícula.

¹⁴⁹ SME. Secretaria Municipal de Educação. *Sanção da lei do Ensino Religioso nas escolas da rede*: Escolas de turno único oferecerão a disciplina, que será opcional para alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. 19/10/2011 20:11:00. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=2226122>>. Acesso em: 2 maio 2017.

A identidade desse aluno não é respeitada, ficando refém dentro dos muros da escola a intimidações que seus responsáveis nem sempre têm conhecimento e que requer dos professores extrema habilidade em gestão de conflitos. É evidente que o aluno que mais sofre discriminação é aquele que professa as religiões de matriz africana, seja por racismo religioso ou intolerância, largamente difundidos por igrejas cristãs e por meios midiáticos, fatores esses já discutidos nesse estudo.

O ensino religioso identificado com uma religião não é democrático, pode ser considerado discriminatório. Voltado para uma determinada religião pode constringer os alunos que não compartilham dessas ideias. Dependendo da maneira que forem ministradas, as aulas de religião podem incentivar a intolerância entre os estudantes¹⁵⁰.

Por sua vez, Leão indicou a impossibilidade de todos os tipos de crenças estarem representados no sistema de ensino religioso. Segundo ele, religiões minoritárias, a exemplo das religiões de origem afro, não teriam estrutura para estarem presentes em todos os pontos do país. Além disso, as pessoas que não têm religião estariam completamente excluídas desse tipo de ensino¹⁵¹.

Por outro lado há o agravante de, atualmente, o ER só ser ofertado aos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, de forma experimental, em escolas de turno de 7h, também com o intuito de garantir aos docentes regentes de turma a garantia do direito a cumprir seus horários de planejamento, recorrendo a oferta de Educação Física, Educação Artística, Educação Musical, Teatro, Língua estrangeira, Dança e Ensino Religioso para tal. Se antes a proposta inicial era de que a disciplina seria ofertada do 1º ao 9º ano, na prática isso não acontece. Principalmente por carência desses profissionais, visto que somente um concurso foi realizado, e também pela não aceitação de setores da comunidade escolar.

Nesse tocante, o Sepe (Sindicato dos professores) colocou-se contrário à oferta do ER por ferir o estado laico. Esses setores entraram com ação no Ministério público expressando sua contrariedade, somado a isso todos os esforços da Prefeitura se voltaram à execução dos Jogos Olímpicos e posteriormente às eleições municipais, desta forma o debate acerca do ER sofreu um esfriamento.

É importante mencionar que esse cenário confessional abre precedentes de até que ponto o ER está a funcionando com o intuito de moldar o comportamento do aluno. Em

¹⁵⁰ VAIDERGORN, José. *Ensino religioso em escola pública pode gerar discriminação*. São Paulo: Agência Brasil, 2008. p. 4.

¹⁵¹ LEÃO, Roberto. *A questão ética não é privilégio das religiões*. São Paulo: Agência Brasil, 2009.

concordância a isso, a aplicação de Ensino de Valores independe da oferta de ER, visto que temas como solidariedade, cidadania e respeito mútuo são pertinentes a todas as disciplinas escolares.

Deixar a cargo de uma única disciplina, tendo a como redentora moral é um equívoco, visto que pode causar acomodação do corpo escolar sobre a responsabilidade de desenvolver potencialidades ao alunado comuns a todos os professores, além de incorrer ao risco de não propiciar o objetivo pedagógico ao sobrecarregar com temas transversais uma única disciplina que é ofertada uma vez na semana pela rede. Transmitir valores morais não deve ser exclusividade do ER: “para estudar valores morais, não é necessário estudar as religiões, basta estudá-los enquanto constructos históricos e socialmente elaborados”¹⁵².

Na teoria o que a Rede municipal propõe é separar alunos dos 4º e 5º anos e uni-los numa sala a parte para trabalhar as orientações curriculares sobre matriz africana, o que na prática constitui uma logística inviável, no tocante à necessidade de salas de aula extras. Além de todo o constrangimento imposto ao aluno e a segregação das turmas já citados, para o professor cumprir a carga horária de 12h semanais de aula (com 4 h de planejamento) teria que percorrer um grande número de escolas, visto que teria no máximo uma turma em cada escola resultante da junção, levando em conta que o quantitativo de alunos que professam o credo africano é uma minoria na Rede. Isso desmotiva e sobrecarrega o profissional. Como estratégia, esses professores ficam responsáveis pela oferta do Ensino de valores que é a opção que a prefeitura dá aos pais que não querem o ensino religioso para seus filhos.

Desta maneira, ora trabalham Religiões de matriz africana com um grupo de alunos, ora Ensino de valores com outro. O resultado disso é que os poucos professores convocados para o credo africano mais lecionam Ensino de valores que propriamente o Ensino Religioso das Religiões de matriz africana, o que dificulta o cumprimento das Orientações Curriculares elaboradas ao credo à contento.

É necessário ter um olhar crítico às justificativas de um quantitativo de pais que professam o credo africano no ato da matrícula ser minoria na Rede. Há uma tendência quando informado que o ER é facultativo e ao ser questionado sobre qual credo professa, do responsável reproduzir o que ocorre nas pesquisas do CENSO, ou seja, declarar-se católico, ou optar por Ensino de valores, ou em última instância declarar-se espírita. Isso ocorre como

¹⁵² SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetórias, limites e perspectivas*. 3. ed. Campinas: Autores Associados. 1997. p. 15.

defesa ao racismo reproduzido na sociedade e por temer que o filho sofra intolerância religiosa.

O preconceito que deixa marcas profundas nas crianças do candomblé durante sua vida escolar acompanha os praticantes da religião no mercado de trabalho. Invisíveis nos processos de seleção, muitos se declaram ‘católicos’ na hora de traçar seu perfil em entrevistas de emprego. Ou não declaram crença religiosa com medo da discriminação¹⁵³.

Outro destaque importante é o fato de que no caso das religiões de matrizes africanas, a mobilização ocorre porque o último censo detectou uma queda de 0,4% em 1991 para 0,3% em 2000 na proporção dos seguidores dessas crenças. A diminuição foi atribuída ao crescimento dos evangélicos, mas também ao preconceito e sincretismo religioso. As religiões de matrizes africanas, por preconceito, ainda são associadas só a negros, pobres e analfabetos. Isso leva muitos a se dizerem católicos ou espíritas, em vez de umbandistas ou candomblecistas¹⁵⁴.

Outro agravante é que as escolas de turno de 7h normalmente se localizam em áreas carentes, naturalmente dominadas pelo crime organizado, nessas áreas notoriamente impera as religiões evangélicas que disseminam o preconceito ao candomblé e umbanda de forma hostil, até mesmo expulsando praticantes dessas religiões de suas moradias. Com medo, a maioria dos responsáveis confessa ser católico, o que também justifica uma imensa convocação de professores desse credo em comparação aos de matriz africana.

Assim, na prática, o candomblecista ou umbandista acaba por se mascarar em católico ou negar a oferta do ER ao seu filho, optando por Ensino de valores, o que comprova que de forma subliminar o catolicismo é a religião eleita dentro dos muros escolares, por ser a religião de maior aceitação social. A contribuição do ER à Lei 10.639/03¹⁵⁵ acerca da cultura

¹⁵³ MONTEAGUDO Clarissa. Jornal EXTRA. 28/01/2009. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/com-medo-de-sofrer-preconceito-praticantes-do-candomble-nao-revelam-crenca-no-emprego-187578.html>>. Acesso em: 4 maio 2017, p. 2.

¹⁵⁴ GUALBERTO, Marcio Alexandre. Coletivo de Entidades Negras. Jornal Folha de São Paulo. *Minorias lutam por lugar nas estatísticas*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0108201015.htm>>. Acesso em: 3 maio 2017.

¹⁵⁵ “Já há registros na Associação de Proteção dos Amigos e Adeptos do Culto Afro Brasileiro e Espírita de pelo menos 40 pais e mães de santo expulsos de favelas da Zona Norte pelo tráfico. Em alguns locais, como no Lins e na Serrinha, em Madureira, além do fechamento dos terreiros também foi determinada a proibição do uso de colares afro e roupas brancas. De acordo com quatro pais de santo ouvidos pelo EXTRA, que passaram pela situação, o motivo das expulsões é o mesmo: a conversão dos chefes do tráfico a denominações evangélicas”. SOARES, Rafael. *Crime e preconceito: mães e filhos de santo são expulsos de favelas por traficantes evangélicos*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/crime-preconceito-maes-filhos-de-santo-sao-expulsos-de-favelas-por-trafficantes-evangelicos-9868829.html>>. Acesso em: 3 maio 2017.

africana, da história de suas religiões, do fortalecimento da identidade do negro e da valorização de seus costumes e hábitos acabam por ser abordados de forma secundária, somente em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra.

Diante de um contexto tão conflituoso, nem sempre o professor de Ensino Religioso tem qualificação apropriada em suas graduações para abordar as Religiões de matriz africana. O pré-requisito ao candidato ingressar no cargo declarado no Edital SMA 63/2012 é possuir qualquer Licenciatura plena que o habilite ao magistério nas séries iniciais e finais do Ensino fundamental e o credenciamento emitido pela autoridade religiosa competente. Contudo, os cursos dessas graduações não qualificam o profissional para o Ensino Religioso, nem tampouco para abordar Religiões de Matriz Africana, visto a imensa especificidade do tema abordado nesse estudo. Dessa forma, fica evidente que a qualificação desses profissionais é ineficiente, o que corrobora com a realidade encontrada em todo país acerca da formação básica dos professores de Ensino Religioso.

Prosseguindo com a análise do Edital, foram aplicadas aos candidatos Provas objetivas de conhecimentos básicos de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências e Fundamentos Teórico-Metodológicos e Político-Filosóficos da Educação e Legislação; e prova discursiva sobre a Relação entre as diferentes áreas do conhecimento e temas da vida cidadã, o que comprova a proposta da Rede municipal em priorizar o caráter interdisciplinar na condução da disciplina de Ensino Religioso.

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários¹⁵⁶.

Os resultados de uma formação básica ineficiente do corpo docente podem ser sanados à partir da oferta contínua de formações continuadas. Ao tomarem posse, os dez professores do credo africano foram submetidos a treinamento nas respectivas regionais.

¹⁵⁶ BRASIL, Ministério da Educação. *PCN - Parâmetros curriculares nacionais*. Vol. I, II e III. Brasília, DF: SEMTEC Editora, 2002, p. 88.

Foram discutidas as orientações curriculares propostas pela Rede municipal e o diálogo inter religioso fez-se presente.

De um modo em geral, o que entendemos com toda essa problematização é que o Brasil precisa avançar em muito na discussão sobre a liberdade religiosa e o tratamento igualitário entre todas as matrizes religiosas existentes no Brasil. E, neste cenário, a intolerância religiosa é considerada como umas das questões mais difíceis de serem enfrentadas pelos educadores, pelas escolas e pela sociedade em geral, pois a ausência de tolerância viola a dignidade humana, resguardada pela declaração dos Direitos Humanos.

Nunca se falou tanto em intolerância religiosa como hoje e é fácil de verificar de que esta ideia parte da visão que muitos têm de que a sua religião é a única verdadeira e não se dão a chance de conhecer outras culturas, outras religiões, contribuindo assim para o desrespeito com as demais religiões existentes. Com isso, perguntamo-nos se realmente será possível um ER sem proselitismo? Se entendermos a religiosidade como sendo uma autêntica dimensão humana, onde essa necessidade seja a plena realização humana, então será óbvia a necessidade de contemplarmos também este aspecto na proposta de sua educação. É grande o desafio do diálogo e do respeito mútuo quando se trata de religião no cenário brasileiro.

Por fim, cabe dizer que, com a pressão dos setores contrários à oferta do Ensino Religioso, especialmente no molde confessional, a Prefeitura modificou o viés. As formações, tornaram-se esporádicas e quando houveram, a abordagem se deu prioritariamente para a modalidade Ensino de valores. Após as últimas eleições municipais, o novo secretário de Educação César Benjamin lançou um projeto institucional à Rede chamado “Aqui é um Lugar de Paz”, como resposta aos numerosos casos de violência urbana no Rio de Janeiro, em especial em áreas de risco, onde encontra-se a maioria das escolas de turno de 7h e evidentemente a disciplina de ER. Esses profissionais têm sido requisitados a desenvolverem microprojetos em suas escolas de forma interdisciplinar acerca do tema.

CONCLUSÃO

Finalizado o estudo constatou-se que o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro - SEPE se posicionou contra a medida desde a votação na Câmara de Vereadores, em 2011, de aprovar o Ensino Religioso obrigatório nas escolas. O que se constatou através do estudo foi que o ensino de uma determinada religião não é obrigação da escola, assim, a Religião é um tema privado, familiar e comunitário, mesmo que o Estado defenda uma abordagem ecumênica.

Percebeu-se através desta pesquisa que o “ensino religioso plural” implantado no Rio de Janeiro separa as diferentes denominações religiosas, e conseqüentemente, os alunos que as seguem em aulas distintas, o que para muitos críticos configura um modelo de ensino religioso confessional, que implica em segregar os alunos, criando terreno fértil para a intolerância de credo.

É um fato importante ainda mencionar que a maioria dos professores desta disciplina é formada de “leigos” em ensino religioso, ou seja, o Brasil não possui uma tradição em habilitar os docentes nessa área, mas apenas de “credenciá-los” segundo os critérios das autoridades religiosas. Desta maneira, o professor de Ensino Religioso que atua da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental necessita de maior investimento em cursos de formação continuada, tendo em vista a deficiência em sua formação inicial. Principalmente porque o professor de ER sem formação acadêmica específica pensa e age como um leigo em um ambiente onde a formação profissional dos colegas lhes dão a autoridade para ensinar com segurança.

Em relação à pesquisa de campo, algumas conclusões se tornam úteis, destacando-se:

- Em resposta ao problema levantado, como objeto de estudo, constatou-se que as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, não exercem qualquer tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana. “Os professores de Ensino Religioso ao serem questionados se abordam as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município, disseram que: 80% não e 20% sim”.

- Perguntou-se se acham que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana, as respostas foram: 60% em parte; 30% não; e 10% sim.

- Ao serem questionados se tomaram decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares, observou-se que as respostas

foram as seguintes: 50% relata que a escola não tem esta prática; 40% sempre que achou necessário; 10% nunca parou para tomar decisões junto à equipe técnico-pedagógica.

Desta maneira, à partir da análise dos dados e pesquisa documental e bibliográfica chegou-se às seguintes conclusões sobre o estudo proposto:

Portanto, o ensino religioso confessional ofertado de forma facultativa na rede municipal não é satisfatório quanto à abordagem das religiões de matriz africana. Assim, percebeu-se que o ensino religioso confessional ofertado de forma facultativa na rede municipal não contribui efetivamente com a Lei 10.639/03, uma vez que não tem sido eficiente no combate ao racismo e à intolerância religiosa.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fábio Portela Lopes de. *Liberalismo político, constitucionalismo e democracia: a questão do ensino religioso nas escolas públicas*. 2006. 316 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.
- ARRIBAS, Célia da Graça. *O caráter religioso do espiritismo*. Revista fragmentos de Cultura. Goiânia. Volume 23, n. 1, 2013.
- AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- AZENHA, Maria da Graça Azenha. *Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- AQUINO, Felipe. *Dom Filippo Santoro: o ensino religioso ilumina os alunos na busca do sentido para a vida*. 5 de outubro de 2011. Disponível em <http://cleofas.com.br/dom-filippo-santoro-o-ensino-religioso-ilumina-os-alunos-na-busca-do-sentido-para-a-vida/>. Acesso em 2 de janeiro de 2017.
- BANON, Patrick. *Para conhecer melhor as religiões*. São Paulo: Claro Enigma, 2010.
- BASTID, Roger. *As artes de Roger Bastid: Artigos sobre o Brasil foram fundamentais para a formação de seu pensamento*. junho de 2011 in PESQUISA FAPESP. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/04/088-091-184.pdf?349aa2>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.
- BABATUNDE, Emmanuel D. *A critical study of bini and yoruba value systems of Nigeria in change: culture, religion and the self*. Lewinston, UK, The Edwin Mellen Press. 1992.
- BASTID, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, Sociologia, 1989.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, vol 2 Livraria Pioneira, 1971, p. 316.
- BASTOS, Shirley da Silva. *O ensino religioso: representações sobre um tema polêmico*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ, 2005.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BION, Davis. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, pp. 82-83
- BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto. *Textos políticos da história do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1996. BRASIL. Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931. Dispõe sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. Diário Oficial da República do Brasil, Rio de Janeiro, 31 dez. 1931.

BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 5 ed. São Paulo: perspectiva, 1998, 53.

BORBA, Denísia Martins. *As memórias que preservam as histórias*. In: VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral (ABHO), 2009, Belo Horizonte. Anais. Disponível em <<http://www.historial.kit.net/Denisiaborba.pdf>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2017, p. 2.

BRASIL. Parecer CNE/CP 3/2004, aprovado em 10/3/2004. *Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF, junho, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. *PCN - Parâmetros curriculares nacionais*. Vol. I, II e III. Brasília, DF: SEMTEC Editora, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997. *Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 jul. 1997.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

CABRAL, Marcelo Cabral. Debate: Ensino religioso na rede pública de educação. 28 de dezembro de 2014. Disponível em <http://www.forumrio.org/ultimas/ensino-religioso-na-rede-publica-de-educacao-do-rio-de-janeiro-divide-opinioes/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

CANDIDO, Viviane Cristina. *O ensino religioso e suas fontes: uma contribuição para epistemologia do Ensino Religioso*. 2004. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, SP, 2004.

CARVALHO, Francisco de Assis. *O gênero editorial e a polêmica do ensino religioso*. 2008. 217 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

CARNEIRO, Edilson. *Candomblés da bahia*. Editora do Museu do Estado da Bahia, Salvador, 1948, p. 42.

CASSEB, Samir Araújo. *Cultura de Paz e Não-Violência no Ensino Religioso: possibilidades através da vida e obra de Mahatma Gandhi*. 2009. 98 f. Monografia (Licenciatura Plena em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará Belém, 2009.

CAVALIERE, Ana Maria. *Quando o Estado pede socorro a Religião*. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, v.1. n.2, p. 1-12, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/contempeduc/article/view/1503>>, Acesso em: 12 mai. 2015. ISSN: 1809-5747.

CONTINS, Márcia. *Subjetividade e alteridade: os pentecostais negros no os pentecostais negros no Brasil e nos Estados Unidos*. LOGOS 21: Comunicação e religiosidades - Ano 11, nº 21, 2º semestre de 2004.

CUNHA JÚNIOR, Luiz Antônio. *A educação na concordata Brasil-Vaticano*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 106, p. 263-280, jan./abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a13.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2016. ISSN: 1678-7110.

CUNHA JÚNIOR, Luiz Antônio. *A educação carente de autonomia: regime federativo a serviço da Religião*. Revista Retratos da Escola, Brasília, DF, v. 6, n. 10, p. 95-104. jan./jun. 2012. Disponível em: . Acesso em: 26 mai. 2015. ISSN: 2238-4391.

CUNHA JÚNIOR, Luiz Antônio. *Confessionalismo versus laicidade no ensino público*. In: SAVIANI, Demerval. (Org.). Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira. Vitória: EDUFES, 2010.

CUNHA, Luiz Antônio. *Educação, estado e democracia no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2005.

CUNHA, Luiz Antônio. *O Sistema Nacional de Educação e o ensino religioso nas escolas públicas*. Educação & Sociedade, Campinas, v.34, n. 124, p. 925-941, jul./set. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v34n124/14.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2015. ISSN: 1678-7110.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ensino Religioso na Escola Pública: o retorno de uma polêmica recorrente*. Revista Brasileira de Educação. Nº 27. Set/Out/Nov/Dez 2004.

DERISSO, José Luis. *O ensino religioso na escola pública e a epistemologia dos materiais implementados nas escolas oficiais do estado de São Paulo após a lei nº 9475/97*. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, SP, 2006.

DOMINGOS, Marília de Franchesci Neto. *Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância*. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 45-70. set. 2009. Disponível em: . Acesso em: 26 mai. 2015. ISSN: 1677-1222.

FERNANDES, Vânia Cláudia. *(As) simetria nos sistemas públicos de ensino fundamental em Duque de Caxias (RJ): a religião no currículo*. 2014. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

FERNANDES, Vânia Cláudia; MENDONÇA. Amanda André. *A prática do ensino religioso nas escolas públicas do Rio de Janeiro após a Lei nº 3459/00*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 5., 2011, São Cristóvão. (Publicado em CD-ROM).

FONAPER - FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. 8 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo - *O Ensino Religioso - Perspectivas. Tendências e Desafios*. Petrópolis. Vozes, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 34.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. LIMA, Aline Pereira. O uso da religião como estratégia de educação moral em escolas públicas e privadas de Presidente Prudente. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, SP, 2008.

GUALBERTO, Marcio Alexandre. Coletivo de Entidades Negras. Jornal Folha de São Paulo. *Minorias lutam por lugar nas estatísticas*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0108201015.htm>. Acesso em 3 de maio de 2017.

HUBERMAN, A. Michael; MATTHEW, Milles B. *Analyse des données qualitatives: recueil de nouvelles méthodes*. Bruxelas. De Boeck Université, 1999.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2002, p. 196.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Ensino Religioso: aspectos legal e curricular*. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Espiritismo no Brasil*. Cad. CERU, Dez 2008, vol.19, nº2, p.173.

LARA, Eugenio. *Allan Kardec Racista?* sábado, 16 de fevereiro de 2013. Disponível em <http://umolharespirita1.blogspot.com.br/2013/02/allan-kardec-racista.html>. Acesso em 17 de janeiro de 2017.

LEÃO, Roberto. *A questão ética não é privilégio das religiões*. São Paulo: Agência Brasil, 2009.

LIMA, Vivaldo da Costa (1984), “Nações-de-candomblé”, in LIMA, Vivaldo da Costa (org.), *Encontro de nações de candomblé*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Asiáticos da UFBA e Ianamá.

MAGNOLI, Demétrio. Uma gota de Sangue: História do Pensamento Racial. São Paulo: Contexto, 2009, p. 24 a 30.

MÃE CARMEM PRISCO Religiosidade: As religiões de matriz africana e a escola. Disponível em <http://www.acordacultura.org.br/artigos/18102013/religiosidade-as-religoes-de-matriz-africana-e-a-escola>. Acesso em 2 de maio de 2017.

MAGALHÃES A. C. de M. “Sincretismo como tema de uma teologia ecumênica”, em *Estudos de Religião*. UMESP, n. 14 (1998): 49-70.

MBON, Friday M. “African traditional socio-religious ethics and national development: the nigerian case, in OLUPONA, Jacob K. *African traditional religions in contemporary society*, St. Paul, Minnesota, Paragon House. 1991.

MENDONÇA, Amanda André. *Religião na escola: registros e polêmicas na rede estadual do Rio de Janeiro*. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

MONTEAGUDO Clarissa. Jornal EXTRA. *Com medo de sofrer preconceitos, praticantes do candomblé não revelam crença no emprego*. 28/01/2009. Disponível em <http://extra.globo.com/noticias/rio/com-medo-de-sofrer-preconceito-praticantes-do-candomble-nao-revelam-crenca-no-emprego-187578.html>). Acesso em 4 de maio de 2017.

OLIVEIRA, LÍlian Blanck de [et al.]. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 52.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro. Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Brasiliense. 1978.

PACHECO, Lwdmila Constant. *Discussão acerca da influência da pertença religiosa na afirmação da negritude*. Mestranda em Psicologia Social pela UFS. Disponível em https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/2412/1/LWDMILA_CONSTANT_PACHECO.pdf. Acesso em 2 de maio de 2017.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. 1 ed. São Paulo: Paulinas. 2007.

PINHO, Leandro Garcia; VARGAS, Evandro Francisco Marques. *O processo da escolarização do Ensino Religioso confessional no sistema público estadual do Rio de Janeiro: contrapontos da Lei 3.459/00 à realidade escolar*. Revista Acadêmica de Licência & Acturas. v. 4, nº 1, janeiro/junho de 2016. Disponível em <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/96/92>. Acesso em 3 de fevereiro de 2017.

POLIAKOV, Léon.. *O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 142.

PRANDI, Reginaldo. *A intolerância contra o Candomblé – A raiz do racismo no Brasil*. Disponível em <https://ceticismo.net/2009/02/04/a-intolerancia-contra-o-candomble-a-raiz-do-racismo-no-brasil/>. Acesso em 2 de maio de 2017.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. Ver também: José Ivo Folmann. Trânsito religioso e o 'permanente peregrinar'. *Cadernos IHU em formação*, Ano VIII, n. 43, 2012,

PRESS, Gaudim. *Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprova Lei de Ensino Religioso*. Rio de Janeiro, Quarta-feira, 05-10-2011. Disponível em <http://www.gaudiumpress.org/content/30299-Camara-Municipal-do-Rio-de-Janeiro-aprova-Lei-de-Ensino-Religioso#ixzz4XMdFwmxH>. Acesso em 4 de janeiro de 2017.

QUINTANA, Eduardo. *Intolerância religiosa na escola: o que professoras filhas de santo tem a dizer sobre esta forma de violência*. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, v. 14, n. 14, p. 127-140, jul./dez. 2013. Disponível em: . Acesso em 26 mai. 2015. ISSN: 1982-3916.

RANQUETAT JÚNIOR, César Alberto. *Laicidade, laicismo e secularização: definindo e esclarecendo conceitos*. Revista Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 21, n. 1, p. 67-75, jan./jun. 2008. Disponível em: . Acesso em: 26 mai. 2015. ISSN: 2317-1758.

REHBEIN, F. *Candomblé e Salvação. A religião nagô à luz da teologia cristã*. São Paulo: Loyola, 1985.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei nº 3459, de 14 de setembro de 2000. *Dispõe sobre ensino religioso confessional nas escolas da rede pública de ensino do estado do Rio de Janeiro*. Diário Oficial do Estado, Rio de Janeiro, 14 set. 2000.

RIO DE JANEIRO (Estado). *Projeto de Lei nº 1840 de 18 de outubro de 2000*. Dá nova redação à lei nº 3459, de 14 de setembro de 2000 que dispõe sobre ensino religioso confessional nas escolas da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Diário Oficial do Estado, Rio de Janeiro, 18 out. 2000

ROHDE, Bruno Faria. *Revista de Estudos da Religião*. Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista, março / 2009 / pp. 77-96.

ROLIM, F. C. “*Religiões Africanas no Brasil e Catolicismo. Um Questionamento*”, em *África*. USP-FFLCH, Rev. do CEA, 1978(1): 41-62.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre, Artmed, 2000.

SANTOS, Guaraci Maximiniano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. Dissertação de Mestrado. PUC-MG, Belo Horizonte, 2015.

SAVIANI, Demerval. *A trajetória da pedagogia católica no Brasil: da Hegemonia à Renovação pela Mediação da resistência Ativa*. In: RAMOS, Lilian Maria Paes de Carvalho (Org.). Igreja, estado e educação no Brasil. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2005.

SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetórias, limites e perspectivas*. 3. ed. Campinas: Autores Associados. 1997. p. 15.

SIGNIFICADO. *O que é proselitismo*. Disponível em <https://www.significados.com.br/proselitismo/>. Acesso em 23 de março de 2017.

SILVA, Allan do Carmo; MENDONÇA, Amanda André de; BRANCO, Jordana Catelo; FERNANDES, Vânia. *Desafios à laicidade nas escolas públicas no estado do Rio de Janeiro*. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 14, n. 36, p. 26-42, jul. 2014. Disponível em: < <http://goo.gl/WttSGY>>. Acesso em: 26 mai. 2015. ISSN: 1982-0305.

SILVEIRA, Renato da (2000), “Jeje-nagô, iorubá-tapá, aon efan e ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha, 1764-1851”. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, 94 (6):80-101.

SME. Secretaria Municipal de Educação. *Sanção da lei do Ensino Religioso nas escolas da rede*: Escolas de turno único oferecerão a disciplina, que será opcional para alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. 19/10/2011 20:11:00. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?article-id=2226122>. Acesso em 2 de maio de 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993, p. 47 e 48.

SKIDMORE, Thomas E. *Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 79, nov., 1991, pp. 6-7.

ULTIMATO. *O dilema do proselitismo nas escolas*. Disponível em <http://www.ultimo.com.br/conteudo/o-dilema-do-proselitismo-nas-escolas>. Acesso em 23 de março de 2017.

VAIDERGORN, José. *Ensino religioso em escola pública pode gerar discriminação*. São Paulo: Agência Brasil, 2008. p. 4.

VON, Cristina. *Cultura de paz: o que os indivíduos, grupos escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo*. São Paulo: peiropolis, 2003.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. *Limites Conceituais no estudo das religiões Afrodescendentes*. (2005, p. 1117).

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: “As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana”.

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientador: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

Faculdade Unida de Vitória

1. Escolaridade

- Graduação
- Pós-Graduação
- Mestrado
- Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
- Letras
- Filosofia
- Matemática
- Outra.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
- Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
- Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
- 6 a 10 anos
- 11 a 15 anos
- 16 a 20 anos
- acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
- Estabilidade
- Facilidade de Emprego
- Vocação
- Falta de opção
- Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
- 10 a 20 horas
- 20 a 30 horas
- 30 a 40 horas
- 40 a 50 horas
- Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
- Protestante pentecostal tradicional
- Protestante pentecostal renovada
- Protestante
- Espírita
- Umbandista
- Candomblecista
- Mulçumano
- Islamismo
- Hinduismo
- Judaísmo
- Budismo
- Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Pouco satisfeito
- Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
- Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
- b) Reconhecer a diversidade religiosa
- c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
- d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
- Discordo
- Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
- Não
- Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
- Criou um seminário de iniciação científica
- Participou de atividades para a Mostra Cultural
- Não participou de nenhuma atividade
- Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
- Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
- A escola não tem esta prática
- Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
- Não foram oferecidos cursos
- Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
- Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
- Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
- Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- () Indisciplina
- () Salas com excesso de alunos
- () Poucos alunos optantes por esse credo
- () Metodologia utilizada é inadequada
- () Falta de interesse dos alunos
- () Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
- () Intolerância religiosa, medo, constrangimento
- () Recurso tecnológico insuficiente
- () Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- () Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
- () Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
- () Propiciam apoio pedagógico na escola
- () Propiciam maior tempo para planejar as aulas
- () Propiciam planejamento em grupo ou por área
- () Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- () Sim
- () Não

ANEXO 2 - EDITAL CONCURSO PÚBLICO RIO DE JANEIRO



(*) EDITAL SMA Nº68, DE 12 DE MARÇO DE 2012.

O SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela legislação em vigor e, tendo em vista a autorização exarada no processo 07/000368/2011 e, em conformidade com o disposto na Resolução SMA Nº 1640, de 28 de dezembro de 2010, retifica os Títulos I, VII, XI e XIII e o Anexo único, do Edital SMA nº 63/2012, que regulamenta o *Concurso Público para provimento de cargo de Professor de Ensino Religioso, do Quadro Permanente de Pessoal do Município do Rio de Janeiro, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, conforme a seguir:*

I DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 DO CONCURSO

1.2 O concurso destina-se à seleção de candidatos para o preenchimento de vagas no cargo efetivo de **Professor de Ensino Religioso**, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação para atuação **nas SÉRIES INICIAIS E FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**.

II. DO VENCIMENTO, DA CARGA HORÁRIA, DA TAXA DE INSCRIÇÃO E DA QUALIFICAÇÃO MÍNIMA EXIGIDA.

CARGO	VENCIMENTO	CARGA HORÁRIA SEMANAL	TAXA DE INSCRIÇÃO	QUALIFICAÇÃO MÍNIMA EXIGIDA
Professor de Ensino Religioso	R\$1.370,41	16h	R\$ 70,00	Licenciatura Plena de acordo com a Lei 5.303 de 19 de outubro de 2011 Credenciamento emitido pela Autoridade Religiosa competente

2.1 Será acrescido ao vencimento: **auxílio-transporte** (Decreto nº 17.110/98), no valor de **R\$ 121,00 (cento e vinte e um reais)** e **bônus cultura** (Lei nº 3.438/2002) R\$ 109,25 (cento e nove reais e vinte e cinco centavos).

2.2 Fará jus, também, ao benefício-alimentação (Decreto nº 35.098/2012).

III. DAS VAGAS

3.1 A distribuição das vagas será por Coordenadoria Regional de Educação - CRE, conforme consta do quadro abaixo:

CRE	CATOLICISMO		PROTESTANTE/ EVANGÉLICO		RELIGIÕES AFRO
	*R	**PD	R	**PD	*R
1ª	4	1	2	1	1
2ª	4	1	2	1	1
3ª	4	1	2	1	1

4 ^a	6	1	4	1	1
5 ^a	5	1	2	1	1
6 ^a	4	1	2	1	1
7 ^a	5	1	2	1	1
8 ^a	4	1	3	1	1
9 ^a	4	1	2	1	1
10 ^a	5	1	4	1	1
TOTAL POR CREDO	55		35		10

Legenda:

* R = Vagas Regulares

** D = Vagas para Portadores de Deficiência

IV. DAS PROVAS

4.1 A avaliação dos candidatos será feita através de Provas Objetiva e Discursiva, com base no conteúdo programático constante do Anexo Único deste Edital, ambas de caráter eliminatório e classificatório e de Títulos, apenas de caráter classificatório, conforme quadro a seguir:

V. Da Prova de Títulos

5.1 Os títulos deverão ser entregues pelo candidato ou pelo seu procurador legal, conforme escala a ser publicada quando da divulgação do resultado da Prova Discursiva, em Diário Oficial do Rio de Janeiro, acondicionados em envelope, identificado por formulário, devidamente preenchido e colado na parte externa do envelope, cujo modelo estará disponível no *site* <http://concursos.rio.rj.gov.br>;

5.5.1 Não será aceita, sob qualquer pretexto, a entrega de títulos fora do dia, local e horário determinados;

5.5.2 O candidato que não apresentar os documentos para avaliação de títulos receberá nota 0 (zero) e será classificado somente pela pontuação obtida nas provas objetiva e discursiva.

VI. DO RESULTADO DAS PROVAS

6.1 O resultado de todos os candidatos convocados para as Provas Objetiva e Discursiva será divulgado por Edital, publicado no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro e disponibilizado no *site* <http://concursos.rio.rj.gov.br>.

VII. DO PROVIMENTO E ADMISSÃO NO CARGO

7.1 No ato da posse, o candidato deverá comprovar a qualificação essencial, conforme o estabelecido no Inciso I, item 2, deste Edital, através de um dos documentos abaixo relacionados, de acordo com a Lei Municipal nº 1.881, de 23 /07/92 e a Lei Federal nº 9.394, de 20/12/96:

- Registro de Professor em curso de Licenciatura Plena na formação declarada, no ato da inscrição, expedido pelo MEC, até 18/06/98, data da publicação da Portaria nº 524, de 12/06/98 - D.O. União, que o habilite ao exercício do magistério no Ensino Fundamental;
- Diploma, devidamente registrado, em curso de Licenciatura Plena, com data de colação de grau, que o habilite ao exercício do magistério no Ensino Fundamental;
- Original de documento fornecido pela Instituição de Ensino, devidamente reconhecida e credenciada, com o reconhecimento de firma no caso de Instituição Privada, que contenha expressa declaração de que o candidato concluiu o curso de Licenciatura Plena, constando a data da efetivação da colação de grau, que o habilite ao exercício do magistério ao Ensino Fundamental;

ANEXO ÚNICO**Conteúdo Programático – PROVA DISCURSIVA****Referência Bibliográfica**

Disponível em <http://www0.rio.rj.gov.br/sme/destaques/multieducacao.htm>
RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. **Multieducação**: Núcleo Curricular Básico.
Rio de Janeiro, 1996.

FICAM MANTIDAS AS DEMAIS NORMAS ESTABELECIDAS NO EDITAL SMA Nº 63/2012, PUBLICADO NO D.O. RIO DE 05/03/2012.

(*) REPUBLICADO POR INCORREÇÕES

RIO DE JANEIRO, 12 DE MARÇO DE 2012.

PAULO JOBIM
Secretário Municipal de Administração



ANEXO 3 - QUESTIONÁRIOS APLICADOS

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra... *Geografia*

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
 b) Reconhecer a diversidade religiosa
 c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
 d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

2

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: “As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana”.

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra: *Religião*.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
b) Reconhecer a diversidade religiosa
c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclasses, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentadas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

2

3

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra... *Pedagogia*

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Muçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
b) Reconhecer a diversidade religiosa
c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

4

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
 b) Reconhecer a diversidade religiosa
 c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
 d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

4

5

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra *Redação*

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
 b) Reconhecer a diversidade religiosa
 c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
 d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

5

6

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: “As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana”.

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
b) Reconhecer a diversidade religiosa
c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclasses, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

7

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra.....*Letras de Ciências*.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espirita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduismo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

77

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
b) Reconhecer a diversidade religiosa
c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

8

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra.....*Pedagogia*.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

8

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
b) Reconhecer a diversidade religiosa
c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclasses, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: “As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana”.

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Muçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

9

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
b) Reconhecer a diversidade religiosa
c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

10

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA
RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa de Mestrado (Dissertação) Profissional em Ciências da Religião que será apresentada à Faculdade Unida de Vitória.

Título da pesquisa: "As Diretrizes Curriculares Utilizadas pelo Município do Rio de Janeiro na Formação de Professores de Ensino Religioso: influência e prática nas religiões de matriz africana".

Pesquisadora Responsável: Juliana de Jesus Chinelli

Orientadora: Professor Doutor José Adriano Filho

Objetivo: Verificar se as diretrizes curriculares utilizadas pelo município do Rio de Janeiro na formação de professores de Ensino Religioso, exerce algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana.

Professor, por gentileza, ao responder o questionário, marque apenas uma opção de resposta. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Escolaridade

- Graduação
 Pós-Graduação
 Mestrado
 Doutorado

2. Qual sua formação básica na graduação?

- História
 Letras
 Filosofia
 Matemática
 Outra..... *Pedagogia*.....

3. Se tem Pós-Graduação, é na área de ensino religioso?

- Sim
 Não

4. Acredita que seu curso de graduação o qualificou para ministrar aulas de ensino religioso abordando religiões de matriz africana?

- Sim
 Não

5. Tempo de atuação na função na Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, outra rede e/ou setor privado:

- 0 a 5 anos
 6 a 10 anos
 11 a 15 anos
 16 a 20 anos
 acima de 21 anos

6. Por que você exerce a atividade de professor de Ensino Religioso?

- Boa Remuneração
 Estabilidade
 Facilidade de Emprego
 Vocação
 Falta de opção
 Outra

7. Horas semanais de trabalho

- até 10 horas
 10 a 20 horas
 20 a 30 horas
 30 a 40 horas
 40 a 50 horas
 Mais de 50 horas

8. Qual sua religião?

- Católica
 Protestante pentecostal tradicional
 Protestante pentecostal renovada
 Protestante
 Espírita
 Umbandista
 Candomblecista
 Mulçumano
 Islamismo
 Hinduísmo
 Judaísmo
 Budismo
 Outras

9. Qual o nível de satisfação em relação ao Magistério da disciplina Ensino Religioso?

- Muito satisfeito
 Satisfeito

- Pouco satisfeito
 Insatisfeito

10. Enquanto professor de Ensino Religioso você aborda as religiões afro brasileiras em sala de aula, fundamentado nas diretrizes curriculares do município?

- Sim
 Não

11. Abordar temas como as religiões afro brasileiras em sala de aula pelo professor em sala de aula o ajudará a:

- a) Compreender a história do negro africano no Brasil
 b) Reconhecer a diversidade religiosa
 c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças
 d) Em nada o ajudará

12. Você concorda com o Ensino Religioso implementado nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro?

- Concordo
 Discordo
 Não conheço a proposta de Ensino Religioso do município

13. Você acha que as escolas do Município do Rio de Janeiro estão cumprindo sua missão quanto ao Ensino Religioso, no tocante as religiões de matriz africana?

- Sim.
 Não
 Em parte

14. Planejou e executou atividades extraclases, baseadas nas diretrizes curriculares?

- Elaborou Projetos Educacionais
 Criou um seminário de iniciação científica
 Participou de atividades para a Mostra Cultural
 Não participou de nenhuma atividade
 Participou de outras atividades

15. Tomou decisões pedagógicas junto à equipe técnica pedagógica da escola, fundamentadas nas diretrizes curriculares?

- Sempre que achou necessário
 Nunca parou para tomar decisões junto a equipe técnico-pedagógica
 A escola não tem esta prática
 Não acha que seja importante participar destas decisões

16. Participou de curso (s) de capacitação oferecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016/17?

- Todos que foram oferecidos
 Não foram oferecidos cursos
 Os que foram oferecidos não eram do meu interesse
 Não fui comunicado(a) da realização de cursos de capacitação para professores da Instituição

17. Participou de Congressos e Seminários oferecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro?

- sim
 Não

18. A escola onde atua dispensa para participar de Formação Continuada que não seja ofertada pela Rede?

- Sim
 Não

19. Qual motivo você considera contribuir para uma avaliação negativa dos alunos em relação a abordagem das religiões de matriz africana?

- Indisciplina
 Salas com excesso de alunos
 Poucos alunos optantes por esse credo
 Metodologia utilizada é inadequada
 Falta de interesse dos alunos
 Falta de estrutura da escola e apoio pedagógico
 Intolerância religiosa, medo, constrangimento
 Recurso tecnológico insuficiente
 Mais de uma das opções acima

20. As formações continuadas oferecidas pela Rede, exercem algum tipo de influência em sua prática ao se tratar da abordagem de religiões de matriz africana?

- Propiciam uma Formação e capacitação do professor para aulas mais dinâmicas
 Propiciam uma Formação Complementar Pedagógica aos professores que não possuem
 Propiciam apoio pedagógico na escola
 Propiciam maior tempo para planejar as aulas
 Propiciam planejamento em grupo ou por área
 Propiciam mais de um desses motivos acima

21. Você leciona ensino de valores na sua escola?

- Sim
 Não

10